

Julia Lopes de Almeida

~~~~~  
ELLES

E

ELLAS



FRANCISCO ALVES & C.<sup>a</sup>

RIO DE JANEIRO

Rua do Ouvidor, 166

S. PAULO

Rua de S. Bento, 65

BELLO HORIZONTE

Rua da Bahia

1910

le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin

**ELLES E ELLAS**

## OBRAS DA AUTORA

---

Traços e Iluminuras, contos.  
A Família Medeiros, romance.  
A Viuva Simões, romance.  
Memórias de Martha, novella.  
Livro das Noivas.  
A Fallencia, romance.  
Historias da nossa Terra, contos para crianças.  
Ancião Eterna, contos.  
A Intrusa, romance.  
Livro das Donas e Donzellas.  
Cruel Amor, romance.  
A Herança, comedia em um ato.  
Elles e Ellas, monologos e dialogos.

### *De colaboração:*

Contos Infantis, com Adelina Lopes Vieira.  
A Casa Verde, romance, com Filinto de Almeida.

### *A publicar:*

Um volume de conferencias.  
Um volume de novellas.  
A impunidade punida, peça em tres atos.

*Julia Lopes de Almeida*

---

# ELLES E ELLAS



FRANCISCO ALVES & C.<sup>a</sup>  
RIO DE JANEIRO  
Rua do Ouvidor, 166  
S. PAULO || BELLO HORIZONTE  
Rua de S. Bento, 65 || Rua da Bahia  
1910

*Todos os exemplares deverão ser rubricados pela autora*

*A. Mendes*

**«Vous trouvez ces minces détails insignifiants, mais la vie se compose de détails, comme l'heure se compose de minutes.»**

**CAMILLE FLAMMARION.**





## Os vícios delles

Quatro horas da tarde. Izidora acaba de servir chá com boloa ás suas amigas Magdalena, Luciana e Martha. O gato preto Nhônô persegue no chão as sombras moveiças da trepadeira da janela, de folhaa chataa como borboletas. As senhoras palestram.

*Izidora* — Qual é o vicio que as mulheres perdoam com mais facilidade aos seus maridos ?

*Luciana* — O do fumo.

*Martha* — Dizes isso porque és cazada com meu irmão, fumante tão incorrigivel que nem para dormir tira o charuto da boca. Tambem por isso está ficando com o bigode manchado, crestado e com os dentes amarelos, como as teclas de um piano martelado por muitas gerações. Se sofresses do figado, como eu, ou não o beijarias nunca na boca, ou já terias morrido. O tabaco é um veneno, de uzo grosseiro e consequencias terríveis; basta lembrar que o cancro na lingua é quazi sempre produzido por elle. Demais a mais dispendiozo, porque o Havana é um luxo caro, que arruina a bolsa e o

organismo, de uma assentada. Não era atôa que Alfonse Karr afirmava:

*«Fumer est un des plaisirs les plus bêtes et le plus coûteux.»*

Não sei se é dos mais estúpidos, mas é o mais constante de todos os vícios, porque é de todas as horas, e o que mais rouba a energia e a independência dos homens. Um fumante sem tabaco é um homem inútil. Roubem-lhe a cigareira e roubar-lhe-ão as idéas e a disposição do trabalho. O fumo é um vício que escraviza, que nulifica, que toma para si todas as faculdades produtivas dos individuos. Senão, vocês reparam: tal ou tal matematico, e isto para citar homens afeitos a abstrações, sente-se positivamente incapaz de resolver problemas, que em outras circumstancias lhe pareceriam faceis, se, ao meter a mão no bolso á cata do cigarrinho, verificar que o deixou em caza, a uns tantos kilometros de distancia. A essa catastrophe o cerebro nega-se a qualquer trabalho digno. O despotismo do cigarro é mil vezes maior que o do czar de todas as Russias, porque elle escraviza e submete á inação mais desesperadora o proprio pensamento!

Ha escritores que só produzem, ao sabor e ao atordoamento de cigarros consecutivos; o cigarro entra assim a fazer parte integrante do seu ser moral. Ah! ao cigarro é que eu não perdôo nada. Elle é a expressão réles, malcriada, de

vicio barato, uma coisa *infima*, que entrou para as rodas superiores, como certas criadas de servir entram para a aristocracia — levadas pelo capricho de alguns homens de gostos depravados.

Não conheço nada mais petulante do que um cigarro, e quanto mais ordinario é, mais se acentua nelle essa qualidade aggressiva. Vocês talvez não acreditem, mas a verdade é que, cada vez que eu encontro um colegial meninote de cigarrinho na boca, sinto vontade de cuspir; e notem que eu não faço tal coiza senão por enjôo ou por doença. Esse ato é, portanto, determinado em mim por uma impressão de repugnancia e de vexame, que não sei reprimir. E é talvez porque de todos os vicios esse é o mais generalizado e de que se abuzo com mais desfaçatez, que eu tanto o abomino. Felizmente, meu marido não fuma. Quando o beijo, é como se beijasse uma criança.

*Luciana* — Deus me livre. Que horror!

*Martha* — Eu não lhe perdoaria a boca amarga, os pelos do bigode queimados, o halito estragado, as unhas cõr de ambar . . .

*Magdalena* — Pois eu gosto do cheiro do tabaco, e para mim um homem que não fuma parece-me incompleto. Mas eu sempre quereria que me explicassem por que, sendo nós mais fracas, segundo a afirmação universal, não nos deixamos dominar pelos vicios, como os

homens fortes; porque mesmo o teu, Martha, se não fuma, joga.

*Martha* — Infelizmente . . . Mas vejam como são as mulheres: como aludi ao vicio do marido della, ella não quiz deixar na sombra o do meu.

*Magdalena* — Sabe que isso não é segredo para nós. Mas ahi está: de todos os vicios, o do jogo é o unico intelectual; e, como é sujeito a periodos de repouzo, favorece o espirito para reacções.

*Luciana* — Qual reacções! Nos intervalos de descanso o jogador não pensa senão em recommear o jogo; -vive assim numa perene anciedade, devorado por ambições, gasto por noitadas consecutivas e toda a especie de desordens fizicas e moraes.

O jogador é quazi sempre fraco de carater, supersticioso, desconfiado, casmurro. Para elle, gloria, familia, trabalho, amor, tudo se dilue nas duas côres dos quatro naipes de um baralho e na rapidez dos minutos na roleta do azar. Felizmente, o marido aqui de Martha é apenas um *dilettanti*, não é um profissional; entretanto, supponho que ella se deva aborrecer, porque necessariamente elle preferirá ir jogar o *poker* no seu club a leval-a aos espetaculos, ás recepções das amigas ou a ler alto para ella ouvir, em caza, os romances do Eça ou do Machado de Assis.

A mulher de um jogador aferrado é uma vítima ignorada no silencio das noites, curtindo saudades do passado e sustos pelo porvir, sempre com medo de ver entrar o marido em caza arruinado ou louco, quando não volte cadaver, nos braços de parceiros mais felizes...

Se o fumo estraga a saude em picadelas lentas de alfinetes, que transformam o figado e o baço em colxões velhos e informes, o jogo mutila-a depressa a machadadas fundas e bem vibradas.

E' uma paixão com sopro de vendaval, que tudo leva diante de si, essa do jogo e a que mais alheia o homem da sua familia e dos seus deveres... Ante a tentação de um tapete verde — a honra é um espectro de papelão e o amor uma fantazia de crianças. De sério e de interessante no mundo só ha os dados do azar.

Seria esse o vicio que eu menos perdoasse a um homem, se ainda não houvesse outro peor..

*Izidora* — As mulheres?

*Luciana* — Não. O vinho.

*Martha* — Esse é torpe.

*Magdalena* — E' bestial. A inconciencia da bebedeira dá á fizionomia do homem mais inteligente e mais fino uma mascara de porco imundo. Haverá amor de mulher que rezista a tão rude prova?

Acreditará alguém que a espoza de um alcoolico possa ter por elle alguma especie de

consideração, sem a qual não existe a felicidade na família?

Eu não. E custa-me até imaginar que um homem culto se entregue ao vicio da embriaguez. O vinho é um vicio de taberna, de ruas escuzas, um vicio execravel, de ignorantes e de brutos.

*Izidora* — Entretanto.

*Magdalena* — Entretanto, bem o sei, ha muitos homens educados, responsaveis muitas vezes por um nome de familia bem considerado na sociedade, que não rezistem a ir tomar com frequencia os seus copinhos de *wisky*, quando não de paraty, á beira dos balcões, esquecendo-se, no convivio das garrafas, da propria dignidade, dizendo asneiras, chorando como um dia de chuva, rindo como palhaços ou clamando como possessos. A falta de compostura dos bebedos ofende até as paredes. Não ha nada mais ridiculo nem mais repugnante. Felizmente, o meu marido não bebe senão á comida: mas então, ai de todo o pessoal da caza se lhe não puzerem junto do prato a sua garrafa de Bordeaux!

*Martha* — O meu tambem; e igualmente não dispensa o seu calice de cognac ao café. Mesmo que chova a cantaros, não havendo cognac em caza, tenho de o mandar buscar... E' uma maçada!

*Luciana* — O meu de vinho gosta pouco; mas

não passa sem cerveja, pelo menos trez garrafas por dia...

*Martha* — Oh!

*Magdalena* — Oh!

*Luciana* — Uma ao almoço, outra ao jantar e outra á noite.

*Magdalena* — Não deves consentir nesse abuso, elle assim ficará obezo!

*Luciana* — Oh! minha querida, que mulher terá prestígio bastante para impedir ao marido a satisfação dos seus dezejões? É tu, Izidora, que nos dizes de teu marido? elle não bebe?

*Izidora* — Não; meu marido não bebe senão agua...

*Martha* — Faz elle muito bem. Parece-me que tambem nunca o vi fumar

*Izidora* — Não; meu marido não fuma.

*Luciana* — Joga?

*Izidora* — De longe em longe, uma ou outra paciencia, commigo.

*Magdalena* — Mas nesse cazo teu marido é um poço de virtudes. E' um monstro!

*Izidora* — Vais ver: como parece forçozo que todo o homem se submetta á humilhante contingencia de um vicio, meu marido não pôde resistir ao do amor.

As mulheres fascinam-o, como os jacarés ás crianças. Elle vive sempre alheado de mim, no deleite das suas paixões de aluguel ou de emprestimo, e, o que lhes posso afiançar, é que

isso me ocasiona as mais dolorozas revoltas de amor proprio, e me dá a certeza de que, embora o vicio das mulheres seja entre todos os vicios o de mais curta duração na vida de um homem, é tambem aquelle que uma espoza, embora diga o contrario, menos perdôa.

*Martha* — Pois olha, filha, para mim, de todos os vicios, esse é o unico compreensivel.

*Luciana* — Eu ainda digo mais: é o unico desculpavel!

*Magdalena* — Sim, nos maridos das outras...

---



## Se, por um cataclismo . .

---

Se, por um cataclismo original, um dos dois sexos tivesse de ser repentinamente suprimido de sobre a face da terra, qual d'elles sentiria mais a falta do outro? Ora ahi está um dilema. Se eu interrogasse a tal respeito ali a minha cara tia, que já agora irá de corôa e capela virginaes para a cova, ella responderia sem hesitar que, dada tão extraordinaria catastrophe, o sexo masculino sentiria muitissimo mais falta do feminino do que este d'aquelle. E não admitiria réplica, porque a opinião das solteironas é sempre que os homens não podem dispensar as mulheres. . . Refletindo, porém, sem a intervenção da tia, e unicamente á luz de um bom criterio, quer-me parecer que o sexo feminino seria o mais prejudicado, porque, além de ser mais fraco, é destituido de faculdades praticas e positivas, e o menos apto para tirar partido de dificuldades, embora tenha a prezunção de se crer habilidozo.

Essa apregoada habilidade feminina é a as-

neira mais comica, mais gorda e mais falsa, de todas as que andam a rolar com aprovação unanime pelo nosso ingenuo planeta. Pois eu não vejo cá em casa? E o que vejo em minha casa não o vi na de minha madrinha, na de meus pais e na de meus avós? Em todos esses lares sinceros e respeitaveis se proclamava, com a soberania das opiniões incontestaveis, que a mulher não tem a capacidade intelectual dos homens, mas que os excede em geito manual para executar certas obras com perfeição. Entretanto, em todos esses lares, quando havia um cristal a colar, um risco de canteiro a fazer, ou um buraco de rato a entupir, era solicitada, para seu acabamento, a intervenção do chefe da casa, ou, na sua falta, a de qualquer outro homem da familia! Oh! eu adoro as mulheres, mesmo a minha, apesar do seu geniozinho picado pela vespa do ciume; mas por adorar minha mulher . . . e as dos outros, não é que hei de concordar com essa apreciação injusta. Basta lembrar-me do que me tenho cansado para ensinar bilhar á minha. Jogos de calculo? o bezigue, mesmo o poker? muito bem; chega até a ganhar-me, ás vezes! Mas no bilhar, mais dependente de habilidade do que de raciocínio, é uma desgraça; não consegue fazer uma carambola em cada vinte das minhas, e já na maneira por que maneja o taco é de fazer rir . . .

Se eu tivesse paciência, haveria de descobrir

a nacente da opinião que attribue tais vantagens á mulher, opinião que não enreda só a sua vaidade, mas tambem o juizo dos homens. Todos elles estão convencidos de que em materia de habilidade são uns insignificantes, uns nulos, ao lado das suas carissimas consortes de mãos de prata, dedos de fada, unhas de cherubim...

Um regalo! Eu rio-me por dentro, porque, emfim, não quero desconsiderar ninguem, sempre que chegando a caza, minha mulher me diz: — Sabes? tenho lidado todo o dia para abrir a gaveta das joias e ainda o não consegui; vê se me fazes isso.

E eu chego-me á gaveta e, sem empregar força, não me servindo senão muito delicadamente de geito, dou uma voltinha á chave e.. záz! abro a gaveta! Ella não se espanta, acha naturalissimo que a gaveta emperrada e teimoza não tivesse cedido á sua mão fragil e obedecesse cegamente á minha; e nessa mesma tarde, se temos vizitas e a conversa acontece envolver comparações entre as capacidades masculinas e femininas, a minha trefega mulherzinha — oh! muito trefega! — é a primeira a afirmar que os homens têm, talvez, mais talento (sempre ha uma duvida...) mas que as mulheres têm indubitavelmente muito mais habilidade. E toda a gente se apressa em concordar com um: — lá isso é verdade! — que me faz cocegas na alma.

Diabol em que se tem revelado essa supre-

macia? Em bordar a branco ou a matiz, em fazer sapatinhos de tricot ou toucas de crochet? O Joaquim mulato, da caça de meu avô, era inexcusável nesses ofícios, sobrepujando as mulheres que tinham aprendido com elle na mesma mestral! E todos nós fariamos o mesmo se tivéssemos a pachorra de nos dedicar a tal, e a prova evidente, esmagadora, terrível, está em que as senhoras exigentes e de bom gosto mandam fazer os seus vestidos, onde? nas costureiras? não! nos alfaiates. Qual! Uma senhora que dezeje um vestido bem talhado, bem acabado, que assente no corpo como uma luva, como ellas dizem, não vai ao *atelier* de *madame* tal nem da senhora X., mas aventura-se a subir ao primeiro andar deste ou daquelle alfaiate de bom tom, para encarregar-o dessa comissão e vir depois suspirar alto na sociedade, entre um côro de — amens — que: realmente, as mulheres têm muito mais habilitade do que todos nós!... Terão; mas eu sempre gostaria de saber se entre tantas operarias das diferentes oficinas da cidade, ha alguma relojoeira, ou electricista, ou se entre o numero de medicas que já possuímos, ha alguma oculista, ou operadora. especialidades que requerem um certo gráu de geito e de leveza de mão, muito de acordo com as apregoadas qualidades femininas, virtudes que eu negaria á evidencia com duas penadas rijas, se quizesse ir ao encontro de idéas preconcebidas, do que

Deus me livre, porque sou muito sensato para comprometer-me ou para perder o meu latim...

Depois, para quê? com as mulheres ha todas as vantagens em se estar bem; basta o que se dá cá em caza... Afinal, eu não nego a minha mulher geito para fazer pasteis folhados, nem para tocar piano; mas não posso extaziar-me ante essas suas duas aptidões, se venho de fazer *lunch* em uma das nossas confeitarias principaes, ou de ouvir o Arthur Napoleão em um concerto. Quando isso se dá, noto que a falta de intensidade na minha admiração lhe parece uma prova de dezamor...

Parece impossivel como, sendo cazada ha tantos anos, ella ainda não se acostumou a esta indiferença. nem se acostuma, porque a mulher vê tudo atravéz da sua imaginação, e com as côres fabricadas pelo seu capricho. Se minha mulher entender que eu devo ser azul, e eu fôr côr de roza, por expressa deliberação do destino, ella olhará para mim com resentimento, embora não diga nada, porque as mulheres submetem-se melhor do que nós ás amarguras da sorte; sómente, do que ella não se lembra, para desculpar-me, é que a culpa de eu não ser azul é inventada por ella sem consciencia minha. E ahi está um sofrimento inventado pela imaginação, e não ha imaginação mais poderosa nem mais feiticeira do que a das mulheres.

Unicamente, ellas desconhecem as suas capacidades cerebrais e entretêm-se a cultivar outras, em que são inferiores.

Diabo, isto é sono; começo a embaralhar as idéas... a continuar por este fio bambo, sou capaz de afirmar a mim mesmo que, ao inverso do que se diz: os homens são mais habilidosos, mas as mulheres são mais inteligentes!..

## Cada vez que

---

«Cada vez que peço dinheiro a meu marido e que elle acompanha o gesto de o tirar da algibeira com estas palavrinhas:— Oh, já acabaste com todo o dinheiro que te dei hontem?!— sinto um calafrio subir-me dos calcanhares á nuca.

Devo corar, porque elle modifica logo o tom em que o espanto envolve uma censura e sorri, magnanimo, pondo-me nos dedos tremulos as notas requizitadas, como se m'as desse para comprar balas e bonecas! E o dinheiro, afinal, não é para mim, é para nós; é para elle, mais exigente que eu nos regalos da meza e do conforto. De humilhada que me sinto, parece-me então que me contentaria com o mais humilde cantinho da terra e que despida de todos os luxos, roendo hervas cruas como os cabritos, eu me sentiria mais glorioza, por mais independente, do que nesta contingencia de pedir, de precisar... Elle ás vezes percebe a minha aflicção,

e vem em meu socorro; por seu gosto, bem sei, passaria um rio de dinheiro através da nossa caza, onde eu até poderia nadar, se me aprouvesse; mas. Ah!, o *mas..* terrivel! lá vêm as explicações já tão minhas familiares!

As despesas aumentam.. os recursos escasseiam. os clientes têm-se reduzido; toda a gente goza de uma saude de ferro e os outros... não pagam. ou pagam mal...

E' bom conhecer a situação.. evitar desperdícios... que eu abra os olhos.. a minha boa fé. a minha bondade... os criados abuzam. emfim, enquanto elle tiver saude e forças... mas devo auxiliá-lo. economizar, economizar! Elle mata-se. Comsigo não gasta nada!

Calo-me, lembrando-me de que as economias de meu marido se resumem em fazer por suas mãos licores que ninguem bebe, perfumes que só elle uza. Entretanto, elle tira o dinheiro do bolso, com ar soberano, e eu estendo a mão, como uma mendiga. E' esta a minha impressão. E logo elle pergunta com voz clara, vibrante, contando as cédulas: quarenta... cinquenta... cem.. chega?! A voz não sei em que escaninho do peito se me esconde; balbucio sem convicção: «Sim... póde ser...» — Vê lá! previne elle ainda; e eu, morta por sahir da situação, fujo! Elle sai. Corro para o meu livro de contas, o meu caos, o meu inferno, a minha



confusão! O dinheiro não chega. Verifico. Não chega! E agora?! Reajo contra a minha imbecilidade, decido esclarecer a situação, provar ao senhor meu marido que as despesas são feitas por amor delle. Cá por mim, na minha qualidade de caracol, dispenso vinhos, iguarias caras e, embora com um bocadinho de sacrificio, até os teatros.

Só não posso dispensar a caza. nem tampouco a roupa. Era o que faltava! Mas afinal, e isto é que eu dezejaria que elle comprehendesse: haverá no mundo mulher que dispenda tão pouco em *toilettes*, como eu?! Chego a evitar sair agora, por exemplo, não tenho, a bem dizer, um unico vestido... o côr de roza? hum. é muito espalhafatozo... O preto? sim, o preto não é máu... mas já o azul está pouco a meu gosto e o verde não me vai bem. Talvez o branco seja o mais *chic*. não; o mais *chic* é o cinzento, apesar de dizerem que me vai melhor o *marron*!

Uma desgraça! Outra qualquer não se importaria com isso. Que viesse a conta da modista e a da chapeleira, na certeza de que dinheiro gasto com *toilette* é dinheiro gasto com a ilusão que prolonga a felicidade no amor.

Dou razão a essas; mas que querem? não tenho genio para abuzos e é talvez por isso que me sinto ofendida quando me dizem, arregalando os olhos, como para me meterem á cara

uma felicidade superior aos meus merecimentos:

— Seu marido é muito bom; não lhe falta com coisa alguma! Boa meza criadas.. caza. vestidos..

Recolho-me ao fundo da minha consciencia e indago:

«Bastará? A felicidade será feita só desse bem-estar material que pensa toda a gente não me custar nenhum sacrificio? O coração, contentar-se-á com isso?» Chego a duvidar, ás vezes, da minha razão e a adquirir a certeza de que a consciencia do meu marido está absolutamente tranquila, nesse sentido, a meu respeito. Como os outros, elle diz de si para si: «Ella é feliz; não lhe falta nada...» e essa idéa autoriza-o a um ou outro devaneio que, sem que elle talvez o perceba, o vai afastando de mim.

Se o casamento torna geralmente os individuos mais complexos, porque suporem que á felicidade da mulher cazada basta o gozo material da vida?

Sou uma boneca de carne e osso; não sou mais nada. A minha dependencia é o motivo da felicidade que todos celebram ao redor de mim, como se fôra favor dar um marido á sua mulher, caza, meza e vestuario. A minha pena é pensar estas coisas e não saber dizel-as, para fazel-o compreender a minha alma. Suponho que os homens cuidam que as mulheres têm isso só

quando são mãis, e eu não tenho a fortuna de o ser. O marido não precisa nem dezeja que a espoza lhe diga senão a palavra da ocazião. Pede uma resposta. Está servido.

Só para o filho a mulher pôde falar em termos que atinjam o futuro ou revolvam o passado; só para elle o seu pensamento tem historia! Se eu tivesse um filho, deixaria de ser a boneca de carne e osso, para ser a mulher! D'ahi, quem sabe? talvez seja a mesma coiza, e os mais velhos cazais e os mais ternos ainda se olhem, apesar da communhão dos filhos, algumas vezes como estranhos. Por mim, sinto-me, apesar do meu esforço, ainda incompreendida! Quando me debruço sobre o hombro de meu marido para seguir-lhe a leitura, percebo no gesto suave com que elle afasta o livro dos meus olhos, esta significação:

— Tu não entendes disto... vai-te embora!

Eu retomo o meu lugar, um tanto envergonhada da ouzadia, e elle segue sózinho nessas altas regiões do espirito, que me são vedadas. O meu plano é outro, cá em baixo, e arrojam-me para elle com tão repetidos impulsos, que começo a magoar-me.

Ah! o lar! a sagração da mulher. Entretanto os homens, pelo menos meu marido. meu pai também. imiscue-se tanto na ordem da caza, que a gente tem vontade ás vezes de cruzar os braços e deixal-os operar sózinhos! Afi-

nal, quem faz, refaz, dá gostos, impõe vontades, não somos nós, pelo menos eu, mera conservadora.. Tudo é elle! Tudo! a caza é o mundo que está aos seus pés, obediente ao seu gesto; abrem-se as portas a quem elle quer, fecham-se a quem lhe convém... A minha virtude deve consistir em ser de facil persuazão. Meu marido quer, meu marido não quer, e acabou-se! Entretanto, as nossas opinões são dezencontradas; mas, pela minha submissão, concordamos infalivelmente! Elle nem dá pelo sacrificio; dir-se-ia que a rua por onde anda não tem outro calçamento!

E' que o sacrificio da mulher é mudo, tanto quanto o do marido, é barulhento. Com que expansões, não só o meu, mas todos elles, falam da necessidade de trabalhar para sustentar tantas bocas, pagar mais isto e mais aquilo, para conforto e alegria da familia que cada um delles constituiu! A gente até fica vexada. ser carga é uma coiza bem triste!.. Fardo. boneca de carne... em rezumo: parece que não me tomam por outra coiza. Pois com estes pensamentos vejo que me esqueci de mandar a cartola de meu marido para o chapeleiro. Elle vai zangar-se... ora adeus, se me perguntar, digo-lhe que já a mandei. *N'ôtez pas le mensonge á l'homme, il ne saurait plus vivre*, disse Ibsen, esse doce e piedoso amigo das mulheres. Tambem o que vale é que meu marido não precisa da cartola

para amanhã; em todo o cazo, se eu confessar que me esqueci de a mandar, elle é capaz de afirmar que precisa della até para hoje, e o diabo é que tenho de convencer-me dessa necessidade e isso nem sempre é facil! Se me não convenço, elle irrita-se... sempre é melhor um fingimentozinho, de mais a mais tão inocente!... Outras mentem. e nem por isso os maridos as amam menos. Mas, afinal, de quem é a culpa? delles! Se não gritassem, se tudo quanto fizéssemos o considerassem sempre bem feito, que necessidade teriamos de dizer uma coiza por outra? Nenhuma.

E' tão tarde e elle ainda não veio! sabe Deus onde estará a estas horas!... antigamente, quando eu me queixava da demora, elle ainda se desculpava: que tinha ido encomendar flores para mim ou cartões-postais. Era uma volta! Hoje parece mais pratico: desculpa-se com os negocios! Cada vez mais negocios a roubar-me o marido e menos dinheiro a entrar em caza! E, por dispensavel, nem ao menos a consolação das flores e dos cartões-postais. O meu dever de boa espoza é calar-me muito bem caladinha e lamentar ainda por cima a dureza desta vida, que obriga o meu pobre marido a um trabalho tão absorvente e tão arduo! Para o socego delle é preciso que eu dissimule. Na verdade a dissimulação é um bom tapete para os máus caminhos, mas estendel-o cansa e aborrece. O cul-

pado é o mundo, que não nos dá outro remédio! Bem disse minha mãe, muito significativamente, no dia em que fui pedida:

— A felicidade, filha, está em acreditar, acreditar absolutamente no marido.

Pobre mamãe, e eu que a supunha feliz! .”

---

## O rosto triangular

A' luz do gaz, abaixada por um abat-jour de porcelana, a mulher serze meias sentada ao lado de uma meza. Do lado oposto o marido lê um tratado de ciencia fizionomica, levantando de vez em quando os olhos do livro para observar com atencção o rosto da espoza. A caza está em silencio.

«O rosto triangular indica um carater extravagante, caprichozo, voluvel, falta de reflexão. Os individuos desse tipo são mentirozos, manhozos, precipitados. .»

Máu, máu! minha mulher tem o rosto triangular não ha duvida, perfeitamente triangular, e entretanto parece uma boa alma, simples e sincera. Mas se uma das particularidades do tipo é exatamente a mentira, quem me dirá se essa apparencia de bondade não é fabricada pela impostura? Eugenio Ledos não se aventuraria a asseverar propositões tão graves, sem fundamento. Um homem de ciencia não caçoa com o publico; o seu papel é de buscar a verdade para demonstral-a, nada mais; sofra quem sofrer,

regozije-se quem tiver razões para regozijar-se, isso pouco lhe importa, comtanto que elle esclareça os fatos e interprete com justiça a natureza. Ainda é o dogma da minha fé — a ciencia. mas deverei neste cazo acreditar mais nelle do que em minha mulher, tão submetida sempre ás imposições da minha má fortuna? Não! não, isso seria uma perversidade absurda; afinal essas teorias são abstratas, emquanto que os atos de minha mulher são positivos e dignos de apreço. Agora mesmo que faz ella? Coze meias. Haverá nada sobre a superficie vasta e variada do nosso lindo planeta mais monotonico, mais fastidioso, e que requeira maior soma de paciencia do que esse trabalho modesto, occulto e longo de que mal dá fé mesmo quem o aproveita? Um carater extravagante, voluvel, mentirozo, falto de reflexão, sujeitar-se-ia a esse officio lento, previdente e cansativo? Quem sabe? Ha mil modos de mascarar máus sentimentos e parece que nessa particularidade as mulheres são ferteis. . . realmente, na minha, pensando bem, ha certas contradicções suspeitas e curiozas. Ainda hoje, sabendo ella que as Bragas vieram com sacrificio, dos confins dos suburbios, só para vizital-a neste recanto da Gavea, não trepidou em mandar dizer pela criada que não estava em caza!

Qualquer achará esse ato o mais natural do mundo: ella estava lendo o seu folhetim de aven-



turas, as Bragas são um tanto ou quanto maçadoras, pronto, o remedio é facil: — não estou em caza! que voltem pelo mesmo caminho, sem o cafézinho do *lunch* com que contavam e sem o prazer de dois dedinhos de maledicencia... que para tal são excelentes as Bragas, e é só por isso que eu gosto de conversar com ellas. Minha mulher então melindra-se toda com o ouvir sussurrar da vida alheia... outra particularidade que não me parece natural, porque enfim não ha musica mais deleitosa para ouvidos humanos do que a composta pelas fraquezas e os erros dos seus semelhantes.. Esta é que é a verdade. Estou convencido de que só os culpados não gostam de aludir a culpas de outrem... entretanto, minha mulher, coitada, nesse ponto é mais inocente que um passarinho... se ella não gosta, é mesmo porque. porque não gosta, ora adeus! Deixemo-nos de tolices e continuemos a leitura:

«Os rostos triangulares indicam um espirito superficial e dezanimado, inclinado á intriga e com pronunciado gosto para aventuras, para especulações de acazo e para o jogo.»

Diabol! este paragrafo é demaziadamente serio! é mesmo — *excessivement grave*, como dizia um dos do Eça. Será crível que minha mulher, tendo o rosto tão geometricamente triangular, fuja a todos os p̄ceitos aqui estabelecidos e seja em tudo uma exceção da regra?

Que arrelia da sorte, que só me faz conhecedor destas verdades scientificas e indiscutíveis quando ellas não me podem servir de previdencia e bom recurso!... Agora que mais? é aguentar; entretanto que ha dois anos, eu tanto me poderia cazar com minha mulher como com a prima, a Geny, que tambem morria de amores por mim e não era mais feia... agora está até mais bonita do que a minha. Essa tem o rosto oval; um rosto serio e palido, onde parece fulgurar sempre a luz doce de um sonho... a memoria do meu amor, talvez.. sempre quero vêr o que nos diz este filosofo dos rostos ovaes...

«Os individuos de rosto oval são extremamente impressionaveis, obedecem a todas as suas tendencias e nada os satisfaz, porque vivem num perpetuo dezejo. São caprichozos, teimozos, timidos, inconstantes, medrozos, preguiçosos, infieis no amor e quasi sempre fanaticos na religião».

Do que eu me livre! Esta apreciação afinal talvez ainda seja mais assustadora do que a outra, onde a clauzula da infidelidade no amor não está incluída e é de todas a que mais preoccupa os maridos de todos os tempos... Ao menos sobre este ponto posso ficar tranquilo. Querida Eulalia, com que prazer e paciencia está ella ali serzindo as pigas do seu maridinho! Emquanto leio, penso, fumo, ella, curvada sobre

os joelhos, coze calada, como um anjo. E ficasse bem o socego. Se ella não tivesse a testa tão curta, seria mais bonita. E' verdade: vejamos o que diz este amigo sobre as testas como a da Eulalia:

«A testa curta é indício de uma natureza grosseira, cheia de rudeza e de maldade».

Peor! antes não tivesse lido. Desde criança que ouço dizer que as testas curtas não são reveladoras de talento, mas que revelassem grosseria e maldade, não o sabia... Nesse caso o pensamento que faz pender nesta hora de serão a cabeça de minha mulher para os pés murchos das piúgas que remenda, não é um pensamento de amor, de carinho, de previdencia economica, mas de calculo esperto e especulador, em que ezista a intenção de prolongar o uzo da minha roupa velha, para dispender o dinheiro que eu pudesse gastar na nova, em futilidades para seu uzo proprio, ou mesmo. o jogo? o jogo?! Hum!... O dinheiro nas mãos das mulheres é como o fogo nas mãos das crianças: uma cauza de perigo iminente; as mulheres não sabem fazer contas e crêem-se sempre aptas para multiplicar as moedas, como Christo multiplicou os pães... Parece-me que eu estou dando dinheiro de mais á minha. Mas já agora, que vi a testa da Eulalia, sempre quero vêr o que este sabio me diz da testa imperturbavel e serena da Geny

«Uma fronte que jamais se enruga, mesmo durante as mais fortes comoções, é sinal certo de frieza, de baixeza e de hipocrizia.»

Graças aos céus, que não tenho que me ar-repender pela preferencia que dei á Eulalia! Os attributos da Geny não são mais tranquilizadores

Mas onde diabo tinha eu a cabeça, que não procurei lêr este livro em solteiro? E' inconcebivel a levandade com que a gente se caza, para depois, quando não ha mais remedio, ter destas surpresas! Como poderia eu imaginar que a Eulalia fosse o poço de mizerias que descreve este livro, como? se ella é mais doce que o mel, mais acomodada que o proprio caracol? Em dois anos que tenho de cazado não me lembro de nenhum arrufo, nenhuma queixa, nenhuma recuza; ella contenta-se com pouco — quando ha: ha; quando não ha: houvesse; e vai tudo ás mil maravilhas. Não ha sabio capaz de me convencer de que ella tenha estado todo este tempo a representar uma comedia, com qualquer fim oculto, ou mesmo sem nenhum proposito, só pelo prazer que têm as mulheres de se crearem attributos diferentes dos que lhes deu a natureza, para se fazerem romanticas e originais... É d'ahi. quem sabe? Ninguem se contenta com o ser banal; esta é que é a verdade moderna, sem pensar que a originalidade artificioza assenta tão mal

às criaturas, como um chinó ruivo num tipo moreno ou um chinó preto num tipo louro. Preciso estudar minha mulher . . .

Mas basta de divagações e leiamos agora o que diz o mestre dos meus traços principais; afinal, eu deveria ter, como sempre, principiado por mim. Vejamos que atributos dá elle aos narizes grossos e carnudos como o meu.

«O nariz grosso e carnudo revela um espirito pezado, obtuzo, indolente e gulozo.»

Qual! este patife estava bebedo... ora, ora se o meu espirito fosse obtuzo seria eu capaz destas reflexões?! mas espera: esta definição aqui talvez seja mais applicavel ao meu caso:

«Um nariz pequeno, arrebicado e ligeiramente batatudo, revela uma intelligencia viva, fina, espirituroza.»

Bravo! perfeito, é isto mesmo. Este é que é o meu nariz. Reconheço-o. Por força; as teorias de Lavater não são fantazias vãs! . .

Interrompe as suas cogitações, entretem-se uns segundos apalpando o nariz carnudo e grosso. A mulher levanta os olhos para sorrir-lhe e torna a baixal-os sobre a costura. A casa continúa em silencio.

Agora o queixo: dizem que o meu é chato, mas, afinal, talvez não seja tanto como dizem . .

Ora cá está elle:

«O queixo chato indica secura, frieza, egoismo.»

Não está de acordo. Efetivamente não sou um ezaltado, mas também não sou um insensível, nem um egoista... aqui deve haver erro...

«O queixo quadrado, angulozo, anuncia coragem, energia, vontade.»

Ah! digam-me dessas! Este é que é o meu queixo. Um queixo de homem que tem as mais apreciáveis qualidades masculinas e as mais raras.

Por hoje basta; estou satisfeito quanto a mim, embora muito desconsolado quanto á minha mulher!

---

## É exquizado



*Ferme les yeux et tu verras.*

É exquizado! Quando o Manoel pedreiro veio dizer a meu marido, ha um mez seguramente, que era indispensavel cortar a glicinia, se quizessemos conservar em perfeito estado as grades de ferro da varanda e as telhas do telhado, meu marido, que é tão zelozo da sua propriedade e tão bom financeiro, gritou logo que não! isso nunca; deixassem as flores em paz e se lembrassem de que ellas constituíam o maior encanto, talvez o unico, da fachada do nosso chalet!. Foi em pura perda que o Manoel procurou chamar-lhe a atenção para certos estragos ocasionados pela planta... as paredes, sem sol, tingiam-se de nodoas esverdeadas... os varais finos do ferro torciam-se aos abraços fortes da trepadeira vigorosa, os ladrilhos do chão encardiam-se á humidade da atmosfera ensombrada... A todas essas ponderações praticas e

sensatas meu marido opunha um «não» peremptorio, formal, que parecia definitivo; entretanto, hontem, mal chegou de acompanhar a bordo a minha amiga, eis que manda chamar o Manoel a toda a pressa, para arrancar a trepadeira e repintar a varanda, agora exatamente que as glincias me enchem a sala de perfume e claridades roxas. Vão lá entender os homens. Se elle não tivesse vindo do bota-fóra tão palido e tão irritado, talvez que eu tivesse achado argumentos para defender a pobre planta, pelo menos durante o tempo da floração. Tambem aquella impaciencia d'elle hontem me pareceu ezagerada; poucas vezes o tenho visto assim nervozo e mal humorado... afinal a amiga era minha.. desde os bancos do collegio. desde a primeira confidencia... sim, era minha, mas não foi de mim que ella se despediu com mais ternura. isso não foi.. falando commigo, olhava para elle. e mal eu me distraía um pouco—zás! sumiam-se como por encanto, para ir contar a bagagem.. tomar uma limonada. ver o camarote... não sei mais o quê!... Vi-a até uma vez beijar o ramo que elle lhe deu. foi na lancha... mas isso era natural. afinal havia já tanta intimidade entre elles!. Embora.. é verdade! agora estou-me lembrando que no fim. já tinha dado o sinal para a saída e ainda meu marido fazia corpo mole, deixando-se ficar para trás, para ser d'elle o seu ultimo



abraço. Que horror! Eu estou sonhando... positivamente estou sonhando.. ella foi e será sempre a minha melhor amiga contudo, antes de hontem, tanto um como o outro pareciam evitar-me e mudar de conversa, quando eu me aproximava. Seria cisma? Não.

Agora é que estou comprehendendo o sorriso maliciozo do copeiro, quando, por ordem d'ella, veio chamar meu marido para fechar-lhe a mala. O que vale é que eu fui tambem.. Espera! e as cartas?!... como foi que eu não compreendi aquella comedia das cartas, em que de vez em quando reprezentei inconcientemente o meu papel. bem ridiculo, ai de mim! Pois era lá crível que se não passasse uma unica manhã sem que ella tivesse uma carta para mandar por elle para o correio? E ainda eu lhe gabava a facilidade epistolar e o numero notavel dos correspondentes! Tòdos os dias era a mesma cantiga: «*Como o senhor passa pelo correio... se lhe não causar incomodo.*» Ah! cega que eu fuil e elle precipitava-se: «*Qual incomodo, é um prazer. um grande prazer!*» Pudera! se a carta era para elle mesmo! Quantas vezes as passei inocentemente das mãos de um para as do outro, sem que elles corassem nem caissem de joe-lhos a meus pés.. cães! Senhor! como são variados os recursos da traição!

Esta suspeita é uma insensatez. uma maldade absurda... elle só obedecia aos preceitos

da hospitalidade e da cortezia. Ao principio até antipatizavam um com outro... Aos preceitos só da cortezia, não. aquella oferta diaria de violetas era excessiva. Onde ia elle desencantar tantas violetas para trazer-lhe, se a não amasse?!

E eu tão bôba, que ainda me enternecia, julgando que aquellas atenções eram tambem prestadas um pouco por amor de mim. Não me dizia elle, quando saíamos á noite: «*Deixa-me dar o braço á tua amiga*»? Sim, era por ser *minha amiga* que elle a rodeava de tantas amabilidades... por isso tambem eu sorria, condescendente, quasi lisonjeada! Se a *minha amiga* fosse feia e desageitada far-lhe-ia elle os mesmos agrados? talvez. porque as mulheres feias têm uma habilidade diabolica para pescarem a preferencia dos homens, e quando a pescam não os largam mais. Não! o melhor é evitar a convivencia das amigas, quer sejam feias, quer bonitas. Em homens não ha que fiar

Santa Barbara! por que tortos caminhos enveredou meu pensamento! isso era lá possivel? Se era possivel ou não. não sei; mas o que é fato é que á hora de *elle* vir para casa *ella* ia esperal-o no jardim, com vestidos sedutores e elle lhe beijava a mão. como, de resto, me beijava a mim. galanteria nunca antes praticada.

O beija-mão foi instituido por amor da *minha*

*amiga.* Devo-lhe esse obzequio.. será ainda preciso agradecer-lh'o?

Ha na amizade das mulheres regras tão subtiz e de uma trama tão fragil, que a gente não sabe como mover-se dentro dellas...

Já não me resta a mais pequenina duvida: elles amaram-se! O que eu não vi de olhos abertos, durante quatro mezes de habitação em comum, vejo de olhos fechados, repentinamente, no clarão de um segundo! Houve dentro do meu espirito, ignorado por mim mesmo, um trabalho lento de observação, que me levou a este desfecho inevitavel. A verdade caminha por si, quando não acha quem lhe dê a mão. Chega mais tarde ao seu fim, mas chega sempre... Elles amaram-se! Era por isso que ao cair da noite me pediam que fosse para o piano tocar Chopin e que nunca pareciam fartos de me ouvir.. mal eu parava, dizia-me logo a minha amiga, da varanda, num tom de supplica irrezistivel:

— Mais outra, sim? prolonga a delicia desta hora!...

E meu marido acrescentava:

— Estás ficando uma grande pianista, sabes?!

Queriam que eu tocasse.. porque, compreendendo agora, emquanto eu, na ingenua vaidade da minha arte banal, acedia ao seu rogo, elles ~~segredavam~~ segredavam-se ternuras, conchegando-se um ao outro, mãos nas mãos, olhos nos olhos, sorrizos nos labios tremulos...

Era por isso que eu, ao levantar-me do piano, os achava diferentes, com a expressão iluminada de quem acorda de um sonho delizioso!

Vinham do paiz do amor, e eu acreditava que viessem do paiz da harmonia e que todo aquelle fulgor fosse nascido dos meus noturnos e das minhas valsas maravilhozas!

Terá havido no mundo pretensão mais castigada? Aprendi á minha custa que as *melhores amigas* das mulheres são mais terriveis que os peores inimigos dos homens; elles derrubam-se de frente; ellas procuram conquistar todas as afeições das rivais e viver da sua vida, sem que as suas vitimas o suspeitem. Emquanto eu dedilhava Chopin, distilando em cada nota um pouco da minha alma comovida e arrebatada, *elles*, por entre as cortinas da janela e as galharias da glicinia discreta, perdiam-se pelos labirintos do *flirt*. E ahi está porque elle se opoz tão formalmente a que se cortasse a glicinia, quando o pedreiro afirmou que ella estava arruinando as grades da varanda e as telhas do telhado! E eu, tão ingenua, e eu, tão cega, que o ajudei a defender a planta de encontro aos seus interesses de proprietario e aos meus de espoza fiel... Como se teriam rido os dois de mim, quando naquella tarde eu os embalei ao ritmo das minhas muzicas. e como pude eu viver no meio de tudo sem perceber coiza alguma! O que me espanta é que

só agora, fechando os olhos a outras impressões, eu veja a verdade clara e nua surgir em frente de mim, agora que o romance teve o seu ponto final e que toda a minha ação tem de se restringir á lamentação de mim propria! Como hei de eu viver d'aqui em diante? que hei de fazer? Dizer-lhe que sei tudo? Os homens têm mil modos de negar uma só afirmação que façamos. Elle dirá que não, que não, que não, e ainda acabará rindo-se de mim, porque a ultima palavra será sempre a sua... Supuz que em amor, como em religião, as intenções valessem tanto como as obras consumadas e merecessem o mesmo castigo; mas parece que não é assim, e para me não afligir, meu marido será capaz de confessar sem rebuço que só por pensamento pecou com a *minha querida amiga*... Não; o melhor será calar-me; que ao menos o meu orgulho sirva de capa ao meu amor proprio ofendido; sofrerei em silencio, que é o unico modo digno de sofrer. Depois, que lucraria eu em falar? Tudo acabou. Entre elles ha centenas de leguas de oceano; ella viverá sempre na Europa; elle viverá sempre aqui, jungido ao cadaver do meu amor, que morreu... Não é que estou chorando?. ahi está de toda a historia o que ficou:—lagrimas que ninguem vê..

Bandido. bandido! estou morta por lhe dizer que sei tudo!

## Sena de comedia

---

- Bons dias, Manoel!
- Tu aqui!?
- Como vês. Estás só?
- Completamente.
- Nesse cazo venho fazer-te um pouco de companhia. Pela tua saude não pergunto: tenho sabido por tua mulher que estás bom.
- Como assim? tens vindo cá a caza?!
- Não; precisamente quando venho a tua caza é que eu não vejo tua mulher.
- Então onde?
- Em toda a parte, por ahi.
- E's mais feliz do que eu, que andando o dia inteiro pelas ruas, nunca a encontro por acaso. Mas insisto: Onde a viste?
- Espera... segunda-feira na rua do Ouvidor.
- Ia ao dentista.
- Terça-feira, em caza da D. Rufina.
- Fazia anos a Rufininha, e ella não podia faltar.

- Quarta-feira, no corso.
- A mãe veio buscal-a.
- Quinta á porta da Candelaria, com o ar de quem acabou de ouvir um sermão!
- E' inesgotavel a paciencia das mulheres!
- Sexta-feira...
- E's um calendario!
- Escuta: sexta... ah! sexta na barca de Niteroy.
- Que diabo foi ella fazer a Niteroy?
- Não sei. Sabado, na Avenida Central, ás duas da tarde, e no «rink» ás nove da noite.
- A irmã veio dezencaaminh-a, para ver patinar os filhos.
- Como hoje, domingo, é dia de descanso, pensei que ella talvez não saísse e vim vel-a, de tal modo me habituei á sua presença.
- Perdôo-te a insolencia e ainda por cima te ofereço uma cadeira: senta-te.
- Obrigado. Requinta a tua amabilidade, mandando-me dar um copo de cerveja, se acazo a tua mulher não levou a chave da adega.
- Que lembrança! Enquanto não vem a cerveja, toma um charuto... presente do Valle.
- Tanto melhor; o Valle é meu inimigo: tenho o maximo prazer em concorrer para a sua ruina.
- Bom. Agora, acomodado e satisfeito, — dezabafa.
- Os dezabafos de um homem satisfeito são

quazi sempre inofensivos, e é para obstar que eu te aborreça, que tu me cercas assim de tamanhos carinhos. Não ha ninguem no mundo que saiba como tu defender o socego do seu espirito. Naceste para marido.

— E' o que me diz minha mulher. Adiante.

— Arrefeceste-me o animo. Não posso continuar.

— Vou reavivar-t'ó. Estranha-se, então, por ahi, que eu conceda tantas liberdades á minha mulher?

— Que diabo, tudo que é excessivo é notavel.

— Alguem aludiu a isso na tua presença?

— Não..

— Sem reticencias.

— Não.

— Bom. Nesse cazo, a observação é só, só, só tua?

— E' só, só, só minha.

— ... Máu... o caso complica-se.

— Como assim?!

— E' cá uma idéa.

— Pondo agora de parte a tua idéa, em que não posso penetrar sem explicação, deixa-me dizer-te que o que hoje constitue um reparo unicamente meu, porque por estimar-vos tenho os olhos fitos em vós, póde ser, e será por certo amanhã de todo o mundo. Sabes o que é esta nossa sociedade.



— Sei. E então?

— Então, vendo uma senhora cazada continuamente aqui, ali e acolá, sem o seu marido, acabará por formar della um juizo, tanto mais perverso, quanto mais injusto.

— Mas, filho, se o que a diverte a ella me aborrece a mim? Se tenho plena confiança no seu criterio e, de resto, não me sobra o tempo para espetaculos e passeios, a que aliás ella não vai só, mas com sua mãe ou sua irmã?

— Muitas vezes a encontro sózinha ..

— De dia claro, a compras. ao dentista... que diabo! nós estamos longe da idade média! Tambem eu todos os dias encontro moças sózinhos na rua, e não me ocupo em imaginar de onde ellas vêm ou para onde ellas vão.

— Sempre tiveste um feitio muito especial; mas debes desconfiar que os outros não são como tu, e que vendo uma senhora como a tua constantemente só na rua, acabam por formular duas hipotezes.

— Duas?! está bem; isso já me dá um certo socego. Antes duas do que uma...

— Decididamente, não és o homem da impaciencia!

— Não. Sou o homem da reflexão. Continúa. Uma das hipotezes, é?...

— Que sendo tu homem politico, pensem que lanças tua mulher através de todos os accidentes da cidade á cata de simpatias, relações,

que engrossem a corrente que te leve até uma cadeira senatorial. Conheci uma senhora que pedia votos para o marido aos caixeiros do armário em que comprava, ao dentista que lhe obturava os dentes, ao seu florista, ao seu perfumista, ao seu sapateiro, ao seu cocheiro, ao seu confessor, e por intermedio de amigas ou conhecidas: aos confessores, sapateiros, perfumistas, floristas, parteiros, dentistas, etc., dessas mesmas amigas ou conhecidas! Uma lastimal! Não ha praga mais ridicula do que a espoza de um futuro deputado em vespera de eleições, quando ella quer cooperar para os triunfos politicos da sua cara metade.

— Prevalecem-se, talvez, das suas prerogativas e.

— Sim. São abuzivas. Falam com toda a gente, sem distincção de classe. querem ter a vaidade de dizer ao marido: dei-te tantos votos! Trabalhei por ti como ninguem mais! e outras asneiras. Ah, francamente, quando vi tua mulher outro dia entrar na barca com um vestido sério, mas que se impunha pela sua elegancia, e uma bolsinha na mão. tive a sensação de que essa bolsa ia recheadinha de papeis... os classicos papeizinhos das urnas, e senti um calafrio percorrer-me a espinha.

— Coincidencia de alguma corrente de ar que te constipasse na ocazião.

— E's fleugmatico. Serás até capaz de acre-

centar que em tais cazos agradecerias de joelhos a tua mulher todos os passos que ella dêsse na propaganda do teu nome.

— Certamente. E' sempre lizonjeiro para um marido saber que sua mulher se interessa pela sua prosperidade.

— Idéal!

— Vamos á outra hipoteze.

— A outra? sabel-a tão bem como eu.

— Dize sempre.

— Para que? tu não ignoras a malignidade do nosso povo. de resto, bem provocada por um certo numero de namoros que se não vexam da exhibição.

— Mas que tem minha mulher com o namoro dos outros?

— Dos outros?! nada. Está claro; nada! E tu?

— Eu?!

— Sim. Tu que tens com o namoro dos outros?

— Nada... E tu?

— Também não tenho nada!

— Ora, pois, se não temos nada com os amores alheios, entretenhamo-nos a falar dos nossos. Tu estás apaixonado.

— Eu?!

— Ainda não tinhas dado por isso?!

— Não.

— Toda a gente já percebeu. Até minha mulher, que é miope!

— Queres fazer romance?

— Não; quero avizar-te de um perigo, para o qual deslizas vertiginosamente. Vieste falar-me como amigo interessado pela minha honra, vou falar-te como amigo interessado pela tua felicidade. Conheço-te desde que me conheço, o nosso afeto é como de irmãos gêmeos; foi isso que te autorizou a dizer-me o que disseste, é isso que me autoriza a dizer-te o que te vou dizer.

— Estou curioso.

— Acredito que atribuas a uma outra cauza o sentimento que te agita; mas a verdade está longe de ser a que pensas. Supões ter zelos de minha mulher *por mim* e de fato os tens *por ella*. Que salto foi esse?!— socega e escuta-me com paciencia.

— Não te entendo.

— Vais entender-me: tu amas minha mulher.

— Estás louco!

— Volta a ti... Sem o pensar, estamos realizando aqui uma destas cenas ultra-modernas, em que a lealdade se confunde ás vezes com o cinismo. Volta a ti, repito; estás palido como um cadaver, e enquanto te vir com essa cara não terei coragem de continuar.

— Que idéa... que idéa!

— Olha para dentro de ti... mergulha o teu olhar té bem ao fundo do teu coração, e responde-me depois se me enganei.

— Enganaste-te, enganaste-te, por força que te enganaste!

— Nada de precipitações!

— Que juizo fazes tu de mim e que te autoriza a dizer semelhante barbaridade? Estás louco. positivamente, estás louco!

— Em vez de me responder com essas palavras, que não querem dizer nada, diz-me: que levará teus passos ao encontro de cada passo que minha mulher dá na rua?

— O acazo!

— O acazo deixaria de o ser, se nos servisse todos os dias com a pontualidade com que te serviu. Deve haver um nome para essa especie de magnetismo amorozo que atrae de longe os individuos á presença do objeto amado. Os meus estudos de fizica foram muito imperfeitos para que eu possa determiná-lo.

— Basta, basta; não imaginas o mal que me fazes!

— Não basta; tenho ainda a dizer-te que não foi só o acazo, o instinto, ou o que quer que seja, que te fez tão contradicho com minha mulher. Tu soubeste, de vespera, por mim, que ella iria á caza de D. Rufina. Sim ou não?

— Não sei. sim. parece-me que sim!

— Soubeste, de vespera, por mim, que ella iria ao dentista na segunda-feira, ao meio dia. Sim ou não?

— Sim.

— Soubeste, por mim, visto que me lamentei de não poder acompanhá-la, que ella iria ao curso! Logo. ahi estão trez encontros que eu tenho o direito de não julgar cazuais. Ainda não voltaste a ti. tens a expressão de quem acaba de esbarrar com um fantasma. o fantasma da Verdade que te surpreende, hein?... socega.

— O que dizes é absurdo. E' torpe; é...

— E' humano.

— E' falso.

— E' tão verdadeiro que, em vez de saltares num arranco desmentindo a minha acuação num grito, tu empalideces, embaraças-te em negativas frouxas e revelas no teu assombro que descobri em ti um segredo, que de ti mesmo estava oculto.

— Eu não tenho segredo nenhum, nenhum! amo tua mulher como uma irmã, porque é tua mulher e nada mais.. e é por isso que me interessa... Sufocas-me, deixa-me respirar, ir-me embora, adeus. que idéa a tua!

— Não vás; escuta ainda: vou acordar na tua memoria um fato que perfeitamente explica a minha atitude de hoje. Foi este: no dia em que me casei disse-te a ti: — João, comquanto mais moço do que eu, tu tens sido tudo para mim; sem o teu auxilio eu não teria nome, nem profissão; sem a tua amizade eu não teria tido horas felizes na minha tormentosa mocidade. Até

hoje não ocultei de ti ações nem pensamentos, fortunas ou revezes. Nesta hora, que eu considero a mais perturbadora de toda a minha vida, á falta de crença religioza que me impila a ir confessar-me a um sacerdote, como é de uzo, confesso-me a ti, afirmando-te que o afeto que nos liga desde a meninice, será mantido por mim até a morte, com o mesmo respeito, a mesma lealdade de todas as horas, antigas e presentes, desgraçadas ou felizes. Chorámos abraçados, junto áquella estante, e nesse ultimo abraço de solteiro senti soluçar os meus amores mortos e que tambem foram teus: minha mãe. . . minha irmã. . . tua irmã. . .

— Por que evocas o passado? . .

— Porque só elle explica o presente. A nossa amizade era uma coiza muito pura, para ser despedaçada por um impulso de amor proprio. . . ofendido.

— Mas por que has de crer num sentimento que não eziste e forjar uma idéa de crime onde não ha a minima. . .

— Pára; não prosigas. Já não estás convencido do que dizes, esqueces-te de que és transparente para mim. Não foi hoje que eu descobri o teu segredo. não foi! Elle veio-se-me revelando aos poucos. até á ultima vez que vieste almoçar comigo. Estavamos no terraço. olhavas com impaciencia para a porta, á espera de vel-a. . . e quando enfim ella entrou

♦

com uma braçada de rosas no avental, tiveste um sobresalto tão vivo que minha mulher deu uma daquellas suas gargalhadas infantis, perguntando-te se tinhas medo della! Lembras-te?

— Lembro-me.

— Córaste.. peguei-te nas mãos; estavam geladas. Tremi.

— Por que não me disseste?! por que não me avizaste?!

— Psiu... psiu... minha mulher chegou. Ouves as suas gargalhadas? Entra contente da rua... Não tarda aqui. Disfarça.

— Fujo.

— Não; fica. Eu estou de sentinela.

— Não, não; deixa-me fugir!

— Fica. Já disse. Não dramatizes o teu sentimento, domina-o. É o teu dever.

— Ah, mas que especie de homem, então, és tu, que..

— Sou um homem antigo, que ainda crê na honestidade das mulheres honestas e na lealdade dos amigos provados como tu!

Abraçam-se longamente. Ouve-se o riso moço de uma mulher que se aproxima.

---



Foi muito bom.

---

.. Foi muito bom minha mulher não ter ido hontem ao cáis com as crianças para dizer-me adeus. Seria muito difícil, nessa hora sensível, eu guardar a minha impassibilidade; e não ha nada que eu mais deteste que os espectaculos sentimentais em plena rua.. De mais a mais hontem, que embarcou tanta gente.. e entre essa gente tantas moças... se ellas me vissem lacrimejar, eu estaria com o prestigio perdido para todo o resto da viagem... e minha mulher, coitada, embora não *me dê a honra de ter ciúmes de mim*, como ella diz, talvez não voltasse para casa muito satisfeita por me deixar em tão perturbadora companhia.. isto de mulheres têm uma imaginação tão perigoza! A verdade é que o desprendimento custou. nunca os bracinhos de minha filha me pareceram tão doces nem tão fortes... mesmo de minha mulher eu tive uma saudade subita e antecipada a apertar-me o coração, quando a abracei... tal-

vez porque a vi debulhada em lagrimas. E era ella quem teimava por ir ao cáis, para estar a meu lado até a ultima hora!. Deus me livrasse!

Assim foi muito bom; neste momento, em vez de estarem chorando ao sol, no meio da poeira e dos basbaques, estão já de olhos enxutos sentadas á roda da meza para o café do *lunch*. . . e os proprios cuidados com os filhos distrairão... minha mulher que terá seus defeitos, mas é inegavelmente uma excelente mãe!

Se o não fosse, iria eu tão tranquilo. . . tão. . . satisfeito por estes mares fóra, alegando uma necessidade que não é mais do que um pretexto, para ver essas afamadas civilizações que ainda desconheço?!

Não. se *ella* fosse mais egoista, mais imperativa, mais. . . quero dizer menos *bondosa*, teria eu coragem de a abandonar por quatro mezes com seis filhos menores, e fugir da gaiola sózinho, como um canario livre?!

Saber aproveitar das qualidades do proximo nunca foi covardia; mas não deixo de ter perante o juri dos meus proprios pensamentos uma especie de pudor por este ato, em que me forço a ter uma razão que não tenho.

A verdade é que eu morria por ir á Europa, e que ezequito a minha vontade sem a soberania da independencia, antes fingindo um certo *constrangimento* e uma obediencia á necessidade

de negocios, de que não seria difficil encarregar um outro. Um homem cazado tem de explicar ponto por ponto as suas escapadas do lar, se não quizer ser visto pela sociedade com os olhos maliciosos e terriveis da desconfiança... Por mim não me importo, mas minha mulher, coitada, ficaria numa posição exquizita de abandonada. e abandonada pelos *boulevards*... o *Bois*. o tumulto de Napoleão. o Panteon! Lá pelos negocios. ella. e toda a gente me perdôa que eu saia de caza... mas pela curiosidade que me faz cocegas n'alma com as suas unhazinhas afiladas e impacientes. ah!... isso não! Embora minha mulher não tenha pruridos de ver isto ou aquillo, nesta ou naquella terra e eu os tenha, não se podendo ella mexer, está claro que não me deva mexer eu tambem, sob pena de passar por um marido ingrato!

Por si só, com a sua boa alma e claro entendimento, Lili compreenderia o irrezistivel da situação; mas estou bem certo de que tanto as amigas lhe haveriam de zumbir malicias e perversidades sobre a minha auzencia, que a pobre acabaria por acreditar que abalo do Rio para a França só para me queimar nos olhos das parizienses!..

Os negocios acobertam-me de todas as suspeitas, e terão até talvez o poder de me fazerem lamentado pelos amigos comodistas... E o prestigio?! O prestigio de um homem que tem

os raios dos seus negocios espalhados por varios continentes, é de assombrar a burguezia... Na minha volta hei de parecer mais alto e mais bonito... Ah!... como se está bem nesta cadeira. em face deste mar azul. grande como a liberdade!... como é bom saber que num cantinho cada vez mais afastado, mas perto do coração, temos meia duzia de almas só ocupadas em pensar em nós.. em seguir-nos em pensamento, sem de modo nenhum embarçar-nos com exigencias e trabalhos... Viajar com a mulher e com seis filhos deve ser uma tragedia shakspeareana! Basta olhar para aquelle pobre coitado que ali vai arrastando a mulher enjoada para o camarote. Vendo-a enjoar, elle acabará por enjoar tambem. A comunidade do amor tem as suas desvantagens.. e toda a viagem o infeliz passará a ezercer funções de aio, mais do que de marido... a abandonar os seus jantares. a interromper as suas partidas de jogo. para abotoar de joelhos as botinas da sua espoza debilitada... a pentear-lhe a gaforina, que os braços débeis da doente não têm coragem de alizar... e a passear com ella pelo tombadilho em moles passeios sem ritmo.. E eu d'aqui apreciando tudo, com o meu charuto na boca. sarcastica, como a definiu o Tobias, o meu bonézinho de seda macia, sombreando-me a vista... as pernas estendidas preguiçozamente. o livro aberto sobre os joelhos, o

pensamento, livre como o corpo, girando pelo espaço, vendo de cima as almas a debaterem-se na furia de viver cada qual melhor... cada qual melhor!

Lá vem outro viajante feliz, que vai á Europa em viagem de recreio com a mulher e, nada mais, nada menos, de tres filhos e duas criadas vi-os embarcar elle procurava dominar a sua impaciencia desde que pôz os pés na lancha. as crianças penduravam-se... as criadas tinham medo. a senhora cheirava sais com os olhos em alvo.. elle, o misero, tinha de olhar por tudo, como um pastor de rebanho espavorido. e eu... apreciando. dando-me ares. todo conforto e elegancia... Logo á noite poderei prolongar a minha estadia ao ar livre, dormir sobre a lona macia da cadeira... cantarolar... ou ir para o *smoking room* jogar o que me der na veneta. entretanto, esses dois felizardos que ahí viajam com a prole terão, para acompanhar a familia, de ir para a gaiolinha branca do beliche, acudir a uns e a outros na angustia dos vomitos e das tonturas. Como é bom. como é bom viajar sózinho, depois de oito anos de casamento, e de sete anos de paternidade trabalhoza! O meu Quinquim, tão acostumado a adormecer no meu colo, deve ter estranhado a minha auzencia... e a Lena, quando hoje me tivesse ido acordar á cama, que espanto deve ter sentido ao encontrar o meu

logar vazio... delicioza, a Lena!.. hei de trazer-lhe uma boneca bonita... Oh! a doçura de se sentir a gente amada sem ter de se embaraçar com certas occupaões creadas pelo proprio amor! A ternura fatiga.. a vigilancia continua pelos atos morais e materiais dos outros extenua as almas fortes... os pais de familia extremozos precisam, de vez em quando, algumas férias. comtanto que nenhuma das crianças adoeca na minha auzencia. Não adoecerão .. e tambem se isso acontecer lá têm a mamãe ao pé de si. estão muito bem entregues, porque não ha mulher mais carinhoza nem mais assidua nos cuidados com os filhos do que a minha. nem dorme direito... só para ver se as crianças estão descobertas.. se em má posição... por isso tambem está magrinha. Hei de trazer-lhe um vestido bonito!... Lá vem o pobre diabo outra vez com a mulher enjoada, aos trancos e barrancos... não puderam suportar o camarote... que inveja teria elle desta saudade que me consome, da minha Lili, se pudesse perceber o regalo que me dá este abandono da minha pessoa, esta sensação de liberdade, que permite ao meu corpo as atitudes que lhe aprouverem... sem constrangimento de consciencia, porque, emfim, que faço eu? Sacrifico-me a uma separação da familia, para ir tratar de negocios que interessam mais a ella do que a mim!..

## Se eu fosse outra

---

Se eu fosse outra. quando ainda agora «elle» me chamou idiota com todas as letras bem escarrapachadas, ter-lhe-ia dado uma resposta digna da ofensa. «Idiota», pois sim! Sempre queria ver onde havia de encontrar outra mulher como eu, paciente, bonita e trabalhadeira... É assim mesmo, pensa que eu só vim ao mundo para servir-o, e abuza. Ah! se cada vez que vem com os seus disparates e as suas impertinencias eu lhe desse dois gritos bem fortes, bem puxados cá de dentro e ainda lhe fizesse cara feia, elle ficaria macio que nem setim e nunca mais me trataria como a uma criada tonta, com aquelles berros e aquelles termos indignos de um homem bem educado. Fico-lhe com uma raiva, que a minha vontade é fugir, não sei para onde, mas fugir para sempre, diluir-me no espaço! Sempre gostaria que me dissessem de que lhe serve a elle ser doutor e roncar maneiras de sociedade e boa companhia, censurando estes e ridicularizando aquelles, por isto e por aquillo! Ao menos o Geraldo, que é

um jardineiro rustico, diz «amen» a tudo que a pateta da mulher afirma, embora nem sempre elle esteja de acordo... como se percebe muito bem. Assim é que deve ser. Meu marido então chega á perfeição de me desmentir diante de gente de fóra se inconcientemente ezagero um pontinho obscuro de qualquer historia insignificante.. Mas, virgem Maria! quem haverá que não confunda ás vezes uma ou outra peripecia?! Entretanto, eu conservo-me bem caladinha no meu canto, quando elle impõe as suas opiniões e altera os fatos observados a meu lado, no calor, no entusiasmo das suas exposições científicas. filozoficas.. sociais. financeiras, e não sei mais o que! Porque? porque sou delicada e, sobretudo, porque sou discreta! Se eu fosse outra, não reprenderia com um olhar o seu amigo intimo, quando o seu «amigo intimo» me faz olhares de carneiro manso e me marca dolorosamente os aneis nos dedos com os seus apertos de mão significativos. Estou de guarda á sua honra como um cão de fila e... ahi está o pago que elle me dá: chamar-me «idiota», a mim! mas, meu Deus, então que será elle?! Ah! se os maridos tão irritadiços soubessem quanto essas palavras lançadas a esmo no ardor irreprimivel da cólera magoam o coração das mulheres e comprometem a felicidade do casal! Mas qual.. querem o seu dezabafo sem pensar em mais nada.



E assim como dizem tambem esquecem... vão para a rua que é uma especie de Lethes das quizilias domesticas. falam com um... cortejam outra... têm um temperamento violento e cheio de vivacidades.. Eu é que não esqueço... Cada palavra, cada cicatriz. Os dias vão andando. vão andando, e a amargura da minha alma não se altera, embora o juizo me obrigue o rosto a disfarçal-a. «Idiota»!. ora se isto é coiza que se dissesse a uma espoza da minha qualidade, e no momento justo em que se está calçando luvas de pelica para uma festa! Que diria se fosse um carroceiro. hein? e eu tão bobinha, que deixei de ir ao baile para não o fazer depender muito dinheiro com a minha «toilette»... é o pago que elles dão aos sacrificios das mulheres. Bem diz minha cunhada que homem é sinonimo de ingrato... As que mais fazem, menos merecem! Se eu fosse outra. quando elle voltasse, não me acharia em caza... não me falta para onde ir, graças a Deus! o que me falta é coragem de expol-o ao ridiculo e á reprovação dos outros.. E' uma estupidez, esta minha fraqueza de colocal-o sempre no setimo céu, como o melhor dos maridos, quando elle não cochila em atirar-me para o ultimo inferno!... Posso ir até já para S. Clemente... mas se eu entrar na caza de tia Laurinda a estas horas, que dirá ella?... Virá logo com as suas admoestações.. e a dizer a verdade, mal

por mal, antes a gente sofra do marido.. Ella ainda seria muito bem capaz de não me dar razão!... pois olhem que aquella tambem sofreu boas e bonitas do tio Raul! Havia de ser comigo! Se eu mesma, com o meu orgulho, toleraria aquelles disparates e rabugices de titio... até parecia falta de dignidade!. Mas que me importam agora a mim as outras! Ninguem foi tão ofendida como eu. quem me diria, quando estava em caza de papai, que ainda haveria de ser um dia maltratada por motivos banais de ordem domestica! Ninguem podia imaginar.. hein? um mocinho todo bem vestido, todo perfumado... que toca piano. todo denguiques e derretimentos. e ora ahi está a perfeição: «Idiota»! ora idiota!? e com que ezaltação elle me atirou com essa palavra cruel...

Se eu fosse outra. mandava já e já a Carolina fazer a minha cama no sotam, fechava-me por dentro, e quando elle viesse, que me procurasse por toda a caza, que me haveria mesmo de encontrar!...

O peor é a atrapalhação de obrigar agora a pobre rapariga, que já trabalhou tanto durante o dia, a carregar o colchão pela escada acima... e... mesmo aquelle sotam, só caiado, dá-me uma impressão de quarto de hospital... afinal, a criada nem me agradece estas contemplações... não tem consciencia...

Já pelo carnaval do ano passado foi a mesma

cantiga! Mandou-me, lá pelas palavras «delle», ao diabo que me carregasse... Tomara o diabo! Uma hora depois já estava todo melifluo, dizendo denguices e chamando-me:— Bemzinho!— Todo elle é impetos. Passa-lhe a furia, aclara-se-lhe a razão... Eu é que não esqueço: a cicatriz cá está e estará até á morte. Como eu sou desgraçada! Tambem, a culpa é minha... se eu fosse outra... se eu fosse outra. fazia como as outras. que eu não censuro, porque são feitas pelas circumstancias...

Quando chegará o dia em que homem e mulher se possam amar sem desconfiança e sem traição? Ai de nós, esse dia não chegará a ezistir senão em curtas horas intermediarias.. A minha passou, extinguiu-se no momento em que elle arrebatadamente me atirou ás faces o feio epíteto de — idiota. Se eu fosse outra teria saído naquelle mesmo instante para a rua. Agora que se acautele, porque se torna a repetir-me o insulto sei perfeitamente o que hei de fazer.. Vou á sala, coloco-me bem em frente ao retrato da senhora minha sogra e varo o peito com uma bala de revólver... então elle ha de correr, erguer-me amorosamente noç seus braços tremulos, inundar-se com o meu pobre sangue e as suas lagrimas de arrependimento... Precizarei não morrer imediatamente, para observar bem a sua comoção. Compreendendo a verdade toda, de relance, elle clamará por um medico...

oferecerá tudo pela minha vida... tudo! pronto a redimir pelo excesso de carinho o seu excesso de máu genio.. Eu. desgraçada de mim!.. amparada em almofadas... arquejarei... muito branca... muito branca.. derreada no sofá.. Deverei vestir na ocasião um «peignoir» crême, de mangas largas... não tenho nenhum. Ando tão desprevenida! nisso é que eu sou mesmo uma idiota... em fazer economias com a minha pessoa!. Elle de joelhos a meus pés.. — E que sapatos?... sapatos brancos — suplicará perdão... dizendo aos medicos que a culpa é delle, que me brutalizou como se eu fôra uma lavadeira!. .. Toda... a caza soluçará.

Tia Laurinda entrará chorando, com as mãos papudas erguidas para o céu... Eu, num ultimo olhar, direi a meu marido que morro porque a vida em comum com elle me é insuportavel, abominavel, deprimente; morro para liberta-lo... Elle cairá de joelhos, livido.. clamando perdão. eu escorregarei silenciosamente nas almofadas.. e darei o ultimo suspiro!

Onde estará o meu lenço?... estou chorando a minha morte e não acho o lenço.. Tia Laurinda espalhará flores sobre o meu corpo... as rozas amarelas do terraço... e os jasmims da cerca... No dia seguinte virão os convidados buscar-me... — cá está o lenço. Os jornaes falarão do grande misterio da minha morte.

da minha beleza.. da minha mocidade... talvez dêem mesmo o meu retrato... e «elle», como Caim, carregará comsigo o remorso eterno de ser o cauzador da minha desventura!...

O lenço já está encharcado... Senhor, como a imaginação trabalha!.. Estou a enxugar os olhos com tanto choro.. e afinal essa solução seria estúpida. seria ridícula!. Antes o divorcio... sim. Se elle recommear algum dia a chamar-me idiota. o que tenho de mais sensáto a fazer não é matar-me, é divorciar-me! Vou para a Europa; elle que fique por cá. Morar na mesma cidade é que não quero, que se porá a rondar-me a porta... Eu sou fraca. talvez não rezistisse. porque... Coitado, elle amame... depois de fazer o mal, arrepende-se, e fica então uns dias manso como um cãozinho artificial! São genios.. O meu é muito altivo; não posso, não devo nem quero ser a cabeça de turco das suas brutalidades; acabou-se! Ora... idiota! que termo mais descabido! Está como maninho, que chamou outro dia á mulher — desmazelada! Realmente, ella é um bocadinho.. mas a bôba calou-se! Se fosse comigo elle teria logo a resposta devida... Afinal, que lucram os homens com esses dezabafos malcriados? Irem perdendo aos poucos a consideração e a amizade das espozas... No primeiro dia em que o meu me lançou uma palavra dura á cara eu não o esganei porque, quando voltei a mim da

surpreza elle já estava longe. Quando voltou, á tarde, trouxe-me uvas e doces finos. eu comi-os... e elle pensou talvez por isso que esqueci a ofensa! Não, ella está marcada na minh'alma com uma nodoa negra, imperecivel!

E' a terceira vez, no espaço de cinco anos, que o meu lindo doutorzinho do cabello crespo me assopra do alto da sua autoridade e do seu prestigio com uma bofetada moral. duas vezes por questões domesticas, uma por ciume! A do ciume perdôo... as outras não! Se eu fosse outra punha-me a abrir contas nas modistas, nas chapeleiras.. fazendo-o pagar caro cada desaforo.. Elle fia-se em que eu não reajo, que sou uma gata borralheira. que o amo e que sou demaziadamente altiva para confessar a outrem os meus desgostos, e abuza. Os homens fortes abuzam dos entes fracos. E' um distintivo do seu carater aposto em como logo elle traz um «marron-glacé» no fundo da algibeira, só para mostrar que pensou em mim... é o seu modo de se fazer perdoado. outros ha que nem isso fazem, valha a verdade! Vendo-me comer o «marron» elle pensara lá comsigo: «Está tudo acabado. sei leval-a com geito; mulheres e crianças são todas iguais...» E como estará enganado o senhor meu marido!

## Ah! os senhores feministas!

---

Ah! os senhores feministas! pudesse eu enforcal-os a todos com uma só corda..

São as suas teorias dezordenadas, subversivas, é a tragedia burlesca das suas justas reivindicações, que têm posto a sociedade neste estado. Pois quando é que se viu nunca uma senhora cazada e mãe de filhos, como é a minha, não estar em caza á hora em que o marido entra para o jantar! De mais a mais, nem deixou dito para onde ia.

Plena liberdade, hein? Os tempos aconselham estas independencias, aproveitemol-as!.. E o marido? O marido que ceda, que se sujeite, que sorria, que diga amen!

Vem para casa morto de fome? que espere pela senhora, que virá depois e quando muito bem quizer, de... de onde? do desconhecido! Perfeito; é assim mesmo. Se eu aventurar qualquer observação, ella já deve estar suficientemente instruida para me responder:

— Não me fizeste esperar hontem até ás oito

horas da noite, para o jantar? Pois então! E eu queixei-me? De modo nenhum; logo os direitos são iguais.. Vamos á sopa, sem rancor, e ao roast-beef, sem discussão .. Diabo... estou sendo injusto... Therezinha tem sido sempre de uma submissão digna dos tempos medievais.. querem ver que ella foi á minha biblioteca e leu Ibsen, por acaso? hum.. Therezinha não lê nem por acaso! A razão deste seu primeiro movimento de independencia deve ser outra... talvez queira experimentar-me! Pois, para castigo desse ensaio, o que eu deveria fazer, seria sentar-me á meza com as minhas duas filhas, e comer tudo! Mas poderia eu comer alguma coisa estando nesta inquietação? Não! Sinto que eu não enguliria nem uma colherada de caldo, vendo diante de mim o seu logar vazio. Não é porque ella o enfeite muito. coitadinha! ella está cada vez mais magra e mesmo insignificante. mas só porque a sua obrigação de boa espoza é estar em caza, não fazer nunca sentir a sua falta, e estar sobretudo naquella hora sentada naquella cadeira, dirigindo o movimento do serviço! Minha mulher é-me tão indispensavel á meza, como o pão, o saleiro, a garrafa de vinho ou o guardanapo.

Mas tem graça! Quando janto lá fóra com os amigos, nem me lembro della, e, entretanto, em minha propria caza, não posso renunciar á sua presença... Ainda se eu tivesse tido aviso an-



tecipado, talvez me rezignasse; assim, não... qualquer distancia que eu imagine, me parece de redobrada extensão, tal e qual como se eu ainda a amasse com aquelle modo antigo...

Por onde andar ella a estas horas? Está farta de saber que venho para caza no bond das seis e meia ..  verdade que hoje vim no das seis... mas esta circumstancia, em vez de diminuir, julgo que aumenta a sensao estranha que me invade, de espanto e de aborrecimento! E' exquizado, a caza parece-me maior! muito maior... como se todas as paredes tivessem sido empurradas para um outro plano mais afastado... tem graça; estou como que dentro de um grande tumulto vazio; se der um grito, ouvirei o eco da minha voz como um lamento! De mais a mais, as crianças l estão na mania do portão!

Ora, se ha vinte anos uma senhora honesta, pacata, mi de familia, seria capaz de andar ao lareque pelas ruas da cidade  hora em que o pobre do marido volta para caza, esfalfado de tanto trabalhar!

Naquelles bons tempos, um senhora de quarenta anos não tinha coragem de sair  rua sem a sua capinha pudibunda e um toucado que atestava rezignadamente a sua idade provecta...

Era a submissão completa a todas as leis da vida. Hoje opõem rezistencias a tudo; até  idade. São terriveis! Mas por onde diabo andar minha mulher? logo hoje, que eu tinha

tanta necessidade de dezabafar... porque não ha de ser ás meninas que eu fale dos meus negocios!

Geralmente, minha mulher queixa-se de que eu converso pouco; pois ahi está: hoje vinha com tenção de conversar de falar detidamente sobre aquella proposta do Telles.. não para lhe pedir conselhos, as opiniões della não me esclarecem nada, mas só porque, emfim, quando raciocino em voz alta, penetro melhor no sentido das coizas... As mulheres fazem ás vezes umas objeções imprevistas, extravagantemente ingenuas, mas que não raro sugerem certos pensamentos aproveitaveis...

Não é que eu associe Therezinha ás minhas empresas de importancia; coitadinha, que competencia tem ella para isso? mas porque, expondo-lhe o cazo, tenho de reduzi-lo á maxima simplicidade para a sua comprehensão, e nessa ginastica apreendo muitas vezes sutilezas que me tinham escapado, quando elle me fôra apresentado em bloco. Haverá homem que prescindida de alguem que o escute e em quem ensaie os efeitos da sua exposição? Por mim não tenho grande confiança na clarividencia de minha mulher; não aceitaria as modificações que ella entendesse fazer aos meus planos; mas, como sei que ella tem ouvidos, uma razão, interesse pela «nossa» prosperidade, afiz-me a reflectir diante della, em voz alta, sempre que se

trata de assuntos embaraçosos. Embora eu não a interrogue, a sua presença tranquiliza-me, tal e qual como se ella assumisse toda a responsabilidade dos meus atos...

É uma especie de prevenção para futuras arguições. Mául lá passa o bond das seis e meia e ella ainda não veio!..

Que raiva! estou como um homem que, tendo papel, pena e pressa de expandir idéas por escrito, vai abrir o seu tinteiro e encontra-o seco. Que ha de dizer algum conhecido que a encontre a estas horas por ahi, sózinha, a vagar pelas ruas?. Será noite fechada quando ella tomar o bond para vir para caza. É estúpido. Compreendo perfeitamente a auzencia de minha mulher, quando quem está fóra de caza sou eu; mas vejo muito bem agora que não a suporto, quando quem está fóra de caza é ella! O fato em si parecerá o mesmo; todavia, que diferença, Deus do céu! Supuz que fosse mera fórmula literaria o dizerem por ahi que a mulher é a verdadeira alma do lar; entretanto, a observação é exata.

Por mais que disfarce, sinto uma decepção tão desgostanté, não encontrando a minha, como a que póde sentir um velho metodico, muito comodista, de doloridos pés calejados, não encontrando o familiar e suavizador par de chinelos aos pés da cama, no momento em que os reclama com maior anciedade.. Para a mulher,

o marido talvez seja alguma coisa mais complexa; para o marido, porém, a mulher é sobretudo um habito. Cá por mim não posso viver sem a minha, nem quando penso nas outras.

E a boa verdade obriga-me a confessar que este cazo é muito frequente em mim.

... ..

Que especie de sujeito será aquelle. parece um estafeta. que está conversando com as crianças no portão? Ah! um telegrama!

«Lulú.

Tua mãe muito doente. Fico a seu lado.

Thereza..»

.. ..

Pobre mamãe. Bem! mas emfim isto já é outra coisa; posso estar tranquilo..

— Crianças! vamos jantar!

---

## Os serões familiares

---

Quando meu marido argumenta sobre seja o que fôr: alfaiates ou politica, religião ou batatas, desde que o faça com quem não acompanhe as suas idéas, que, se parecem paradoxaes, têm um grande fundo de justiça e de sinceridade, eu estremeço, como se o visse arremeter de lança em riste para o meio da multidão ululante. Embora elle querele com um individuo só, tenho sempre a estranha sensação de velo debater-se com a cidade em pezo, porque as suas apreciações não se confundem com as do vulgo, e elle investe dezassombradamente contra todos os preconceitos sociais, querendo desbaratal-os a golpes de razão e de logica. Ao meu espirito conciliador e timido alvoroça aquella verbozidade riscada de foguetes imprevistos e em que estrondeiam bombas da mais atrevida pirotecnia! Nessas horas de ezaltação todos os termos que elle emprega são definitivos e

entram-me pelos ouvidos como pezadas placas de chumbo pela agua; á proporção que se lhe aceleram as pulsações do entusiasmo, e que a sua voz sobe de diapazão, acompanhada pela veemencia dos gestos e o fulgor do olhar, eu como que ouço badalar todos os sinos da cidade, e vejo pender sobre o meu telhado todas as suas torres. Se tento então balbuciar um simples monosilabo, elle estrangula-o como um gigante pôde estrangular um humilde tico-tico acabado de sair do ovo, e encolho-me arrependida para o meu canto. Ah, ainda quando essas polemicas são com os estranhos, a minha tribulação não é tão grande; mas quando são entretidas com meu padrinho, eu dezejaria que o chão se abrisse para engulir-me, não me deixando de fóra nem as pontinhas dos cabelos! Os homens são teimozos e querelentos, e andam á cata de pretextos para se degladiarem. As mulheres conversam; os homens discutem. Dindinho mesmo, que sempre supuz que fosse ponderado e pacífico, percebo agora que é um ezaltado; grande respeitador das coizas estabelecidas, elle é um espelho dos sentimentos comuns da burguezia e defensor das tais coizas estabelecidas, mesmo que ellas sejam mal consideradas pelos proprios que as ezeutam.

E ora que bonito papel faço eu entre estes dois homens quando, um em face do outro, cla-

mam, berram e dezatinam, porque cada um delles tem das idéas que enuncia opiniões opostas? A minha attitude resume-se a olhar suplicemente, ora para um ora para outro, a torcer-me na cadeira e a suspirar por que entre alguma vizita para pôr termo á questão. No fim eu sei que tudo acaba em bem. Afinal, elles não se injuriam. Dindinho esquece-se de que o meu marido tem vinte e sete anos, que a profissão de advogado lhe desenvolveu a oratoria, que é um rapaz moderno, educado por outros mestres, outros exemplos e outros livros; por sua vez meu marido esquece-se de que Dindinho tem sessenta e tres anos, que me serviu de pai, que foi educado por um frade que lhe ensinou desde o A B C até o latim...

É que os homens não atendem a nada quando tratam de defender as suas opiniões. Ha pessoas contra as quais não é permitido a ninguem ter razão, e logo por minha desgraça tanto meu padrinho como meu marido pertencem a esse numero de individuos! O mesmo fato é examinado por um sob uma luz branca, por outro sob uma luz vermelha, e assim sendo o mesmo o fato em si, muda de fórma e de côr segundo a observação de cada um..

Como a minha opinião de mulher tem pouco pezo, em certas circumstancias, na consideração desses senhores, eu guardo para mim as suggestões do meu criterio, sentindo-me resvalar

para os estados opressivos do abatimento, da contrariedade e da consternação... até que uma filozofia especial da indiferença ou do habito, venha, ainda o espero, curar minha alma desnorteada e impotente.

Se eu só com um gesto tivesse forças para arrefecer-lhes o ardor dessas contendidas inuteis! Depois, o que de algum modo me desvaira e assombra, dando-me ao mesmo tempo certa consolação, é que, posto o ponto final nas discussões, elles são tão bons amigos como eram antes... No fundo da minha consciencia agita-se então a duvida de que essa amizade não seja apenas ficticia, mantida por amor de mim, tanto essa sucessão de debates por cauzas insignificantes ou alheias á felicidade do nosso lar, lhes deve ter azedado a simpatia mutua.

Mas o homem é o maior enigma do universo.

Nem o diabo o entende. Quem me dirá se a sua amizade se não fortifica com essas contradicções, que a mim me aterram como grandes cauzas de efeitos irremediaveis?! Nós as mulheres não sabemos discutir: zangamo-nos de uma vez; é mais perigoso, mas é mais simples.

É a nós que elles chamam complicadas e indecifreveis! Tambem só os muito magnanimos se dignam ouvir a nossa voz em tudo que não seja materia de amor. Ha, porém, um certo periodo na vida em que o homem sottopõe volun-



tariamente as suas opiniões ás opiniões da mulher: o periodo do noivado. E ainda com a condição de que esse periodo seja curto. Depois de cazado, adeuzinho, meu anjo! As coizas são como elles querem e nunca como a mulher as entende. Entrincheirados no seu criterio, como numa fortaleza erichada de pontas de ferro, consideram que toda a gente que não pensa como elles pensam, nem faz o que elles fazem, erra miseravelmente... e depois, somos nós as vaidozas, somos nós as esquizitas!. Quem escrevesse uma norma para guia da felicidade conjugal, deveria expôr em termos convincentes que uma mulher perderá tempo e ganhará bilis se teimar com seu marido. Se ella afirmar que uma nuvem é côr de roza e espreitando á pressa pela janela elle afirmar por sua vez que é sombria, ella deve mudar de conversa, senão elle deixará de a achar sombria para achal-a preta, e de preta passará a classifical-a de negra ou de negerrima, sem que por isso a nuvem tenha deixado de ser côr de rosa. Realmente, se os homens não soubessem falar de amor tão bem, seriam insuportaveis!. Foi por cauza do amor que ainda hontem á noite elles tiveram aquella discussão tão acalorada. Dindinho esqueceu-se de que se deleitou na vida com a variedade de tres lares diferentes, porque cazou e enviuvou sucessivamente trez vezes, além de vinte patões avulsas, para atacar agora o di-

divorcio como uma lei destruidora e fatal; e o senhor meu marido esqueceu-se da felicidade que lhe dou, e que nenhuma outra mulher lhe daria tão perfeita, para defender esse mesmo divorcio, com um denodo tal, que me trespassou a alma com o ferro da desconfiança. A cada um dos tremendos argumentos de meu marido, os olhos de Dindinho procuravam os meus, como a dizer-me: cautela! vê as disposições deste sujeito!.. e eu sorria, para tranquilizal-o, com um sorrizozinho mais amarelo que a casca de uma laranja... O que eu sofri! Estes serões familiares de que os moralistas gabam as doçuras, dão ás vezes assunto para reflexões bem esquizitas! Uma das que me acudiram depois que elles acabaram de jantar e tomavam em boa camaradagem o seu chá com biscoitos (porque emquanto elles disputam minha cabeça é um cáos), foi que o divorcio não é só uma libertação para os cazamentos desgraçados, como também uma ameaça util para os felizes. O homem ama tanto mais a mulher quanto tem medo de perdel-a. É talvez por isso que em certas ligações ilegaes as mulheres são adoradas como deuzas, emquanto que nas legitimas são tratadas como creaturas humanas sujeitas a defeitos... É que os bens definitivos acabam por nem parecerem bens, se não se erguer diante delles uma ameaça qualquer. Quem sabe? O divorcio desempenhará talvez bem esse papel,

guardando á vista, como uma sentinela, a felicidade do lar. Uma idéa! para castigo do sofrimento que meu marido me infligiu hontem, quem vai logo á noite fazer a apologia do divorcio, sou eu! Sempre quero ver a cara que elle faz...

---

## Reparaste?

---

Reparaste? pois é sempre assim, filho, minha mulher é sempre assim: ora quer, ora não quer o que se lhe propõe, e até muitas vezes o que ella mesma inventa. De resto, estou convencido de que as rezoluções energicas não são frequentes nas mulheres, que para os minimos atos se perdem num dedalo de combinações. Mas a minha vence a todas, no tocante a perplexidades; é de uma indecizão de fazer perder a paciencia a um santo de pedra. Fosse eu de granito, do mais duro granito, e já teria voado em esquirolas pelos ares; mas, infelizmente, sou de carne. A carne humana amolda-se ao sofrimento e aos caprichos da sorte, melhor que todas as materias de apparencia insensivel.

Com franqueza: ha dias em que a minh'alma me dá tantas cambalhotas dentro do peito, que nem sei como não me salta pela boca fóra.

Bem sabes que fui sempre um homem pratico, de facil orientação e inimigo de duvidas; e irrita-me que minha mulher me faça perder metade

da vida com as suas perplexidades atormentadoras; porque, não imaginas, é de mais! Se pensa em dar dois passos para a frente, julga logo mais prudente recual-os, de modo que não saímos do mesmo logar. Idealiza com facilidade extrema emprezas e negocios quasi absurdos, achando sempre que as outras pessoas não fazem muito mais porque não querem; mas, se trata de pôr em ezeução qualquer banalidade, gasta um tempo infinito em discussões (como esta a que acabaste de assistir), e que me derretem os miolos, como o fogo derrete a cera.

As incertezas dos timidos têm contagios terríveis e essa é uma das cauzas do meu desespero. O mais engraçado, e que tu ainda não sabes, é que quem teve a lembrança e fez a proposta de aproveitarmos hoje o domingo para um passeio de automovel á Tijuca, foi ella; e logo que me viu aceitar o convite, saltou-lhe a primeira — objeção; — «Mas se chover»?

Observa, e te certificarás de que as mulheres se preocupam mais com a chuva de que nós com a guerra. Chamei-a ao meu escritorio, dei-me ao trabalho de ezaminar o barometro e de tranquilizal-a. Ella ainda parecia mal convencida, olhando, ora para o barometro, ora para mim, quando chegaste. Como estava combinado que só iriamos depois do almoço, não nos transtornaste os projetos, tanto mais que irias conosco. O resto, viste-o. Sem confiança no baro-

metro, ella volta e meia consultava as nuvens e desfiava o roziario dos temores: — «Não achas imprudente deixar a casa só com as criadas por tanto tempo?» «E se o automovel se desarranjar no meio da floresta? Eu descer a pé a montanha é que não desço». «E se ezatamente vier cá hoje a D. Estefania, que ha tanto tempo nos promete vizita?»

«E o preço do automovel? não representará isso um sacrificio para a nossa bolsa modesta?»

A' proporção que facilito as coizas, ella cria novos embaraços: receia uma enxaqueca... não acredita que possamos estar de volta á hora do jantar. Aí está outra das suas manias: a hora certa das refeições, como se tivessesmos pensão! Os olhos ardem-lhe no dezejo de ir depressa para os divertimentos que ella mesma improviza, mas a lingua ao mesmo tempo desenrola-lhe obstaculos que os transtornam.

Nesses: ora vou, ora não vou, que te pódem a ti parecer uma brincadeira sem consequencias, gastam-se horas suficientes para a ezeção de um trabalho de arte que dê gloria eterna, ou para a realização de um negocio que renda muito dinheiro. E' o que se chama — estragar a mocidade.

Se o cazo de hoje fosse unico, eu não diria nada; mas, com rarissimas excepções, é sempre assim. Ella gosta muito de teatro. Não ha mulher que não goste muito de teatro; pois se

convido a minha para irmos a qualquer espectáculo, ella responde vivamente — que sim, para logo atalhar — que não. e depois acenar-me que espere um momento e concluir com esta palavra terrivel: — talvez! Este estado dubio irrita os genios, ao mesmo tempo que amolece a vontade.

Eu ainda não pude fazer comprehender á minha mulher que só as ações energicas têm a virtude de desdobrar a vida, emquanto que as outras a enrolam e amarrotam.

Uma creatura indeciza faz-me lembrar uma pessoa que ande aos pulinhos, ora num pé, ora noutro, em vez de caminhar logo para a frente em passadas regulares e firmes.

— O que me parece é que és cazado com uma senhora de muita reflexão.

— Ora, não valia a pena estares tanto tempo calado para te saires com essa tolice. Certamente que minha mulher tem muito juizo. Nem eu viveria com ella se a não considerasse assim. Sómente, ella excede-se em ponderações.

— Crês que isso seja um mal?

— Creio que, se antes de ezeutar qualquer ato, mesmo o mais insignificante e permitido do mundo, o pezamos tão escrupulozamente como o vendeiro peza a manteiga que vende, reduzimol-o a bem pouca coiza, ou a coiza nenhuma.

E' o que acaba de acontecer ao passeio na Ti-

juca. Derreteu-se como a manteiga. Pois queres saber quantas vezes fui ao telefone encomendar o automovel? Quatro.

Sabes quantas vezes fui ao telefone dispensar o mesmo automovel de vir buscar-nos? Outras quatro.

Quando minha mulher percebeu que a sua ultima recusa tinha sido definitiva, entristeceu-se. Percebi-lhe o arrependimento; vi-a olhar para o céu numa ultima consulta e suspirar. Nunca o céu esteve tão azul. Se eu quizesse então, seria facil decidil-a, mas estava cansado. O diabo é que eu formara os meus planos, que tiveram de ser abandonados por esse passeio, que se não fez. Tinha decidido ir procurar o Ramos.

— Por que não tiveste a franqueza de dizer isso mesmo á tua mulher?

— Porque ella se lamentaria logo á noite e amanhã até á tarde, de não ter realizado o seu passeio lindo e higienico, só por amor de uma vizita entre homens. Eu gosto que ella se divirta.

— Mas então por que a não convenceste de ir?!

— Porque, quando o conseguisse, já seria tarde.

As mulheres persuadem-se de que o tempo é de borracha e póde ser esticado ao gosto de cada um. Calcular a duração dos minutos é uma operação que raras ezeutam bem; dir-se-ia que es-



peram que o tempo as sirva. E' a falta de occupações metodicadas que lhes gera essa supozição. Conheces objeto mais inutil do que um relógio de mulher? O da minha só trabalha quando eu lhe dou corda. Sei que ha exceções, mas esta é a regra, e julgo-me com o direito de afirmar que, se ha inumeros maridos que, assim como eu, acertam os relógios das espozas, não ha talvez nem uma espoza que faça o mesmo ao do marido. Conheci um desgraçado que antes de sair para o seu emprego acertava todas as manhãs, além do seu, sete relógios: o da mulher e o de cada uma das suas seis filhas.

Isto parece que constituia para elle uma especie de divertimento! Só na velhice é que as senhoras observam com ezatidão o correr das horas. E' que então o tempo já não espera por ellas..

— Pareceu-me ouvir a tua chamar-te.

— Ha de ser para dizer-me que, se tivéssemos ido á Tijuca, estaríamos lá de cima gozando este poente magnifico, e que afinal a D. Estefania não veio. Como se a culpa fosse minha.

— Talvez não seja para isso; em todo o cazo digo-te adeus; antes, porém, dize-me só uma palavra a respeito de politica: aceitas ou não a comissão da Camara?

— Homem, se queres que te fale com franqueza... não sei... Por um lado a coiza convem-me, por outro não tanto. Has de crer

que esta noite mal pude dormir, pensando nisso? Que farias tu no meu lugar?

— Aceitaria, sem hesitação.

— Sim? pois eu não sei. estou numa perplexidade horrível.

## Quem diria

---

«Quem diria... por cauza de um alfinete! realmente, em amor não ha frivolidades, tudo é serio. No amor... como na natureza; não vemos, tantas vezes, brotarem arvores fronzozas de sementinhas que são como finos grãos de areia quasi imponderaveis? Uma criança sopra um punhado d'essa poeirinha loura e ella, caindo por acazo em terreno propicio, fórma uma floresta tenebroza de altas madeiras rezistentes. Se eu estivesse refletindo em voz alta estas coizas, meu marido interromperia a leitura, que lhe está franzindo a testa, para afirmar-me que o amor não é como a natureza, porque é a propria natureza, creadora, destruidora, onipotente. Eu lhe responderia logo que esse é o amor selvagem; o dos homens civilizados deve comparticipar da natureza e da arte, como esses parques em que recendem rozas, se aveludam gramados, e resvalam cisnes em lagos transparentes. Se o amor fosse unicamente natureza, o homem seria animal unicamente.

Mas, Deus me livre que elle me ouvisse, porque então rolaria logo sobre mim uma avalanche de conceitos esmagadores e não contente com as suas demonstrações irrespondiveis, porque elle não admite que eu professe teorias diferentes das suas, ainda me obrigaria a lêr (que horror!) passagens de certos livros filozoficos e com os quaes me importo tanto como com a transformação das religiões ou com a passagem de um astro pelo meridiano da China! Pois sim! Se o amor fosse só natureza, não sei o que seria dessa historia de fidelidade conjugal, porque se é verdade que no reino dos animais inferiores, aves e bestas se acazalam para a constancia de um só amor, é porque elles nem têm imaginação, nem uzam alfinetes, como nós! Sempre quereria saber se uma loba seria capaz de aturar do seu lobo as implicancias que hontem sofri daquelle senhor! E' inacreditavel! Vestimo-nos no mesmo quarto. Elle assiste calado, ou falando em fatos indifferentes, á minha *toilette*. Vê como me penteio; como me perfume; como distribuo o pó de arroz pelo rosto e pelo colo; como abotôo o meu vestido e ponho na cabeça o meu chapéu, entretanto, não me faz nem a mais insignificante observação a respeito de qualquer dessas coizas, para só começar a censural-as quando já está fóra de caza. Então já se sabe, lá vem a moedeira das perguntas: — se não tenho uma criada que me acol-

chete os corpinhos; — porque será que o meu véu está mais repuxado da esquerda que da direita; se não tive espelho para vêr o kilo de pó de arroz acumulado entre as sobranceiras; — porque teimo em uzar um penteado tão exagerado! Hontem chegou a dizer, para fazer espirito, que a minha cabeleira era tal qual a de um cometa em que se tivesse enrodilhado o mundo! Emfim, tudo isso eu lhe perdoaria se não fosse a embirração com o pobre do alfinete que elle me descobriu, não sei como, na gola do vestido! Já se sabe, a proposito veio logo a cantiga:

— Se eu fosse mulher era objeto que não punha em cima do meu corpo! Alfinete é desmazelo. Alfinete é incuria. Alfinete é desleixo. Alfinete é dezalinho, e é descuido, e é negligencia! Dizendo a mesma coiza por diferentes palavras, elle vai envenenando o prazer que porventura eu possa sentir no meu passeio. Afinal, não sou de pedra, tenho nervos, sensibilidade. De mais a mais elle caluniava o alfinete, recurso dos aflitos, providencia de rasgões inesperados, protetor do recato e do pudor! Quantas vezes em um baile um alfinete reune duas pontas de renda sobre um seio indelicatamente desnudado, ou em uma noite de ventania prende um chale rebelde, obrigando-o a agazalhar um busto carecido de defeza! Quantas vezes na sua vida modesta os pobres alfinetes, que *elle*

abomina, terão evitado a vergonha e a morte de muita gente. Ah! será preciso ser-se mulher, para se compreender a alma das coizas humildes e serviçais? Ainda assim, não foi a injustiça para com os alfinetes nem a implicancia com a minha *toilette*, que hontem me acendeu na alma a vontade de me divorciar mas aquelle gesto inexplicavel esquizito surpreendente, com que elle, ouvindo a Barbozinha queixar-se de não ter um alfinete para prender uma flor ao peito, me poz a mão no pescoço, dizendo, sem me dar tempo para nada:

— Minha mulher tem aqui um inutil. E antes que eu protestasse, sussurrou-me ao ouvido:— ainda bem que te posso livrar desta indecencia!

Calei-me para não armar um escandalo. Estou convencida de que se não fosse a prudencia das mulheres o cazamento seria uma fonte abundantissima de escandalos. Por cauza disso, que noite passei! E que pezadelos, que chuva de alfinetes sobre o meu coração, e que multiplicação de Barbozinhas diante dos meus olhos!

Ainda por cima elle me quer fazer de tola, procurando convencer-me de que não cometeu aquella ação grosseira para ser gentil com a outra, mas só para me corrigir da minha mania de andar pelas ruas como uma pregadeira ambulante. E, quanto mais eu me dezesperava, mais elle se ria!

Isto é vida?! Afinal, não sou uma criança... não necessito que me eduquem por meios brutais.

Elle foi tão dezassizado naquelle ato como o é, quando responde, todas as vezes que me queixo, com outra queixa identica ou peor!

Se lhe digo que tenho uma dorzinha reumatica em um artelho, elle, em vez de se interessar piedozamente pelo meu sofrimento, afiança que tambem não anda bom, com uma pontada no peito, ou com uma unha encravada em um pé.

Julgará que sou uma doente imaginaria e inventará os seus achaques para curar-me da mania dos meus, ou a sua vaidade será tanta que até na variedade e quantidade de doenças, queira ser superior a mim?

Tudo é possível. Ha muito quem inche as bochechas para dizer:

— Eu já tive febre amarela!

Ou:

— Eu já tive bexigas!

Como se dissesse:

— Eu já descobri o meio de aproveitar a força motriz das correntes maritimas!

Ou:

— Eu descobri a natureza e os costumes dos habitantes de Martel

Será o orgulho da sua rezistencia fizica, ou a gloria de ter encarado de perto a morte e de

tel-a vencido, que faça tanta gente contar como façanhas dignas de nota coizas que não passam, afinal, de accidentes ocorridos a contragosto na sua vida?

As proprias crianças manifestam a mesma especie de vaidade quando ostentam as cicatrizes deixadas no seu corpo por certas diabruras reclamadoras de palmadas, como se fossem provas de coragem merecedoras de admiração!. . Desta culpa está livre a minha memoria e a minha pele. Cicatrizes só as tenho no coração, e a mais dolorida pareceria tão insignificante a olhos estranhos, que a esconderei para sempre de toda a gente incapaz de compreender que a ofensa feita pela ponta de um alfinete seja ás vezes mais ofensiva que a produzida pela ponta de um sabre — porque é ridicula.

---



## Estou bem aviado.

---

Estou bem aviado... depois que minha mulher ouve tão repetidamente dizer ao pai que o querer é pôder, não cessa de exigir do destino o sol, a lua e todas as constelações do firmamento! O maluco do homem não perceberá que a filha tem um espiritozinho de mosca e não atinge a significação perfeita de certas teorias? E, de tudo, o mais engraçado é que seja elle, um homem a quem a sorte sovou como um pasteleiro pôde sovar a massa dos seus pasteis, quem apregõe meios energicos para conquistar o mundo! Onde estiveram sepultadas tantas aptidões, que ninguem as percebeu nunca? Agora então, depois de velho e de retirado da cena, sem dinheiro e sem prestigio, é que se põe dos bastidores a dar leis a quem está, como pôde, desempenhando o seu papel. Mas isso emfim é a mania de toda a gente de idade, dar conselhos aos novos, alegando a sua experiencia, mesmo que dessa experiencia não tenha resultado nenhum fruto apetecivel.. No que eu

acho infinita graça é na maneira por que elle põe agora em pratica as teorias de certos livros que ainda caio na asneira de trazer para caza. . Esses tais ezercicios da vontade, com que os sabios procuram temperar o carater das multidões ingratas, têm nelle realmente um propagandista delicioso. . . A mim o que me custa é conservar-me serio quando o vejo, aos setenta e dois anos, estimular a sua vontade com ações que a contrariam, como tomar café sem assucar, quando elle é mais lambareiro que uma formiga; ou não ler jornais, ezatamente quando lhe arde a curiozidade de saber noticias do que se passa na sua cidade ou no mundo; ou oferecer charutos, quando o seu dezejo foi sempre que os outros lh'os ofereçam a elle; ou ainda levantar-se, como se está levantando estes dias, ás cinco da madrugada, para regar as flores do terraço, quando o seu regalo é ficar na cama até ás oito horas. . . Ahi está, se eu fosse comediografo aproveitava-lhe o tipo, porque dentro da pele do meu sogro ha mais assunto do que musculo e talvez creasse uma personagem com um certo sabor de novidade. Quando elle recuza os cigarros, que ainda lhe ofereço por delicadeza e um bocadinho de curiozidade, vejo no gesto com que elle repudia o meu oferecimento sinais recentes de satisfação e de tabaco. Elle tem acabado de fumar no quarto, ás escondidas, como no seu tempo de colegial.

Um vicio entranhado no corpo desde a adolescencia até á velhice, se não acaba por si no enjôo da saciedade, nunca é vencido pela simples dispozição de quem o tem. Essas energias só antes dos quarenta. Mas nenhuma como aquella hontem, de sair de casa a pé, com itinerario marcado, só para ir apanhar um seixo na alea esquerda do Passeio Publico, e trazel-o á filha como quem traz um anel. Esse foi mesmo um *sport* especialissimo e que ficará nos anaes da familia como um foco luminoso. Ainda se essas praticas que elle lê nos livros e procura realizar, não me criassem já alguns dissabores, pouco me importaria; mas o diabo é que minha mulher, a propozito de tudo, chama a minha atenção para os ezemplos do pai.

— Faze como papai, não fumes. O tabaco é um veneno! — Faze como papai: não leias á noite, que faz mal á vista! — Faze como papai: não bebas vinho ao almoço, e ainda menos ao jantar!

E se afinal, enfadado, replico que não posso dispensar o meu copo de Bordeaux á comida, ella acode vivamente:

— Papai tomava um litro de vinho por dia e agora não toma nem uma gota!

Se berro contra a invazão de padres estrangeiros que está sofrendo o Brazil, eil-a que se apressa em fechar as janelas recomendando-me:

— Sê prudente como papai: fala baixo. . .

Se espero o bond no portão do jardim, lá vai ella correndo aconselhar-me que vá até a cidade a pé, como papai, que isso estimulará o meu apetite para o almoço no restaurante. Se me zango porque os meus colarinhos não estão suficientemente duros, ella defende logo a maldita lavadeira e acrecenta:

— Faze como papai, que só uza agora colarinhos de chita mole, não porque os ache bonitos, até os detesta, mas porque realmente são muito mais commodos!

Se estouro uma fraze mais forte contra tal ou tal fato politico, Jezus! Nossa Senhora! porque não has de ser tu indifferente por essa historia, como é papai?! E até se venho tarde para caza, como esta noite ainda, através do sono, com a lingua pastozza e confuza, ella acha geito de indagar:

— Mas por que é que tu não vens cedo para caza, como papai?

Oh! eu afinal não urro de dezespero, porque apesar de não fazer ezercicios de vontade, como meu sogro, sei perfeitamente dominar a minha impaciencia; mas nada me irrita nem me altera como esta preocupação de minha mulher, de me querer amoldar ás fôrmas do seu paizinho! Tenho até medo ás vezes de acabar por odiar o homem, de quem, afinal, sou tão amigo. . . e que respeito. Elle tem grandes virtudes.

não ha duvida, mas tudo tem limites, e é preciso que umas coizas não passem as fronteiras das outras sem pedir licença. Se meu sogro continúa a levantar-se ao romper do dia e a abrir toda a caza, e a fazer constar a quem ainda sonha que elle já está de pé, ezercendo uma ação em duello com o seu bem-estar, e, sobretudo, se a filha me desperta para seguir o ezemplo salutarissimo de ir regar os rainunculos ao despontar do sol, eu ameaço-a de ir de então por diante dormir num hotel. E vou. Vou para o alto da Tijuca, ou para o Catete. E que se queixem. Quero ver depois. Meu sogro, coitado, não terá grande culpa, *il faut que vieillisse passe* com as distrações ao seu alcance, estou certo que nem elle pensa mesmo em corrigir com os seus *sports* indiretamente a minha suposta mandriice... A filha é que sem o pensar estraga tudo. Eu já deveria ter previsto que nos lares constituídos por mais de uma familia ha sempre rivalidades. Sem o pensar, como uma agulha entre dois imans, minha mulher, ora se sente atraída por mim, ora pelo pai; e como elle e eu somos homens de habitos, gostos, idades e indoles diferentes, compreendo que ella se aturda, mas não admito que a proposito de insignificancias de toda a ordem me pespegue diante dos olhos os ezemplos do papai, como normas para o meu comportamento! Elle proprio não se deve sentir á vontade no

papel que a filha lhe oferece, porque não ha posição mais falsa nem mais difficil de sustentar do que a de modelo. E' uma entalação e uma responsabilidade de mil demonios. Modelos? nem nos *ateliers*! Até já me parece que elle cora, quando a filha lhe invoca as belezas do carater. Se ha nada melhor do que a gente poder agir sem a perseguição do comentario alheio! Para mim tudo seria ainda suportavel se, contagiada pelas teorias de meu sogro, já minha mulher não sustentasse, como sustenta— que um homem de vontade forte domina o mundo—que, se eu quizesse, seria ministro das finanças, ou estaria á testa de uma comissão em Paris, com succulento ordenado e o rico do papai por secretario! Agora, felizmente, está num periodo manso, contenta-se com pouco, quer só um palacete no Rio de Janeiro, um chalet em Petropolis, um automovel para «fazer o corso» e um adereço de perolas; tudo isso saindo muito honestamente do meu bolso. Do que ella, coitadinha, não se lembra, quando diz tais coisas, fixando em mim os seus olhos magneticos, é que os meus bolsos continuam furados desde o dia em que eu lhe pedi que m'os cozesse!

---

## Ha de ter muita graça

---

Ha de ter muita graça que o senhor meu marido, sabendo perfeitamente que morro por ir ao teatro, tivesse tido a coragem de ir hoje a algum delles sem mim... Não duvido; só para me dizer depois, com aquelle arzinho de desdem, quando eu manifestar o dezejo de ver esta ou aquella peça:

— Não vale a pena, minha filha; aquillo é uma bambochata, não imaginas!

O processo não é de invenção d'elle, sei-o muito bem, mas nem por isso me aborrece menos. Concordo que sob o ponto de vista financeiro esse sistema é perfeito, por aliar a comodidade á economia.

Na verdade, a diferença do preço de uma simples cadeira para um camarote, ou mesmo para duas cadeiras, é quazi tão grande como a diferença que vai do alto do meu penteado ao alto da sua cartola.

Devo regozijar-me pelo seu bom senso, sujeitar todos os meus gostos ao seu criterio e dar

graças aos céus benignos por esse trabalho, que elle, entretanto, desempenha sem queixume, como um heroe. O nosso papel é mais passivo: basta-nos estender as mãos para abençoar os sensatos maridos que vão aos teatros assistir a espectaculos inteiros, só para informarem depois ás mulheres que é indubitavelmente muito mais agradável passar o rico serão em familia! O meu está consumando agora tal sacrificio, não póde haver maior abnegação, nem sei como demonstrar-lhe o meu reconhecimento. Amanhã, porém, quando eu lhe pedir que me acompanhe á caza de minha madrinha, para tomarmos chá com ella, adivinho que volverá para mim olhos suplicantes e dirá, com aquelle tom de voz, que não sei onde vai buscar quando quer seduzir:

— Tens coragem de trocar pela caza dos outros a doçura deste nosso serão a dois, na comodidade desta nossa salinha, onde hoje eu tencionava estudar um pouco, bem pertinho de ti?! Se tens muita necessidade de ir, vamos; sacrificio as minhas leituras. não quer dizer nada. mas.. Mas! Esta palavra para elle não tem no final de uma frase, que preceda a um certo numero de reticencias, o mesmo poder embaraçozo que tem para mim. Com a sua logica superior e energica, elle não admite meias demonstrações. Assim, ou não liga nenhuma importancia a essa palavra, tanto mais quando



isso lhe não convenha, ou exige logo muito depressa, sem dar mesmo tempo para respirar, o complemento da idéa que ella enuncie, silaba por silaba, ponto por ponto. Para mim, então, um *mas*. dito por elle, como a mais leve e ainda inexplicada objecção, é logo como um rochedo que se levantasse de subito diante de meus pés, impedindo-me de caminhar para a frente. Aterra-me o esforço de vencer obstaculos; á sugestão dessas tres simples letras, ou desse curto som, enrolo a minha alma como um pastel dentro do corpo, e cedo logo, cedo covardemente. Já sei : para que o meu rico marido repouze amanhã do cansaço que lhe tenha deixado o espetaculo de hoje, a minha pobre madrinha não receberá a vizita da sua afilhada. Depois chama-me ingrata. entretanto, num idilio de lua de mel, elle, com um livro diante dos olhos semicerrados, eu com uma costura entre os dedos, cochilaremos num doce ritmo. Eu em solteira supunha que não pudesse haver segredos entre duas creaturas que convivam o mais intimamente possivel; e, todavia, essas creaturas comem uma ao lado da outra, dormem uma ao lado da outra, e é ás vezes como se cada qual estivesse encerrada numa torre á parte, de grossas paredes de pedra e sem janelas. Uma só alma em dois corpos é uma metaphora inventada pelo diabo em hora de ironia. Cá estamos nós dois, em estado de

paz, com o espirito voltado para pontos divergentes. Elle sorri, recosta-se na sua cadeira de aluguel, olhando para as mulheres, cujo prestigio, percebo bem, tem ainda grande predomínio sobre elle: está alheado de todas as contrariedades e de todos os cuidados, e lembrando-se tanto de mim como da primeira camizinha que vestiu na sua vida... Neste momento sou para elle um zero, nada mais do que um zero. Não nasci, nem ezisto. Entretanto, não creio que elle esteja gozando muito; basta que se não esteja aborrecendo. E aborrecendo-se não está, porque se tal acontecesse, elle saberia correr para as comodidades dos seus chinelos e do seu *robe de chambre*. Os homens têm essa faculdade de poderem fugir a certos aborrecimentos. Nós não.. Enquanto elle repouza a imaginação com os enredos da comedia e as palestras nos intervalos, sabe Deus com quem eu, na quietação da minha caza vazia, não tenho meio de opor-me a que estes meus pensamentos vão seguindo o rumo que seguem. e me fazem ver que a nossa alma comum se divide agora num bocejo e num sorrizo. Elle goza, eu enfado-me. A harmonia precisa de contrastes; em compensação, amanhã, aborrecer-nos-emos de parceria, sem que haja nisso nenhuma, mas mesmo nenhuma consolação para mim. Realmente, as ingratições têm origens obscuras. Esta minha chega talvez a ser revol-

tante, tanto mais que eu sempre fui da opinião de que se não deve nunca arremessar uma pedra a um lago limpido, com tanta força, que ella deça ao fundo, até tocar na vaza ignorada... É melhor olhar só para a superficie e fixar-me nisto: — estou capacitada ou não estou de que meu marido, meu cuidadozo marido, está a estas horas no teatro?

Estou.

Estou certa ou não estou, de que elle jámais me levará a esse mesmo espectáculo, que o está divertindo, só porque o considera imoral e indigno dos meus lindos olhos de moça e dos meus sensibilissimos ouvidos de mulher pura e honesta?

Estou.

Pois então, que bastem estas ultimas ponderações salvadoras, e, oh! pensamentos atrevidos, deixai-me dormir! \*

---

## Que diabo!

---

... Que diabo! não é que me esqueci dos amuletos em cazal. E agora?. agora, para voltar para tráz e ir buscal-os é mais uma hora. com este soll. Se ao menos a Candinha tivesse a lembrança de mandar-m'os trazer aqui ao escritorio pelo moleque. mas qual, isso não faz ella, é até muito bem capaz de os ver em cima da cama... devem ter ficado em cima da cama... e deixal-os ali em exposição para que a curiozidade das criadas se sacie apalpando e cheirando os meus relicarios e os meus santi-nhos. De mais a mais isto de criadas então, que é uma gente que não pára ao serviço de ninguém e tão depressa está aqui como ali ou acolá e acha sempre quem lhe dê trela... Se todos fossem como eu, que não me importo de saber particularidades da vida alheia, bom seria... mas fingindo que não, com geitinho, muitas pessoas provocam as indiscreções dos famulos, avidas de saber o que se faz na intimidade da casa de fulano ou de sicrano... Olhem o que disse

hontem a copeira nova, lá em caza, ácerca do antigo patrão, o Hilario Mendes.. que o idiota penteia a mulher. e que só para poupal-a é elle quem vai á cozinha ezaminar as panelas... nunca o supuz tão bobo... Pois a estas horas a espertalhona da minha copeira está passando em revista as minhas medalhas e lendo as minhas orações.. e amanhã ou depois arma de propozito qualquer salceiro, sai do serviço e vai dizer na vizinhança ou no inferno que eu uzo bentinhos ao pescoço, entre a camiza e a pele... e aí está como se abala a reputação de um homem serio. Para eu mandar o porteiro. o homem faz falta aos outros colegas... afinal não está só ao meu serviço. depois, tenho lá confiança em que este tambem não dezembrulhe a encomenda para ver o que vem dentro? O melhor é esperar ainda um pouco, afinal a Candinha não ha de ser tambem assim tão, tão estúpida, que não se lembre de os mandar... tanto mais que tem ordem expressa para corrigir os meus esquecimentos.. já uma vez me remeteu as chaves. outra a cigarreira e a piteira.. E' verdade que ella é capaz de supôr que isto agora é mais dispensavel.. é um tanto livre pensadora... Se não fosse eu ter marcado a entrevista ao Chaves para as onze horas... quem ia era eu... ainda se o negocio não fosse importante. Não ha remedio senão pôr telefono em caza.. é uma despeza, mas paciencia! tam-

bem presta serviços... olhem se eu tivesse agora aqui um aparelho; era só chegar-me a elle e dizer á Candinha:— Meu bem! manda-me os meus bentinhos. Não! Esta fórma tambem não seria tranquilizadora; afinal a função do telefono não nos assegura uma discreção absoluta. Quantas vezes tenho ouvido conversas de terceiros... sempre é mais prudente mandar recados em bilhetes fechados.. Entretanto, se as crianças pilham a minha santa Eustachia, estou perdido... e a mãe é muito senhora para as deixar brincar com os registos... e ainda o peor é que sem elles estou exposto a alguma contrariedade... E' verdade que hontem estive todo o santo dia com elles e se houve dia terrivel e perverso foi o de hontem.. só me faltou morrer esmagado embaixo de um bond! E quem me diz que isso deixou de acontecer só pela proteção dos meus relicarios?

Se eu fosse homem de superstições, diria que foi por ser hontem 13... Sempre ha patetas neste mundo! Como se todas as datas não fossem iguais... Se me quebram a santa Eustachia, eu divorcio-me. Divorcio-me, porque afinal de contas se deixei o escapulario em caza foi porque a Candinha, vendo que eu tinha pressa, não me ajudou... Anda sempre tão atarefada de manhã! Ora, se tem necessidade de ir ella mesma ver as cestas do peixeiro, do quitandeiro, do homem dos ovos. até fica mal! Este maldito

costume que as brasileiras têm de se imiscu-rem no serviço das criadas, só pelo medo torpe de que lhes roubem mais um tostão ou menos um tostão! Se em logar de andar naquella roda viva da cozinha para a sala de jantar, da sala de jantar para a copa, ella estivesse no quarto, pondo um pouco de ordem em redor de mim, eu sairia sempre com mais calma. E' como ler jornais: não ha meio de eu conseguir que ella me leia ao menos os telegramas enquanto eu faço a barba. E' verdade! Um telegrama!... não... Isso é mais indiscreto do que tudo... o melhor é. é não pensar mais nisso.

Não sou nenhuma criança e preciso ocupar-me com a pretensão do Chaves, que não tarda aí. . tanto mais que esse gajo anda a querer iludir-me. mas hoje é que não lhe dou nenhuma resposta definitiva... posso ser mal inspirado. já sei que vai esbravejar, tem pressa de uma solução. tambem eu tenho pressa da minha santa Eustachia e aqui estou sem ella, sem ella e sem santa Eufrozina, nem os meus ricos bentinhos. Afinal o seu negocio já poderia estar concluido se elle não tergiversasse sempre, escondendo-se atrás das opiniões da mulher.

Conheço por dentro e por fóra esta historia de opiniões de mulher. Quando certos maridos se veem embaraçados para uma resposta, servem-se desse recurso estupefaciente e delicado:— de não quererem ir de encontro á von-

tade das *suas senhoras*; e a maior parte das vezes as suas *senhoras*, coitadas, ignoram completamente de que massa é o assunto em questão e estão tão longe d'elle como eu estou agora dos meus bentinhos. A hipocrizia humana é na verdade revoltante. Ora, quantas vezes succederia até que essas espozas, se as consultassem, dessem uma sentença em pleno desacordo com a vontade dos seus caríssimos maridos... Mal sabem ellas a quanta esperteza servem de escudo... e dizer que ainda ha homens tão patetas que não se cazam!... Comtudo, não seria eu que abuzasse jámais do nome de minha mulher para uma das minhas transações particulares; acho isso uma falta de hombridade, mas lá que o fato é comum e comodo, isso é.. Por sua vez ellas fazem tambem de nós gato morto quando lhes convém... Sempre que se recusam a fazer qualquer coiza já se sabe que a desculpa é esta: — meu marido não gosta... meu marido não quer. Esta cobardia das mulheres seria de indignar céus e terra, se apelando para as razões que alegam, ellas não tivessem quazi sempre em vista defender de certos assaltos a bolsa comum.

Pois ainda outro dia, para rejeitar uns bilhetes de concerto, minha mulher não disse á Palhares que os não aceitava porque eu não gosto de muzica, quando a Palhares está farta de saber que eu toco flauta?! Não, para mentir, não



ha como as senhoras honestas! Candinha mesmo, que é tão pacata, não hezita em atirar-me certas responsabilidades para cima dos hombros.

Nella, vá lá que esse defeito seja tambem um pouco motivado por alguma falta de religião .. mas nas outras? Foi o que meu sogro lucrou, mandando-a educar por inglezas... Bravo! cá me entram agora no escritorio o Chaves e o moleque. não me faltava mais nada, senão virem os dois ao mesmo tempo!. e a peste do negro rasgou o embrulho... lá está santa Eustachia dependurada... elle já fez aquillo de propozito... e o peor é que o finorio do Chaves percebeu tudo e ha de servir-se disso para me ridicularizar com a sua panelinha... o verdadeiro é deixarmo-nos de hipocrizia e aclarar a situação. E' o que vou fazer já:

— Répare, Sr. Chaves, na fraqueza de espirito das mulheres!. Esqueci-me hoje muito de propozito destes *berloques* em caza e minha mulher, coitada, que é toda superstição e temores, mandou-m'os pelo copeiro, receando que me suceda alguma coiza má!... Se não fosse o pavor de uns certos zelozinhos.. sabe onde eu os esqueceria agora?! na rua! Emfim, coitada.. são consequencias da sua educação... Valham-lhe as intenções... Pobres senhoras... ah! ah! ah! pobres senhoras!

## Quando me lembro

---

Quando me lembro do arrepio de susto que senti hontem á noite, ao entrar com meu marido no gabinete particular do restaurante, tenho vontade de rir. Creio que enrubeci, olhando para a cara raspada do criado, cara de toureiro velho, de que não me esquecerei em toda a minha vida. No momento eu não me preocupei senão com o que esse homem pudesse pensar de mim; hoje lembro-me de que nos seus olhinhos empapuçados havia menos malícia do que cinismo, e tenho a convicção de que da minha pessoa nada ficou na sua lembrança. Em todo o cazo esse escrupulo como que me serviu de aperitivo áquella ceia inesperada. Tinha graça que eu me preocupasse com um criado! Se meu marido me expunha a qualquer comentario isso era lá com elle, porque, quanto a mim, estando a seu lado era irresponsavel por tudo quanto se pudesse pensar de mim. A vantagem da companhia dos maridos é principalmente essa. Tambem, mal de nós se não tivéssemos compensações... Ao principio eu devia parecer um pouco embaraçada,

não só pelo receio de ser julgada de um modo injusto, como porque me dava volta aos miolos a ideia do motivo que levava o meu serio, o meu puritano marido a fazer-me participar daquella extravagancia saboroza. . . Como o lugar não era adequado a locubrações dificeis, deixei-me dominar depressa pelo encanto da novidade, que é a melhor coiza da vida, e sentei-me á meza, sentindo escorregar-me dos hombros, numa caricia voluptuoza e lenta, a minha *bôa* cançada, já de dois invernos. Pobre *bôa*, como ella parecia compreender os deveres daquelle ambiente! Tirei as luvas com um movimento rapido e piquei uma azeitona. Eu em caza não gosto de azeitonas; mas aquellas pareceram-me excellentes, de uma origem diversa, como se tivessem vindo do sagrado Jardim das Oliveiras, directamente para mim. . . Piquei outra, e outra, dando-me pressa em entrar naquella delicia da ceia. E o pão? Creio que nunca comi pão tão bom em minha vida, branquinho, fofo, desafiado de dentadas. Com a vontade de comer veio-me tambem a de rir, a de tagarelar como as crianças. Acudiam-me ao cerebro ideias originaes, sentia a garganta entumecer-se-me de gargalhadas. Desatei a falar da comedia a que acabara de assistir, criticando-a sem piedade. Eu faria melhor o papel da protagonista do que a dezenxabida que o dezenpenhara. Ella não tinha unhas para o ciume.

A ideia da intelligencia das unhas num papel de ciumenta deu vazão á minha hilaridade. Olhei para as minhas; estavam bem afiadas. Se ha papeis que arranham, que ferem, que fazem sangue, embora em escoriações superficiaes, aquelle era um delles. Seria bom que as atrizes comprehendessem que não havendo nada inerte num corpo vivo, cada uma das partes que o compõem tem a sua expressão eloquente e vizivel. Pensando assim, não uzariam nunca cabeleiras postizas. O cabelo morto, emquanto não nos souber contar historias do outro mundo, é de uma estupidez intoleravel; elle nunca se põe em pé, numa impressão de horror; nunca descai por si, enlanguecido a uma comoção amorosa, nunca se sente percorrido em cada fio pela vibração das sensações do individuo de que faz parte... aparentemente; não póde portanto, senão servir de estorvo á plena irradiação intelectual e moral de uma figura de tablado. Qual seria nesse assunto a opinião de meu marido? Meu marido não se dignou de ter opinião. Percorria o *menu* com vista conhecedora. Observei-o. Verdade, verdade aquelle homem que ali estava repimpado com as suas lunetas de ouro, o seu colarinho alto luzindo-lhe atravez da barba loira em bico, claro como um alemão, numa poze abandonada, tão diferente da sua costumada impertigação de professor catedratico, seria realmente o meu marido?! E seria possivel que um

marido ainda causasse surpresas agradaveis á mulher, depois de tantos anos de matrimonio? Por que processo miraculozo, tornei eu a pensar, teria o meu, sempre tão severo em questões de recato, chegado áquella tolerancia de me levar a mim, depois do teatro, a comer salada de lagosta e papos de perdizes, em um quarto de tabique, armado num hotel para cazais suspeitos?

Absolutamente esquecida do resentimento dessa manhã, quando elle alarmou a caza pela simples razão de ter achado um laivozinho quasi imperceptivel de anil na orla de um punho, eu achava-o agora encantador! Quem inventou a maldita moda dos engomados para os homens, deve ainda estar chiando nas caldeiras do inferno. E que chie por muitos seculos ainda, para vingança das espozos pacientes... Mas felizmente nessa hora não se tratava de roupa branca, e piquei outra azeitona, morta pelo resto que tardava.

Na certeza de que eu escolheria mal os accpipes, meu marido não me consultou e determinou pratos e vinhos á sua vontade; entretanto, eu aventurava uma apreciação á ultima cena da peça, que me tinha revoltado os brios de mulher. Emquanto as senhoras não ezercerem na plateia o direito da pateada que assiste a todo o espetador, os comediografos acabarão sempre banalmente os seus finais de ato adulando os

homens. Os nossos tacões á Luiz XV não têm opinião no conceito dos autores teatraes, mas dia virá em que elles saibam fazer trovoadas que imponham algum respeito. A essa ideia dezatei a rir, na certeza de que a minha piedade nunca me permitiria tal violencia. As mulheres consideram o ridiculo como a maior das desgraças e é essa qualidade de respeito pela infelicidade alheia que faz com que pareçam ás vezes menos finas de entendimento do que realmente são... Eu falava e ria sózinha, como uma maquina a que tivessem dado corda, quando as mãos chatas do criado me apresentaram o prato da salada, a que não faltava nada. Pois é muito difficil não faltar nada a uma salada! Um pouco de vinho, que meu marido depois achou pessimo e que me pareceu deliciozo naturalmente porque o paladar das mulheres é mais facil de contentar, aumentou o meu dezejo de rir. Ao meu proprio ouvido as minhas gargalhadas tinham o som do rizo dos quinze anos; como que se quebravam dentro de mim ideias de cristal que se iam cascalhando, umas em póz das outras.. A minha vontade era levantar-me do meu lugar, suspender com as duas mãos as pontas do bigodão ruivo de meu marido e beijal-o na boca, num longo e mudo agradecimento por aquelle regalo de ceia, tão imprevisto! Na impossibilidade de o beijar, fiz-lhe uma outra pergunta. Havia meia hora que eu falava sózinha!

Elle fixou em mim com estranheza os seus claros olhos azuis, grunhiu um monosilabo e sacou, das misteriosas profundezas do bolso do sobretudo, uma folha da tarde, dobrada em quatro, que desdobrou, e se poz a lêr.

Naturalmente, o criado percebeu logo que se tratava de marido e mulher. Por um contra-senso, eu me senti agora humilhada. . .

Elle lia tudo para dentro de si, silenciosamente.

Comecei a perceber que me faltava qualquer coiza no meio daquillo.

Indaguei logo, com vista aguda:

Flores? Havia flores. Manteiga? a que havia era soberba. Agua? Ali estava a moringa. Sal? ali estava o saleiro. A toalha era de linho, fresca; o guardanapo bem lavado. Que seria?

Enchi de novo o meu copo, abafei a vontade de rir; olhei para meu marido.

Estava sério, com as sobrancelhas contraídas. Com uma fisionomia em que se concentrava uma grande atenção.

Tive um sobresalto:

— Morreu alguma pessoa nossa conhecida?!

— Que ideia é essa? dignou-se elle responder-me.

— Estás tão sério. De que se trata, dize! supliquei.

— De coizas que tu não entendes nem te interessam. Politica

E tornou a mergulhar na leitura.

A salada acabava-se; só umas folhinhas molles boiavam no molho da terrina. O gaz fazia um calor! O criado sumira-se. Dezabotoei a gola da bluzza e pensei que me seria doce que meu marido me viesse beijar o pescoço... Imaginando a cena, ri de novo, ri alto, ri estupidamente.

Elle olhou-me espantado:

— De que te ris?!

— A' tóa. A salada estava divina.

— E' bom que saibas; repara, para ensinar á Emilia. Olha que a Emilia está cozinhando pes-simamente, cada vez peor. Se assim continúa passo a jantar fóra de caza. Eu hoje não jantei. Notaste? não notaste: tu não vês nada. Pois olha: não fazer um homem questão de ordenado nem de dinheiro para despezas e ser mal servido, é triste.

E' triste... pensei eu tambem de mim para mim, sentindo fugir-me, como por encanto, todo o apetite e toda a vontade de rir. Elle agora expandia-se:

— O teu unico defeito é não querer vêr o que se pensa e o que se faz em caza. A Emilia, bem dirigida, seria aproveitavel; ella não é estúpida. Ensina-a, do contrario é como te disse e repito: passarei a jantar fóra de caza.

Quando vieram os papos de perdizes reparei bem para o prato, para o descrever á Emilia; mas



senti qualquer coiza na garganta que me impedia de o provar, o que não cauzou prejuizo, porque meu marido comeu as duas porções, afirmando o bom sabor da iguaria. Compensava-se do mau jantar. Enxugando o bigode, alagado de vinho, elle acrecentou com o modo mais natural deste mundo:

— Hei de levar-te a almoçar um dia num hotel, só para veres o que é um bife; lá em caza nem ao menos a carne sabem escolher!

«Só para veres o que é um bife»... Esta fraze banal ficou ecoando repetidamente no meu cerebro, até que meu marido me perguntou já noutro tom:

— Queres sobremeza?

— Não quero mais nada.

— Então vamos para a nossa cazinha. Estou anciozo por ella; decididamente não ha nada... mas que é isso, tu choras?! Trago-te ao teatro, venho contigo a uma ceia num dos melhores hoteis e onde raros máfidos trazem as mulheres, não te falta nada e tu choras! Realmente, és incontentavel. Se eu soubesse, teria vindo só-zinho.

«E eu não teria visto a saladá para a explicar á Emilia», pensei comigo, e depois respondi, procurando dominar a minha comoção ridicularizando-a um pouco:

— Não choro tal, a culpa é do vinho. Subi-me aos olhos... Sabes, não estou acostumada...

E ri-me, ri-me nervozamente, ri-me dolorosamente. Elle ria-se tambem, agora, abotoando-me a gola, colocando-me nos hombros a *bóia* abandonada, levando-me para caza como uma coiza inconciente pendente do seu braço sereno, do seu braço protetor..

---

## Sonhar é viver!

---

— Qual será a razão por que as mulheres sonham mais do que os homens ou têm, pelo menos, muito melhor memoria para reproduzirem, nitidamente, depois de acordadas, os sonhos que tiveram enquanto adormecidas?

— Não sei.

— Nem eu. Pois se quizesse assistir a uma cena invariavel, mas em todo o cazo interessante, deverias vir á minha casa de manhã cedo, á hora do café. Enquanto meu sogro e eu percorremos os jornais, na ancia dos telegramas, todo o pessoal feminino de casa relata com detalhes minuciozissimos as incoerencias das suas fantazias noturnas, e é curiozo observar-se a atenção com que se ouvem mutuamente!

— Geralmente, as senhoras são muito delicadas...

— Tanto mais que, como eu, devem estar um tanto desconfiadas de que parte das babuzeiras que se confiam sejam inventadas na ocasião...

— Não seas perverso, e acredita antes que

menos preocupada durante as horas de vigília, a imaginação das mulheres trabalhe mais do que a nossa durante as horas do sono. Em minha caza dá-se o mesmo fenomeno. Minha sogra reproduz na familia o tipo dos interpretadores de sonhos do antigo Egipto, da Phenicia ou da Assiria, entidades, como sabes, que faziam disso a sua profissão e que eram nella constantemente consultadas pelo povo supersticioso.

Não imaginas: minha sogra ouve a narração de um sonho como um sacerdote póde ouvir a confissão de um moribundo: com magno respeito; no fim dá a sua sentença. «Foste mordido por um cão?» prepara-te para o sofrimento de uma injuria ou de um prejuizo. «Comeste uvas pretas?» vais derramar lagrimas sentidas. «Viste dezembainhar-se uma espada diante de ti?» correrás grandes perigos... «Partiste ovos para fazer uma fritada ou um doce?» prepara os ouvidos e a paciencia para intrigas e mexericos. «Teu caminho foi atravessado por uma cobra?» de ti, ou de pessoa da tua familia, nascerá um filho, dentro de poucos mezes. «Montaste um cavallo preto?» ahí está um mão presagio para negocios de interesse. «Viajaste em mar de rozas?» serás feliz.

— Mas como estás instruido...

— E' que tambem eu ouço invariavelmente os sonhos da familia, á hora do café matinal.

— Infelizmente cá em caza a nossa Sibila não

é a minha sogra, mas a nossa cozinheira, e aflige-me ver minha mulher, tão respeitavel e tão sensata, chamar a mulata á sala para lhe perguntar o que significa sonhar com pombos brancos ou fogo no telhado.

— Isso significa.

— Não digas; eu não me interesso absolutamente pelo assunto.

— Pois é um assunto curiozo.

— Ezaminado sob outro aspeto; mas agora não tratamos propriamente de sonhos — mas de mulheres.

— Que é assunto mais interessante ainda ..

-- Conforme lembra-te que estamos tratando das da nossa familia.

— Ainda assim.

— Dizia eu que muitos dos sonhos que ouço diariamente, me parecem fabricados na hora em que os impingem; e nesta minha opinião ha menos malicia do que curiosidade. Sabes que tenho plena confiança na veracidade de minha mulher, mas por isso não deixo de estranhar que ella possa reproduzir, duas horas depois de acordada, sonhos enormes, bem concatenados, divididos em cenas como as comedias em que não ha inverozimilhanças nem atropelos. Póde-se acreditar na existencia de um sonho sem inverozimilhanças?

— . póde

-- Hezitaste. Vá lá que se possa, uma vez ou

outra. Sempre, não. Quanto á minha cunhada, essa quer positivamente fazer romance á força: como não se cazou, descreve os raptos de que foi vitima, em braços de rajás ou de imperadores, de musulmanos ou de cristãos.

— A natureza tem com a imaginação os seus acordos.

— Creio; o que me irrita é, não só o modo por que são relatadas as peripecias absurdas desses sonhos sem nexo, como a atenção que os outros lhes prestam. E' quasi dolorozo para mim ver perder-se tempo á toa..

— Não tens para onde fugir?

— Não; naquella hora a sala de jantar é a parte mais fresca da caza e onde tenho as minhas comodidades para a leitura do *Jornal*. Olha, nos sonhos de minha mãe acredito eu.

— Porque são de tua mãe. As mãis são as unicas mulheres em que os homens crêem incondicionalmente.

— Não é por isso; é porque representam uma preocupação diaria que a diverte e a absorve: o galinheiro.

— Na verdade, as velhas sonham muito frequentemente com as galinhas. Eu tambem tenho o meu sonho habitual: fugir de um touro que me persegue, o diabo de um touro malhado, que parece ter contratado com o supremo empresario das minhas vizões sonambulescas todos os sonhos que eu possa ter na vida!

— Mas tu não perdes tempo contando á familia esses epizodios, com certeza ?

— Não; mesmo porque ella já os sabe de cór. A minha pobreza de imaginação nisso é espantosa; tanto que minha mulher muitas vezes me pergunta, sorrindo, ao dar-me os bons dias:

— Como se portou o teu touro esta noite? E, confesso-te que não é sem uma certa humilhação intelectual que lhe respondo: bem, ou mal — conforme. Tu se não sonhas é porque tens bom estomago. Para mim o sonho é uma função material da vida. As mulheres têm mais um organo do que nós, que lhes aumenta a sensibilidade e lhes faz vibrar todos os nervos, do calcanhar ao cerebro. Dormindo ou acordadas, ellas são como as celebres harpas da lenda: suspensas dos salgueiros e continuamente tangidas pelo vento.

Como tu, eu tambem detesto uma especie de sonhos, mas só uma: — os literarios. Não ignoro, por certo, que num conto ou num romance tudo é ficção; mas, desde que essa ficção, por mais absurda, por mais estravagante, por mais inverosimil, não procure iludir-me com uma impressão de realidade, ella se dissolve a meus olhos na mais aguada das indiferenças. Não me interessa saber o que tal ou tal autor sonhou, mas o que viu, o que sentiu e o que creou com plena consciencia da sua razão. Como recurso para explicar disparates, o sonho é um processo

estafado pelos escritores de todos os tempos. Eu, autor, preferiria passar por doido a atribuir á inconciencia do sono as concepções originaes e fantasticas da minha imaginação. Quanto aos outros, quer sejam pezadelos, quer sejam sonhos de amor, eu gosto delles, porque multiplicam as sensações da minha vida e me fazem conceber ideias que, acordado, eu não teria nunca. Em uma das raras noites em que não fui perseguido pelo meu touro, sonhei que era um rato, e que ia ser engolido por um elefante. Afirmo-te que as impressões sofridas nesse momento angustiozo não têm paralelo em outras quaesquer da minha vida... Fiquei sabendo o que é a ameaça de uma morte inevitavel e horrivel.

— Ouvindo-te a ti, eu penso no que sonhará um guarda do Jardim Zoologico!

— Sonhará talvez que beija a boca de uma mulher formoza, o que :

*Bien que ce soit en songe,  
Ça fait toujours plaisir,*

como diz a canção; ou sonhará outra qualquer coiza, e assim sendo, o seu sono não será como o da morte, se é que no da morte, como reflectia Hamlet, não se sonhe por acazo tambem...

*To die — to sleep: — To sleep! perchance to dream* — Oh! como eu dezejaria crer que a illusão continuasse!



— Quem sabe.

— E' talvez por acreditar que tudo acaba com a materia, que eu adoro o sonho. Quero sentir a vida até no sofrimento. Por tal motivo te direi que se as mulheres sonham mais do que nós, como afirmaste, têm nisso ao menos a compensação da sua infelicidade.

— Que infelicidade?!

— Ora essa! . . . Uma pergunta:— tu gostarias de ser mulher?

— Eu?!

— Sim, tu.

— Deus me livrasse!

— Ahi tens.

## Já dezanimei

---

«Já dezanimei; a lesma da Emilinha é incapaz de seduzir meu marido. não sei para que lhe servem uns olhos tão bonitos... bonitos, a bem dizer não; grandes. Ha olhos pequeninos capazes de fazerem acelerar a marcha de uma locomotiva, e ha olhos tamanhões, que até assustam, de uma tranquilidade de agua morta. Os olhos da Emilinha são dois pantanos que nem ao menos provocam febres. dois pantanos sem fulgurações e sem misterios; duas grandes poças de formosa lama. A prova de que não ha dentro daquelle cerebro nem um tico de imaginação, é que meu marido permanece imperturbavel, dezesperadoramente imperturbavel a seu lado, como se ella fosse para ahi uma boneca de pano ou de páu.. muito ao contrario, ella é carnudinha... mesmo elegante. Elegante? hum. para ser elegante precisaria ser um nadinha mais alta e mais fina... aposto em como não seria capaz de abotoar, se o vestisse, um dos meus vestidos?... e diz á boca cheia que não

é mais gorda do que eu. Tem graça... Também é só quando ella tem graça...

Dá-me idéa de um peixe de agua doce. O meu Alberto creio que prefere o mais ordinario peixinho das marés salitrozias ao mais fino pescado de lagôa insipida... Se eu substituísse a Emilia por outra amiga mais feia? nada... as feias são mais perigozas. Não creio que Alberto seja um santo... tenho tido mesmo certas horas de duvida, muito aproximada da certeza, sobre a sua fidelidade... mas, afinal, que sei eu de positivo da sua vida lá por fóra, para poder prevalecer-me das suas faltas, em minha defeza? Nada. Em cazo de necessidade não poderei desculpar o meu procedimento com o procedimento delle... Digam o que disserem, o equilibrio é o que torna as situações estaveis. e assim não estamos equilibrados. Que elle me engana, é certo; mas engana-me sem deixar vestigio dos passos que dá na minha beira para o lado da outra.

Quem será? E' de tal sutileza e tamanha finura na sua arte, que todos o proclamam o mais fiel dos maridos... Pois não ha nada mais incomodo para uma mulher do que ser cazada com um homem assim. fica-se tolhida em todas as liberdades... sem razões plauziveis para um devaneio... ao menos um!...

Eu, por exemplo, não posso dizer á Emilinha que me preste o serviço de enlouquecer o meu

marido, sem entrar em explicações que dezejo evitar. Por seu lado, ella é uma rocha de estupidéz, para se deixar abalar pelas minhas finas insinuações...

Olhem a historia da côr!

Disse-lhe em todos os tons que meu marido detesta o encarnado; que chega a virar a cara para o outro lado quando vê vermelho, e a ignorante apresenta-se-me outro dia em caza toda de escarlate!

Disse-lhe que não ha em todo o mundo homem mais inflexivel, mais severo, mais rispido, melhor marido, do que meu marido, e não lhe desperto a adormecida curiozidade nem a menor vaidade para vencer tal rezistencia e fazer-se dezejada por um homem tão imperturbavel! Oh!

Senhor Déus, quando pensei eu em minha vida poder imaginar tantas barbaridades! A culpa não é minha; debato-me nas mãos fortes do Destino, como um mizero frango nas mãos de um cozinheiro cruel. Já não posso fugir - mas não quero morrer. Se ao menos meu marido fosse um homem máu.. um prevaricador. um gritador.. um despotico... a minha culpa ficaria atenuada ante a minha consciencia, embora perante a dos outros não tivesse perdão. A consciencia dos outros nunca perdoa ás mulheres, — mas tambem não é o julgamento alheio o que me importa; é o meu..

Não posso enganar um homem que me não engana... que não me maltrata. que não exige da minha pessoa sacrificios de nenhuma ordem; que sorri sempre, que me dá joias, que não ralha nunca e até gosta de me ouvir tocar piano... Se elle amasse outra mulher, eu ficaria livre para amar tambem outro homem. Embevecido na sua felicidade deleitoza, Alberto não notaria o meu alheamento, estas minhas terriveis abstrações.. em que todo o meu pensamento foge e o faz abraçar uma estatua sem vida, quando me abraça. Seriamos mais independentes e eu voaria, sem esta dôr que me punge, para a ventura que ambiciono. E' um excesso de sentimentalidade, este meu. afinal, se a atitude de meu marido é devida só á sua prudencia, se muitas vezes elle me teria dado razões até para o divorcio, se fosse mais expansivo, por que tanto escrupulo da minha parte? Sinto que Alberto me engana, jezuiticamente, sem me deixar apalpar a sua culpa. Por que não o hei de enganar do mesmo modo? Em consciencia, não ha homens nem mulheres: ha seres com iguaes direitos naturais, mesmas fraquezas e iguais responsabilidades.

Mas não ha meio dos homens admitirem semelhantes verdades. Elles teceram a sociedade com malhas de dois tamanhos — grandes para elles, para que os seus pecados e faltas saiam e entrem sem deixar sinais; e extremamente

miudinhas para nós. O mais curto dos nossos *flirts* fica logo seguro na rêde, como irrecuzavel prova de um crime tenebrozo! E o pitoresco é que nós mesmas nos convencemos disto! Pois será um crime este movimento de alma espontaneo, que nos faz sonhar com certos olhos negros, quando por lei o nosso pensamento só se pôde ocupar com certos olhos azues? Não é pelo remorso, talvez, que eu atiro assim a Emilinha para o caminho de Alberto. talvez não seja tambem só por covardia... será piedade? dezejo de que elle goze tambem, ao mesmo tempo que eu, um bem tão suave? não sei. Pois daria um doce ao diabo se elle me explicasse o verdadeiro motivo desta exquzitive.

O meu escrupulo é pozitivamente excessivo e burguez. Sou toda credulidade. Sob a capa de honestidade de Alberto quantas perfidias não se rirão maliciosamente de mim!

Dizem que certas mulheres, que juram pôr as mãos no fogo pelos maridos, têm tido extravagantes surpresas, achando, depois de viúvas, entre os papeis do defunto, confissões de grossas infidelidades ou lendo-lhes nos testamentos dadas a filhos naturais, cuja existencia não podiam suspeitar. Ai dellas! quanto lamentarão então o tempo perdido numa adoração unica e mal recompensada! E' que enganar uma mulher é facil...

Enganar um homem é difficil. Dados certos

cazos, delle os inimigos fazem-se amigos; della os amigos tornam-se inimigos! Tudo se sabe, tudo se comenta, tudo se vê, tudo se exagera. e tudo se malsina!

Quem sabe se Alberto não tem por aí, em algum canto da cidade, uma familia escondida, com quem reparta os carinhos que me prodigaliza. a quem ame talvez mais do que a mim? E eu tão tola que ainda tenho escrúpulos.. Ah. querem vêr que é por isso que elle é insensivel ás graças da Emilinha? Graças da Emilinha! onde estarão ellas, coitada!

Exatamente o que lhe falta é o chiste. Ella é carne. Só carne. Se eu tivesse coragem de espiar os passos de meu marido. mas isso é que é muito feio... acabaria talvez por descobrir toda a verdade. Não vá elle ser dos tais sorsos. pais de meninos ignorados.. E eu que tanto tenho soluçado por um filho! Um filho ao menos! Tambem se eu visse o meu Alberto entrar numa caza desconhecida. e eu entrasse atraz delle bem devagarinho. e logo o visse beijar com ternura uma criança e uma mulher... ah! eu sou muita boa, mas haveria de atirar-me a ellas e torcer-lhes o pescoço, como se faz aos frangos!..»

---

## Não sei por que será.

«Master Ford, awake ; awake, master Ford ; there's a hole made in your best coat, master Ford.»

(*Merry Wives of Windsor*.— SHAKSPEARE.)

Não sei por que será que minha mulher, que verberava antigamente com tamanho dezassombro todas as infidelidades conjugais de que tivesse noticia, sendo mesmo considerada em caza como a bezourinha mais afiada e impiedosa do mundo contra essa especie de delitos, procura agora convencer-me, por todos os meios e modos, de não falar mal de certas mulheres e de certos maridos prevaricadores, como se disso pudesse rezultar algum dissabor imprevisto para mim. E' exquizado; aquelle respeito pelo infortunio alheio irrompeu-lhe do peito como a lava incandecente de um vulcão, de um dia para o outro, sem nem ao menos se fazer anunciar por qualquer sintoma precursor, que me preparasse para a surpresa. Emfim, talvez ella tenha razão quando amontoa argumentos sobre argumentos, sentimentais ou reli-



gizos, com a intenção de debelar este prurido de sarna que me leva a mim. — que diabo, a mim como a todos os homens! — a ridicularizar certos individuos, e a cortar-lhes na pele, como se a comichão fosse nelles. Não ha duvida que para essa especie de herpetismo moral. . só as unhas do dezabafo!

E' o que ella não entende agora, quando, entretanto, ainda ha bem pouco tempo ouvia com o maximo interesse todos os cazos que eu lhe trazia de fóra, saboreando os escandalozos como quem saboreia uma fruta carnuda, que mate a fome. Esse prazer talvez fosse demaziado barbaro, mas era tão humano que nunca lhe fiz observação nenhuma; aconselhei-a sómente, isso sim, a que fosse mais cuidadoza e mais discreta nos seus comentarios. Afinal, quem vê caras não vê corações, e era bem possível que muitas vezes ella, que por não praticar o mal não o supunha tão comum, se puzesse a falar em corda em caza de enforcado! Agora então voou para o extremo oposto. E' espantozo! Ainda quando estamos sós, absolutamente livres até da inspeção dos nossos proprios criados, ella me parece a mesma mulher dos primeiros anos do casamento, fremindo de interesse por tudo que de longe ou de perto se relacione com o amor, abrindo os ouvidos aos escandalos conjugais, cujos ecos lhe trago da rua. Então toda ella é atenção, e nos seus olhos, que fulguram,

leio clara, limpidamente, a demonstração do gozo perverso que dorme no fundo de toda a creatura humana. No mais vivo ponto de uma cena destas, porém, se se abre uma porta e aparece alguém, seja esse alguém embora a copeira imbecil que nos anuncia o jantar, sobre o rosto lindo e febril da minha mulherzinha, eis que tomba, rigida e pezada, a mascara da mais fria, da mais altiva indiferença! Por que? E' um caso de psicologia curiozissimo e digno de estudo de um mestre como Bourget, se é que de fato elle entende destas coizas melhor do que eu. Sempre gostaria que elle me explicasse a reviravolta de sentimentos que transformou em tamanha amizade a antipatia declarada que minha mulher sentia pelo Hildebrando e em quazi faceirice a indiferença que sempre nutriu pelas modas.

Agora parece outra, anda sempre florida, com um ar de que se irradia o fulgor de uma intelligencia mais viva e de uma graça mais perturbadora. Pobre alma, ella faz aquillo para prender-me. começa a ter ciumes, e, como não os confessa, procura seduzir-me aumentando de encantos. deve ser isso... Será tambem da idade... Sim.. bonita sempre ella foi, mas em solteira a sua beleza era inconciente, como em geral a beleza das meninas, mesmo as mais faceiras. É precizo que um rosto de mulher tenha sido beijado pela boca ardente

de um homem, para que nelle resplandeça a expressão da gloria para que foi criado. Minha mulher mudou para melhor, graças a mim. Pensando bem, eu tambem tenho mudado. Todos mudam não correr da existencia: de tipo, de genio, até de gostos... Eu por exemplo já gostei muito de queijo, hoje nem lhe posso sentir o cheiro; adorei a sobrecazaca e a cartola, hoje detesto uma e outra coiza; fiz loucuras pela mulher do Aniceto, hoje implico com ella solenemente! Ora, se tais transformações se têm dado comigo, que admira que minha mulher, que era impiedosa para com as fraquezas alheias, agora as compreenda e as lastime?

Chega a ter a esse respeito umas ingenuidades engraçadas, como outro dia, quando me disse precipitadamente:

— Não gosto que ridicularizes certos maridos diante dos teus amigos, porque tenho sempre receio, quando o fazes, do que elles possam pensar de mim, e de ti!

Coitada, como ella corou depois ao explicar-me o verdadeiro sentido dessas palavras, e como nos rimos! Ao principio fingi que não tinha entendido bem, mas o certo é que percebi logo todo o alcance do seu pensamento: ella não quer que nos tomem por caluniadores, nem por maldizentes... Em todo o cazo sempre gostaria que ouvisse ainda agora o Ananias censurando o procedimento da mulher do outro.

Ora, será crível que o Ananias ignore o que faz a sua?! Não. Logo, ou elle se quer robustecer com a teoria de que mal de muitos consolo é, ou nos quer fazer de tolos. Seja comò for, não reziste ao prazerzinho de discorrer sobre certas aventuras, até mesmo as mais banais, á força de repetidas, como as que ha mais de quatrocentos anos obrigaram Master Ford a monologar com tão especial filözofia sobre as desvantagens do cazamento:

— *This'tis to be married.*

Tambem, se todos os perigos fossem só para as mulheres, onde existiria a justiça? Ai, ai, ai! que este pensamento morra onde nasceu, no mais profundo ponto do meu cerebro, até onde não penetre o olhar da minha mulher. Pois em que lhe peze, a ella, todos os enredos me entretem e entretêm tanto mais quanto mais se aproximem da anormalidade e do escandalo. Sempre fui curiozo. De resto, não ha alma humana que não abrigue nos mais intimos refolhos o ratinho esperto da curiozidade. E sem curiozidade que valeria a vida? Nada. E' por influencia dessa qualidade que estudámos tantas ciencias, deciframos enigmas tão estupendos e complexós, analizamos todos os prodigios e todos os fenomenos da natureza, deslindamos intrigas, crimes, chegámos a conhecer, emfim, o coração do mundo e o coração do homem. E' por curiozidade que transpomos mares, perfurámos montanhas,

exploramos florestas, caminhamos para os gelos dos polos, na anciedade do desconhecido; é por curiosidade que conhecemos as estrelas do céu e sabemos do movimento do mundo; é por curiosidade que amamos; por curiosidade que cometemos o primeiro pecado e por curiosidade que desejamos morrer velhos, senhores de todos os segredos da vida! Revolta-nos a idéa de fecharmos para sempre os olhos na ignorancia das coizas que hão de vir talvez ainda transformar a face da terra, que nos exaltaria. A minha alma tem, como a de todos os homens, a mesma avidéz que nos apura os ouvidos na percepção dos mais sutis rumores, e nos faz transbordar de eloquencia á menor convicção. É, sobretudo, esta ultima faculdade que minha mulher condena ha uns mezes para cá. Estou quazi em acreditar que ella teria um certo prazer em que eu me transformasse agora em surdo-mudo! Desse modo ao menos não passaria pelos tormentos por que passou hontem, quando relatei á sua vista, ao Hildebrando, as desventuras do Ananias. E o cazo é que o Hildebrando, que é um bom companheiro para essa especie de conversas, vendo minha mulher impacientar-se, remexer-se na cadeira, fazer cara feia, tambem ficou aparvalhado, contrafeito, com um rizinho amarelo. Pateta. Em todo o cazo é um excellenté rapaz, o Hildebrando — e muito meu amigo!

## Falta de ordem

---

falta de ordem... falta de metodo...  
falta de atenção.. falta de disciplina. -tro-  
loló. tralalá. tudo no mesmo tom. na  
mesma tecla. e não soube dizer outra coisa  
esta manhã...

Quem o ouvisse, julgaria que sou uma des-  
prevenida... uma indiferente, que deixa tudo  
que lhe pertence correr por agua abaixo, sem  
fazer sequer um gesto para deter um ou outro  
dos objetos mais preciosos que possua...

Mas, senhores, serão todos os homens as-  
sim?... Se não fosse esta minha estupidez, tal-  
vez eu tivesse rido... porque, de fato, o caso  
chega a ser hilariante. um homem dezorde-  
nado, que se arrepela pela minima negligencia  
alheia, vale uma comedia ou, pelo menos, uma  
pantomima. Sómente, nas horas da crize, eu  
não lhe acho graça, e se tivesse então capaci-  
dade para refletir em alguma coisa, seria para  
invejar a sorte desses animaizinhos que furam

a terra e se somem da vida quando bem lhes parece.

Fugir . . . fugir para o silencio . . . para a morte simulada, em que os nervos repouzem da vibração que os enfraquece, seria um doce remedio para certas querelas conjugais.

Mas, realmente, onde diacho estará a peste da fotografia? . . . já não sei onde hei de procurá-la . . . também, se preza tanto o amigo, porque não lhe poz elle mesmo o retrato logo no album ou no *porte-bibélots* da sala, e o deixou em cima da secretária?

Ora, ora, se a secretária, esse inferno de balburdia, é logar de se guardar alguma coiza! Por força que não. Emfim . . . estou com a minha consciencia bem tranquila; remexi papel por papel . . . e não encontrei nada . . . e já é consumição perder um dia inteirinho atrás de um retrato que se obstina em não aparecer. Também o Valerio não poderia ter dado outra coiza?!

Q maluco não se lembrará que já temos mais de meia duzia de retratos d'elle cá em casa? . . . Ainda se elle fosse bonito. mas os homens não precisam ser bonitos para gostarem de se fotografar; é um dos carateristicos da sua vaidade. mas vá eu dizer ao Janjão, por exemplo, que por cada retrato que eu tire elle tira trez! salta logo que se vê obrigado a isso pelos pedidos dos amigos. e assim adquirirei a cer-

teza de que a minha effigie é menos dezejada do que a delle, ou que sou menos simpatica. Póde ser que o Valerio tenha escorregado para debaixo do divan. Não conheço na vida nada mais aborrecido do que procurar... a não ser marido — quando se está na idade. A caça do marido deve ter o seu pitoresco... o meu foi de acazo. Mas, se o tivesse buscado com uma lanterna, não me teria saído mais curiozo. pois também não está em baixo do divan, o tal Sr. Valerio!... Deixa-me pensar; de cima da secretária elle só poderia ter caído... ou para o divan... ou. ah! talvez para a cesta dos papeis.

... ..

O que aqui vai! Se eu escrevesse metade disto que está aqui amarfanhado, já estaria no hospicio! E é uma creatura que inutiliza tantas idéas, tanto papel e tanta tinta, que fala em economia domestica. asseio. metodo! Se é possivel ter metodo numa caza, onde se não esteja sózinha! Bem que eu quero... e é elle que não se importa: um dia vem jantar ás seis horas, já no outro vem ás seis e meia ou ás sete! E o jantar que esteja impecavel, se elle o quer mais cedo, ou igualmente perfeito, se vem mais tarde!

Então aí já não se pensa em metodo, em ordem, em disciplina! Pois eu já disse: para um lar ser bem mantido e bem governado é neces-



sario que haja, tanto da parte do marido como da mulher, a mais severa, a mais estrita, a mais absoluta sujeição ao horário e á tabella estabelecida, não só para as refeições como para tudo o mais. Elle pensa que basta a minha vigilancia e o meu sacrificio, para que um camandongo não lhe entre na biblioteca, que elle deixou mal fechada á noite, quando eu já dormia. ou para que o vento não lhe faça voar pela janela a carta que elle deixou sobre o seu guarda-roupa. . — Bem! o Valerio tambem não está na cesta dos papeis inuteis. como se o guarda-roupa fosse traste em que se devam pôr as cartas dos correspondentes — ou de mais alguém... Se eu procuro um anel, como outro dia: — Ah! isso só acontece ás pessoas descuidadas... e lá se dezenrola a fastidiosa teoria de: cada coiza para um logar e cada logar para uma coiza; mas se é elle quem perde o botãozinho de ouro do colarinho, ainda a descuidada parece que sou eu! Elle não o diz directamente, mas faz-me perceber a sua opinião. Entretanto, porque foi que elle perdeu o botão de ouro? Porque em vez de o guardar na gaveta, como devia, quando o tirou, pô-lo *ou* sobre o toucador, *ou* sobre o lavatorio, *ou* sobre a mezinha de cabeceira, e se mais trastes houvera mais *ous* haveria tambem. É um paraizo, o casamento!

Logo, mal elle entrar da rua, é contar com a

perguntinha infalível: — Então, o retrato do Valerio apareceu? — Espera! é bem possível que a fotografia tivesse deslizado para baixo do piano. não me admiraria muito: o pobre do Valerio gosta tanto de musica. ainda quando elle se contenta em ouvir, é muito bom; mas quando se faz ouvir é um terror! Tenho notado que os que menos sabem são os que mais procuram ezibir-se.. Qual retrato em baixo do piano.. qual nada!. o melhor é abandonar esta historia e ir fazer a minha *toilette* para o jantar... mas uma preocupação é coiza que se abandone assim? Por maiores que sejam os meus esforços, não conseguirei libertar-me desta inquirição impertinente; e todo o resto do meu dia ficará estragado.. De mais à mais, parece que o Valerio vem cá. é preciso que veja que apreciamos o seu presente, pondo-o em logar de honra na sala.. Já folheei os livros... remexi as pastas e gavetinhas da secretária. Querem ver que?. não, no bolso do sobretudo tambem não está! Aquillo foi a cabeça de vento do senhor meu marido que o guardou tão bem guardado, que já não se lembra onde... Eu que adivinhe... mas não sou bruxa; acabou-se. A verdade é que são seis horas e ainda nem pensei no vestido que hei de vestir. Se se operasse o prodigio d'elle esquecer-se. mas os homens nunca se esquecem do que nos aborrece, e sobretudo o que os intriga... Paciencia... a culpa não é mi-

nha... que se arranje... O que me vale é que me penteio em dois minutos... e este penteado não me vai nada mal.. devo enfiar a saia de linho nova. porque é indispensavel que elle hoje não me ache feia. A uma mulher bonita é muito facil, creio que até agradável, desculpar certas pequenas faltas.. enquanto que ás outras. oh! ás outras não se desculpa nada.

Desgraçado do homem no dia em que elle dêsse cabo do derradeiro espelho. Supondo ter aniquilado um rival, elle teria despedaçado toda a sua felicidade. Um laço de fita bem dado. uma nuvem aveludada de pó de arroz... qualquer toque imprevisto, quasi imperceptivel, que nos torne diferentes, fazem grandes milagres na vida conjugal. Sem espelho nós seriamos sempre as mesmas, e nada desgosta um marido como a monotonia... Saber conquistar os já conquistados, eis a terrivel dificuldade. Foi pena que eu não tivesse tido tempo de arranjar um doce por minhas mãos, para o jantar. Uma boa sobremeza abate singularmente a colera dos maridos... Agora o corpinho... e a maçada de me abaixar para abrir a gaveta... pois.. até... virgem Nossa Senhora! o retrato do Valerio na minha roupa branca! Ora esta! foi preciso que eu já não pensasse nelle, para elle aparecer! mas que diacho, então a culpa foi minha! com certeza.. quando eu estãva enfiando as

fitas no corpinho, perto da secretária. qualquer volta do braço fez-me cair o Valerio no colo e trouxe-o de cambulhada com a roupa. Agora como ha de ser, quando elle me perguntar onde o encontrei?! Hum... o melhor. sim, o melhor será dizer-lhe que. mesmo em cima da secretária, no meio dos seus papeis!

---

## As mulheres pensam

---

As mulheres pensam. Não! as mulheres não pensam, devaneiam apenas; e isso mesmo ás vezes... Pois eu não vejo? se querem agir por si, ao minimo embaraço olham logo em redor, procurando socorro! Ainda não encontrei uma unica que soubesse fazer um simples requerimento sem pedir conselho ao homem mais á mão... que deliberasse negocios sérios com a sufficiente clareza... que se não deixasse arrastar mais pela fantazia que pelo bom senso, nem se desprendesse, em momentos de rezolução, de certas ninharias e contemplações sentimentais...

O que sobretudo acho notavel e curiozo é como as mulheres conservam através dos annos certas ingenuidades de espirito e obstinações de caracter, quazi infantis. Minha mãi ainda acredita que para um homem obter um bom emprego basta ter aptidões para desempenhal-o, motivos para dezejal-o e subir as escadas de uma secretaria até ao gabinete do ministro, com

dezebrarção e sem uma simples cartinha de recomendação, ao menos.

Para as mulheres o pedir é facil, porque não assumem as responsabilidades do que pedem e estribam-se na sua incompetencia para se abalançarem ás mais atrevidas propostas. por isso não calculam a tortura, o vexame de um individuo qualquer em face de outro mais poderoso, na solicitação de um favor. Pois não me lembro tão bem como nos tempos de cazada minha mãi espicava a indolencia de meu pai: que fosse a este, que fosse áquelle, que falasse! Meu pai era prudente. é verdade que não lucrou nada com isso, tão certo é que não ha exito onde não houver atrevimento. Tambem, nem tanto nem tão pouco... precisamos saber temperar a salada. E' o que as mulheres não sabem. deitam sempre vinagre demais! A minha, coitadinha, é muito boa pessoa, mas absolutamente destituída de criterio.

Propriamente criterio não direi... mas de senso pratico. E' a tal coiza: quando quer dar a sua opinião sobre os fatos serios a rezolver, vem sempre com impaciencias e precipitações que os nulificariam na pratica... E a graça é que toda se abespinha e se zanga se ~~leva~~ levanta os hombros ás suas insinuações!. Na sua opinião o inepto sou eu! Verdade, verdade, ella ás vezes, por um desses misterios do acaso, acerta em uma ou outra previzão... tambem quando

isso acontece, com que arzinho de triunfo e de provocador dezafo ella levanta para mim os seus olhinhos côr de canela?! Toda ella cresce. até parece que engorda! A vaidade é como o algodão em rama, um enchimento postiço, que se conhece á distancia.. O peor quando isso acontece é que ella não socega emquanto não diz a Deus e a todo o mundo que se eu alcancei isto ou aquillo, foi por insinuação sua, e se não alcancei, não foi por falta de ter querido abrir-me os olhos a tempo, pintando-me as belezas do negocio e as probabilidades de o realizar... O diabo é que me faz passar assim por tólo diante de amigos e de conhecidos. Ella é que é a atilada... Sei que aquelle movimento é inconciente, mas não deixa de constranger-me.. não digo nada... mas. aborrece-me. O que vale é que todos lhe conhecem a força e sabem do meu valor. Ora, ora se eu me deixava guiar pelos palpites da Lalá!... até parece muzica de opereta: Lalá! Já vai chegando o tempo de a chamar Eulalia... estes nomes da meninice comprometem a gravidade dos trinta anos...

Pois a senhora Lalá não percebe que a orientação que tenho da vida, se não é audacioza, é pelo menos firme e de vantagens apreciaveis... Não sou homem de repentões e as mulheres entendem que tudo se toma de assalto no mundo. mas ai do marido que num assalto sossobra! esse fica com a sua reputação cazeira

prejudicada para sempre. Eis um ponto de naufragio...

Ha muitos pontos de naufragio no cazamento! Ora ahi está por que a maior parte dos maridos não gostam de mexeritar em caza assuntos concernentes aos seus negocios.

As mulheres queixam-se.. tambem quando é que as mulheres se não queixam? mas nós é que temos razão. Julgam muitas que é por desconsideração que os maridos guardam para si os seus segredos comerciais. e não percebem que a culpa é dellas, que mal vêem esboçado um plano qualquer querem-nos logo pintadinho com todos os claros e escuros, retoques e não sei que mais! Emfim, bem acabado.. Desde que um marido caia na tolice de fazer á mulher uma confidencia dessa ordem, não cessam as interrogações directas ou disfarçadas sobre a realização do projeto, seu andamento.. sua conclusão. E' verdade, é amanhã que se vence a letra do Benevides. se minha mulher soubesse disso já me teria perguntado varias vezes, sob varias fórmas, se o avizei. mas felizmente ella não sabe. Ah! a minha rica Lalá não sabe nada, nem o que julga saber, como, por exemplo, tocar piano. Parece que escolhe as ocações em que estou em casa para martirizar o teclado. Chopin.. Beethoven. Mozart. que sucia! Mas se um dia eu perdesse a paciencia e lhe dissesse: — «Filha, preciso de repouzo;



depois do barulho e da agitação da rua nada sabe tão bem como o socego e o silencio do lar» — ella coraria até á raiz dos cabelos, que por sinal estão ficando bem ralos, e seria capaz de não tornar a abri<sup>r</sup> o piano. D'aí que futuras e eternas recriminações sussurradas nas palestras com as senhoras minhas cunhadas!

Deixemos berrar o monstro. se isso lhe dá prazer. Ora aqui tenho diante de mim uma inesperada hora de silencio, que posso aproveitar em beneficio do meu relatorio... Lalá deitou-se... as crianças estão ferradinhas no sono... O demonio é a preguiça! Mas se o não fizer hoje terei de fazel-o amanhã, e o melhor é acabar com isto. Realmente, se não fosse aquella estúpida puerilidade, bem feminina, da Lalá não querer repetir um vestido na «soirée» do Jonathas, eu não teria este momentinho. Que refinada tolice, deixar de ir dansar e comer o Perú da ceia, que é coiza que tanto aprecio. (muito comem as mulheres!) Só porque não tem senão um vestido, já muito visto e demais a mais côr de roza? Não posso deixar de me rir...

A preunção das mulheres é que a sua imagem fica estampada na memoria dos que as vêem de longe em longe, com todos os lacinhos e todas as bugigangas com que se enfeitavam em tal ou tal ocasião...

Quem se lembrará se ella foi á ultima festa do Jonathas de roxo, de verde ou de encarnado?

Nem eu, nem elle, nem ninguem. Mas é a sua cisma, acabou-se! Um verdadeiro vicio nas mulheres esta preocupação ridicula de «toilettes!» Ah! mas os vicios corrigem-se com o criterio, e combatem-se á força de vontade. Ella é puzilamine, cede... não vai aqui ou ali onde o prazer a chama, só porque não tem vestido... uma senhora cazada. Por mim estou contente como um rato; assim tenho vagar para fazer com socego o meu relatorio e de ir para a cama antes da meia-noite... Tanto mais que eu embirro com aquellas festas do Jonathas.

Oh! que festas insipidas! Vejamos o papel... muito bem, este serve. agora a minha pena... comtanto que as crianças não andassem rabiscando com ella. não, que milagre! está magnifica! ora pois, só me falta acender o meu rico cigarrinho e pronto. Mas. onde diabo teria eu posto os fosforos?... Em menos de uma hora tenho o rela.. máu! agora não acho os fosforos! Naturalmente deixei-os no outro paletó... Já se sabe que os do castiçal foram-se! Que inferno de caza, parece que todos aqui comem fosforos! Peor está a maçada! tambem não estão no bolso do outro paletó. Demais a mais Lalá dorme!

É o que ella sabe fazer melhor. se ao menos tivesse tido o cuidado de vêr se ficavam fosforos no castiçal! nem isso!.. talvez esteja sonhando com o estúpido vestido côr de roza...

Bom! os fosforos tambem não estão na gaveta e a peste do lustre fica lá tão alto que não estou para me encarrapitar na cadeira cada vez que tiver de acender o cigarro!

Antes tivessesmos ido ao baile. o Jonathas fuma como um turco. se não fosse a estúpida mania de minha mulher, de não querer repetir «toilettes», eu me estaria agora regalando com um dos charutos,delle. pateta... deixar de ir divertir-se por não ter vestido... Eu sim! é que não posso fazer relatorios, nem adormecer, nem nada, nada, nada sem fumar!...

Ora já se viu que inferno de vida a minha?!

Ella deve saber de alguma caixa... Para a não acordar de propozito, o que seria brutal, atiro com esta cadeira ao chão ... ..

..... : .....

— Não foi nada, meu bem; dorme. Esbarrei sem querer numa cadeira. Pois eu vinha em bicos de pés!.. mas, já que acordaste, diz-me: saberás de uma caixinha de fosforos?

---

## Mas se é assim

---

— Mas se é assim, o senhor nosso genro é um velhaco de marca!

— Talvez não seja tanto como pensas. O que me faz cismar é a tristeza da Lolota.

— Ella não te fez nenhuma confidencia?

— Nenhuma.

— Interroga-a.

— Não.

— Ora essa, por que não?!

— Porque não ha nada mais melindroso do que inquirir de uma mulher qual o comportamento do seu marido. Embora elle tenha barbas como um bode e manhas como um macaco, é sempre em tais cazos a personificação da bondade na terra. Sei-o por experiencia propria.

— Que!?

— Quando muito, tranzigimos em conceder-lhes alguns defeitinhos leves, os indispensaveis para fazermos lembrada a sua origem humana.

— Pões agora a historia no plural e envolves-te nella? tem graça.

— É só para te fazer lembrar que todas as mulheres verdadeiramente amantes de seus maridos, quando sentem necessidade de se queixarem delles a alguém, invertem a queixa em elogio.

— Que magnanimidade!

— Magnanimidade ou tolice, esta é a verdade. Todas as mulheres são faceis em inventar atenuantes para as culpas dos maridos. Só uma ofensa muito rude e muito direta tem força para abater nellas essa compaixão, que, bem examinada, não será talvez senão um dos característicos do nosso amor próprio; porque a verdade é que não ha mulher que consinta em passar aos olhos dos outros, principalmente aos da propria familia, por espoza infeliz.

— Quantas se lamentam sem razão nenhuma!..

— É o que te parece. Quando uma mulher chega a queixar-se do marido, é porque tem delle ofensas muito graves. Lembra-te de tua irmã, que remendava os defeitos do marido com virtudes de tamanho efeito, que não enxergavamos nelle senão qualidades...

— Essa era uma tola.

— E eu?

— Tu?!

— Eu nunca me queixei das tuas ausencias nem infidelidades... lembra-te da.

— Ora adeus; o que lá vai, lá vai. Não é disso

que se trata agora... mas de salvar a Lolota.. a nossa Lolota. enquanto é tempo. Ella ha de estar morta por dezabafar. não tem irmãs. não tem amigas.

— Sim, ella ha de ter necessidade de expansão.. mas não dirá tudo já...

— Isso dependerá do geito com que lhe falares.

— Já te disse que não lhe falarei. O sentimento feminino é uma coiza muito delicada.

Se ella vier espontaneamente, dir-lhe-ei então o que penso.

— Mas a tua obrigação é intervir e defender a felicidade da tua filha.

— Entre uma mãe e um marido — a mulher escolhe sempre o ultimo.

— Seja elle como for?!

— Não digo tanto; falo daquelles que a nossa dignidade comporte...

— Dezejo que minha filha seja discreta, mas não quero que leve a sua submissão até o servilismo. O tempo das escravas passou. Se o badameco do meu genro não a considera como deve, cá tem o pai para a proteger e fazel-a feliz.

— O nosso poder não vai tão longe!

— Ora se vai.

— É pasmoza a confiança que os homens têm em si! Olha, ahi vem a Lolota.

— Fala-lhe.

— Não..

— Pois falo eu.

— Não faças tal!

— E é já...

— Vem cá, minha filha... senta-te aqui, entre teu pai e tua mãe.. assim.. falavamos justamente a teu respeito; tua mãe está preocupada com o teu estado de saúde. acha-te palida. mais magra. com olhos de choro. Que te amofina? dize; sabes que estamos prontos a fazer tudo pela tua felicidade. não quero que nos ocultes os teus desgostos; persuade-te de que os nossos conselhos só poderão servir para desvanecer as tuas dúvidas, se as tens, ou os teus cuidados—e sé franca... não respondes?... Bonito, agora choras! Mas por que choras, filhinha? Estarás porventura doente? Dóe-te alguma coisa?

— Não.

— Nesse caso. quem te vir assim ha de julgar que teu marido. Peor, agora soluças!. mas o teu marido parece um rapaz correto. um bom rapaz...

— Elle. é. bom...

— Se elle é assim não vejo motivo para choraes, nem para andares tão taciturna..

— Estou triste porque elle matou o Iago.. não é por mais nada.

— O Iago?... o teu cachorrinho? oh! mas isso foi uma brutalidade sem nome. Um ani-

mal de estimação, que me custou trez libras na Europa! Estás ouvindo, minha mulher?! O velhaco do nosso genro.

— Mas, papai, elle matou o Iago porque o Iago lhe ferrou os dentes na perna e parecia danado! Se elle o não tivesse matado, a estas horas eu tambem estaria mordida.. talvez morta!

— Bem vês, meu marido, que o nosso genro *teve razão* em fazer o que fez.

— Hum... qual danado! Um cão de trez libras! Mas vamos a *saber*: é por amor da morte do Iago que andas *agora* sempre de escuro, como uma viuva?

— Não... é porque os vestidos escuros rezistem mais.. Eu não posso estar todos os dias pagando grandes rões de lavadeiras...

— Por que?!

— Porque... elle... não... me dá dinheiro...

— Ouviste, minha mulher? Elle não lhe dá dinheiro! Mas é a principal obrigação de todo o homem que se caza *dar* dinheiro á sua mulher! Não seas *tola*, minha filha, pede-lh'o. Porque é que elle não te dá dinheiro?!

— Porque elle não o tem, papai! Com a minha doença gastou o que tinha e o que não tinha.

— Com a tua doença...

— Bem vês, meu marido, que o nosso genro, *se não dá dinheiro á sua mulher*, é só porque



não o tem! Nenhum de nós ficaria contente se elle o fosse roubar.

— Deixa as tuas considerações para depois. Agora dize-me tu, Lolota, francamente: não tens razão de queixa de teu marido?.

— Eu? não! elle é muito meu amigo...

— Sim... não póde deixar de ser teu amigo... mas... deixa-te muitas vezes á noite sózinha em caza, hein?!

— É verdade que elle vai muitas vezes ao teatro sem mim. mas...

— Mas. mas que, Lolota? dize!

— Mas também é verdade que se eu não vou com elle é só porque não quero.

— Bem vêes, meu marido, que se a nossa filha não acompanha o marido ao teatro *é só porque ella mesma não quer*; não ficaria a elle bem leval-a á força e de rastos...

— Pelo amor de Deus, não intervenhas! Escuta, Lolota: não acostumes teu marido a sair á noite sem ti. Compreendo que te custe deixar as tuas comodidades cazeiras; mas acredita que a gente ás vezes sai a contragosto e depois diverte-se. Sempre que elle for ao teatro — vai com elle.

— É que elle ás vezes não me diz para onde vai!

— Se elle não te diz, é manifesto que te não convida!

— É que elle passou dois dias sem falar comigo...

— Que?!

— Que dizes!!

— Mas. é que eu já lhe tinha dito que se elle me falasse eu não lhe responderia!

— Bem vês, meu marido, que o nosso genro foi prudente..

— Qual prudente, qual nada!... olha, minha filha: vou comprar-te outro cãozinho. e amanhã irás á cidade escolher um bonito vestido claro e um chapéu de flores proprio para a tua mocidade. manda-me os rões da tua lavadeira. e, quando quizeres ir a qualquer espectáculo, fala comigo! Vais-te vestir de branco e fazer-te bonita. Cá está teu pai para apreciar-te. Não te quero infeliz..

— Eu sou muito feliz. muito.

— Então não chores.

..... ..  
Vai descansar .... ..  
.. ..

— Trataste a Lolota como se ella fosse uma boneca.

— Ora. mas é que afinal de contas..

— Afinal de contas é uma mulher, meu amigo.

— E' uma criança, e revolta-me vel-a acabrunhada. Começo a compreender que a educação da mulher só tem servido para a criação de martires ou de hipocritas, e não quero que a minha Lolota seja nem uma nem outra coiza...

— A tua Lolota tem vinte anos.

— Sim... vinte anos. agora é tarde... e a culpada foste tu, que, tendo experiencia do sofrimento, desenvolveste nella sentimentos de submissão e de inferioridade!

— As imperfeições que agora condenas nas mulheres são as virtudes, atravez das quais vocês nos respeitam e nos amam. O mundo ensinou-nos a criar os filhos para a liberdade e as filhas para os homens; o erro vem de longe e requer muita coragem para ser emendado.

— Qual coragem! Apraz-vos o cativoiro, é o que é. Essas palavras até ficam mal na tua boca.

— Não terias dito o mesmo ha vinte anos.

— Sim, teria; e agora o que te peço é que ao menos ao pé da Lolota procures termos de reacção que a induzam a movimentos altivos.

— É tarde; nós já lhe imprimimos um outro feito muito diferente.

— Todo o tempo é tempo de acórdar uma consciencia e esclarecer uma razão.

— A unica razão na vida, para as mulheres como a nossa filha, é o amor. E o amor da Lolota, pelo menos agora, não nos enganemos, meu marido, não sou eu nem és tu: é elle.

— Ora adeus! então nós...

— Nós fomos; e sirva-nos isso de consolação.

— Isso não é consolo, é asneira. O que não é justo é que assistamos á infelicidade da nossa filha sem que procuremos intervir para minoral-a.

— Mas intervir de que modo?

— De qualquer; se fosse preciso, eu não hesitaria nem em separal-os.

— Os cazais separados pela intervenção alheia não encontram alivio na separação, mas antes motivos para odios e rancores. Nem ella nem elle nos perdoariam nunca tal ação. Por mim, acho que devemos esperar em silencio que a crize passe; ou, se não passar, que elles se afastem um do outro por deliberação propria. Acossada por uma grande borrasca, Lolota saberá amar-nos como nos tempos de criança. Mas esperemos que tal não se realize, e que, para a felicidade de todos, ella continue a ser mais do seu marido do que nossa.

— Em todo cazo . .

— Em todo cazo. dá-lhe o cachorrinho e o vestido que lhe prometeste. e vamos jantar, que são horas, certos de que, no seu giro pela terra, de um modo ou de outro, o sofrimento bate em todas as portas.

## Nessa mesma tarde.

---

nessa mesma tarde, quando mamãe me disse: "Teu marido morreu fóra de tempo; elle deveria ter praticado esse ato de distração dez anos antes ou dez anos depois"... lembra-me perfeitamente que fiquei tão indignada, que, para não faltar ao respeito á mãezinha, fugi da sala... escondi-me no quarto e chorei.

Aquellas palavras, ditas no tom mais natural deste mundo, pareciam-me profanar a querida memoria do meu pobre Edmundo e espremer ainda um residuozinho da antipatia que, embora disfarçada, eu sempre percebi entre meu marido e minha mãe..

Isso foi... foi... quando, Judith?... espera... eu ainda estava de luto pezado, mas já não uzava crepes. é verdade, tinha até vestido nesse dia o vestido que a Anninha me fez... bem galantinho, por sinal... logo, foi ha' dois anos. Mamãe cozia na cadeira de balanço e eu descozia a minha capa, perto da meza; tinhamos estado caladas por muito tempo, quando, levantando os

olhos, vi os della pregados em mim com uma expressão de piedade e de melancolia, como já-mais vi em ninguém. e foi logo então que se saiu com aquella fraze exquizita, quasi absurda:

— *Teu marido morreu fóra de tempo; elle deveria ter praticado esse ato de distração dez anos antes ou dez anos depois.*

A minha tolice foi retirar-me, em vez de indagar a significação daquella queixa imprevisa e extravagante. Agora é que principio a perceber a verdade... naquella hora o que sobretudo me molestou foi aquella palavra — distração — cujo emprego varou o meu peito como um prego enferrujado uma parede caiadinha de novo. tanto assim que desdenhei penetrar no sentido da oração interrompida, e fui molhar de lagrimas o travesseiro solitario do meu leito de viuva... Ail de mim, — supuz que a mamãi levasse a sua malquerença de sogra, pobre della, coitada, até censurar um defunto pelos seus antigos desleixos e por se ter deixado levar por uma gripe á toa, de que escapámos todos em caza, moços e velhos, atacados como elle, e como elle socorridos pelo mesmo medico... Bem careiro, o tal dr. Rocha...

Como são as coizas! nessa hora não liguei importancia senão a essa palavrinha vaga e impertinente que a mamãi disse talvez por engano e que bem pensado não me deveria cauzar alvoroço.. Aí está porque em certas discussões

dezaparecem ás vezes os argumentos bazicos por detráz de um ou outro termo mal escolhido e que arrebenta por si para transfigurar a questão. Mas com o que eu gostaria de atinar seria com a razão por que essa frase, que me pareceu tão inigmatica e ofensiva ha vinte e tantos mezes, se me afigura agora tão simples e tão justa. e ainda mais: porque se encravou ella na minha pobre cabeça desde que abri os olhos esta manhã!

Que maçada. chega a ser uma *scie!*.. será por ter sonhado que o Arthur Duarte vinha pedir a minha mão?. O Arthur... Sim, foi por ter adivinhado um Arthur que a mamã disse: «*Teu marido morreu fóra de tempo*»; e com essa observação não criminava o Edmundo, mas fazia uma aluzão a outra coiza, em que naquelle tempo eu não pensava porque estava sucumbida: a minha idade! Era por isso que os seus olhos se entristeciam; via brilharem os meus primeiros fios de cabelo branco e enchia-se desta certeza: «já não lhe será facil achar outro marido. e tambem não lhe será facil conservar-se impassivel ás solicitações do amor .. Se meu genro tivesse morrido mais cedo uns dez anos, refloriria ainda no coração da minha Judith uma nova esperança, e estou certa de que se tornaria a cazar e que talvez fosse mais feliz do que foi com o primeiro... Se, ao contrario, morresse dez anos depois, elle já a deixaria ás

portas do inverno da vida, prestes a tornar-se em gelo e em indiferença. Assim, deixou-a numa quadra melindrosa, na estação dos clarões crepusculares, em que ella arderá como uma pluma numa chama, fingindo-se forte e insensível...”

Doce mamã, é agora que eu te compreendo, porque, apaziguada a dor da viuvez, a minha vida recomeça com maiores exigencias. Realmente, os casamentos deveriam em qualquer época da vida ser feitos por contrato temporario, de um certo numero de anos: cinco, dez, doze... quem se dêsse bem renovaria o contrato, tal e qual como nas firmas comerciais; e quem não tivesse encontrado o seu idéal, esperaria pacientemente a terminação do primeiro prazo e serenamente, legalmente, sem escandalo nem discussão, diria adeuzinho a um periodo da vida em que não tivesse encontrado a felicidade sohnada, e trataria de pensar em outro rumo. Essa circumstancia natural não inibiria os exconjuges, se tal lhes aprouvesse, de manter relações de cortezia e respeitosa amizade por todo o resto dos seus dias... Se eu me tivesse cazado nessas condições, não teria vivido com o Edmundo os dezeseis anos e oito mezes que vivi, isso é verdade, mas também não seria agora viuva, porque talvez já me tivesse cazado com o.. Arthur...

Agora, não.. é tarde; elle não teria coragem de se unir para toda a vida a uma mulher que



daqui a meia duzia de anos parecerá sua mãe. não sei se isto que eu estou pensando será incorreto ou imoral; mas para alguma coisa valerá ao pensamento ser livre!

Vivi sempre atada ao preconceito, como um cachorro bravo a um poste, e é talvez ainda por isso que me deixo devorar em silencio nesta fogueira dos quarenta, que em boa e pura verdade não são mais que duas vezes vinte anos! O que o Brazil precisava, para gaudio das viúvas assim, era de um D. Sancho I, o Povoador, que decretou em Portugal a obrigatoriedade do casamento, não devendo escapar á lei viuva moça ou velha, feia ou bonita. E aí estava um rei sabio, um rei psicologo! Embora digam que as viúvas cazam mais depressa do que as solteiras, o que é fato, e não sei por que particulares atrativos as preferem os homens, — a verdade é que ha algumas que renunciam a um segundo matrimonio, só pelo pudor de confessar nas bochechas inchadas do publico uma nova paixão. Oh! o ridiculo de uma nova paixão!

Ainda quando os viúvos, elles ou ellas, têm filhos, tudo se arranja menos mal. alude-se á necessidade sempre urgente de um segundo papai ou de uma segunda mamãe para os orfãos, ás vezes já bem taludos, e que de toda a gente é a que melhor dispensa e menos perdoa o novo enlace... As comedias da vida real derivam

sempre da hipocrizia... Quando uma ingenua e pobre viuva, como eu, não tem nem ao menos o pretexto de um filho, mas em compensação, aliás bem desnecessaria, mostra já aos cantos dos olhos as rugazinhas fatidicas, que ha de fazer? E quando uma mulher não tem genio para se prevalecer do estado de viuvez, que é o unico que lhe confere independencia, e toda se deixa enlear ainda pelo medo do comentario alheio? Oh! para essa é mais clemente a fogueira indiana, que lhe reduz a carne amoroza a cinzas no mesmo dia dos funerais do marido, do que a vida em que ella se arrasta depois, na saudade do amor.

Realmente, meu marido deveria ter morrido dez anos... antes.

## Não posso mais

---

«Não posso mais! cada vez que minha mulher, a alguma das minhas observações, replica com um arzinho petulante e impertinente: E' com o meu dinheiro!. Se luxo é porque posso! — tenho ganas de me atirar pela janella e esfacelar os miolos na calçada! Meu dinheiro. meu dinheiro! é fantastico o prestigio que as senhoras ligam á miseravel meia duzia de contos de réis que porventura tragam para o lar de um marido pobre. A minha julga-se invulneravel; está dentro do seu dote como um guerreiro medieval dentro da sua cota metalica de malhas apertadas. Se alguma bala a atingisse, viria de recochete ferir quem está tão desprevenido a seu lado.

De mais a mais... Zizinha... afinal como todas as mulheres. é de uma ignorancia deploravel em tudo que concerne a negocios e espirito pratico. não quer que se bula no seu dinheiro e dezeja que o seu dinheiro creça!. Supõe talvez que dote é sinonimo de elasticidade.

dade... de eternidade!.. Ora, afinal, o dote foi de cinquenta contos só. uma miséria... é verdade que eu não tinha nada... mas também não ando a falar do meu dinheiro!.. Com esses magros cinquenta contos já comprámos uma caza no valor de trinta... joias no valor de dez. um piano... só para ella, no valor de dois. baixelas e alfaias no valor de oito. vestidos e chapéus no valor de oitenta... fóra o resto: assinaturas em teatros.. carros. recepções.. «bonbons». estações em Caldas e em Petropolis. perfumarias finas, e mais isto e mais aquillo, e o dote da menina ha de se conservar de pé, como uma das piramides do Egito, deixando cair do cocuruto ininterrompidamente, chuvas de diamantes e de moedas de ouro... Em parte aquillo são idéas incutidas por minha sogra.. Na opinião das duas tudo no mundo se póde desmoronar. desfazer. ruir, voar pelos ares em atomos inviziveis, ou meter-se com estrondo pelo chão abaixo; tudo! cidades, montanhas, reputações, o inferno, menos o dote de cinquenta contos, sempre fecundo, poderoso e intangivel como o céu! Caramba, que é preciso mesmo não ter idéa nenhuma desta engrenagem devoradora.. trituradora, que é a sociedade, para se chegar a conceber e nutrir juizos tão estapafurdios. Não é atôa que chamam ás mulheres: cabeças de avelã chôcha... Estou capacitado que para ellas não ha nada de

pozitivo. de serio... tudo é efemero como o amor!

Até certo ponto acho natural que o dinheiro as envaideça e que ellas o adorem... Sem elle. sem elle a mulher não seria essa flor rara de estufa luxuosa. porque... digam o que disserem, a belleza natural é insipida como a agua. De que vale a uma infeliz ter um corpo de ninfa ou linda deusa pagã, se não tiver um colete bem talhado, feito sob medida?! De nada. A minha pratica pôde affirmal-o: de nada! Afinal que é a mulher? Nós os homens levamos a dizer, e disso talvez sejamos um pouco culpados, que ella é o maior luxo da natureza e que só nasceu para um fim: agradar-nos! Está ahi talvez a origem da sua garri-dice. apesar de que hoje parece que já não se admite que uma moça consuma a vida em frente ao espelho, a frizar cabelinhos, a pintar sobrancelhas e a empomadar as faces... A moda é outra... mas vá eu dizer á minha rica mulherzinha que ella não acompanha a moda! Saltar-me-ia ao pescoço. seria capaz de esmagar-me. coitada. acompanhar a moda é a sua occupação mais doce.

Inda se ella a acompanhasse sózinha... mas o que me faz andar por estes malfadados armarios com amostras de fitinhas de seda e de rendas na algibeira!... O mais apurado dos martirios, de que os santos, por gloria delles,

escaparam, é a tremenda peregrinação que uma ou outra vez Zizinha me impõe de a acompanhar aos armazens da Avenida ou da rua do Ouvidor. Chega a minha vez de encorajar-me na armadura da paciência.

Minha mulher exige a minha opinião sobre os côrtes que o caixeiro expõe evangelicamente sobre o balcão. Aponta um. aponta outro... indaga. volta-se para mim. hezito. aborrece-se! Tambem ella está perplexa. mas insiste afinal em olhar para um dos côrtes. o caixeiro sorri. ella segreda-me confuzamente... não entendo, mas digo que sim. já ella finge que não quer o vestido de que mais gosta. borboleteia. eu soffro calado. puxo o relógio. ella amúa. pede de novo a minha opinião. Gaguejo uns monossilabos... não... sim... é. morto por me ver na rua. Quando julgo tudo concluido, ella faz vir mais fazendas! O caixeiro sorri.. Minha mulher acha tudo caro. dá muchôchos, afasta-se, aproxima-se, apalpa os tecidos... arranja o véuzinho, apronta-se para sair... Emfim, saímos! Mas voltamos da porta. Ella decide-se: compra tudo, — eu pago tudo! Outra vez na rua, mal vou espairecendo ao ar livre, ella amargura-me afirmando que não comprou os côrtes a seu gosto, mas ao meu! Prevê um fiasco. Proponho que volte, que desfaça o negocio, substituindo as compras por outras... não, já agora não quer. Fará outros vestidos, só

a seu gosto. Se á vista de tal ameaça eu lhe pondero ou antes, insinuo, que as *toilettes* já me parecem de mais, salta a maldita fraze: — é com o meu dinheiro! — e não tenho remedio senão calar-me muito bem caladinho, porque se reajo, é peor... Oh, se eu adivinhasse, teria, mil vezes juro, ficado solteiro toda a vida, ou cazado de preferencia com uma mulher pobre, bem pobre. que me devesse tudo. e que me olhasse embevecida quando eu lhe proporcionasse meios de comprar um córte de lã nas liquidações de fim de ano. E' verdade que detesto as mulheres mal arrançadas... mas tudo, incluzive a convivencia de uma dellas, seria preferivel a sofrer a injuria torpe dessas palavras brutais. Quando minha mulher fala no seu dinheiro, o timbre de sua voz muda de tom e. vibra com sonoridades de sino rachado, que me arripiam as carnes... dá-se então um fenomeno muito exquizado e que eu faria notado de um homem de ciencia, como o meu antigo professor de fizica, se o cazo não exigisse do meu orgulho a mais perfeita discreção. cada vez que minha mulher alude ao seu dinheiro, vejo as palavras sairem-lhe da boca como diabos do inferno, com corpo, rabo, chifres e tudo. Até já percebi que os diabos representam as consoantes agudas, esgalhadas, angulozas e retorcidas; as vogais, essas vêm representadas por bruxas gordas, de bocas redondas, que se vol-

tam para mim numa assoada. de carnaval. Sobe-me então o sangue á cabeça e afogam-me as palavras de protesto na garganta.. Ah, de que são capazes as mulheres frageis. as timidas criaturinhas cantadas pelos poetas! A mais socegada enrola-nos como a biscoitos. Aí está; quem olhar para a minha não a julgará capaz de certas ouzadias. é debil.. com uns ossos tão finos, que á menor compressão ou torcedura os faria estalar como gravetos.. e a pieguice que ella derrama naquelles olhinhos garços, mais doces que a calda da mangaba madura, quando fala em amor, mas que se tornam de aço quando abre a porta á sua fraze atrevida: — é com o meu dinheiro!. Se não fosse o medo do escandalo eu diria: pois guarde o seu dinheiro e eu vou-me em... Mas cá estou eu a pensar tolices. Embora para onde? fazer o quê?! Afinal ella não diz aquillo por mal.. São vicios de educação. a mãe é de uma ignorancia pasmoza e de absoluta falta de criterio para... Meu sogro outro que tal. Se eu não tivesse entrado para a familia. não sei que seria delles. coitados.

---



## Maninha veio hoje.

---

«Maninha veio hoje para caza ardendo em indignação, por ter sido acompanhada na rua por um moço!

Demais a mais, um rapaz bonito, «muito bem parecido», segundo as suas informações.

Desde a hora em que tal coiza ouvi de minha irmã, que me consome a idéa de não poder acreditar completamente na sua sinceridade. E o culpado disso é meu marido. Quando ella falava, toda abrazada em protestos, gesticulando com uma veemencia de que não tem o habito, André olhou para mim de relance.

Nem sorrimos, nem dissemos nada; mas o seu olhar veio direitinho como uma flecha até ao fundo da minha consciencia, picar uma duvida que aí estava adormecida. Maninha é feia e ai della, já não tem vinte anos; por isso eu supunha que na sua alma não houvesse vislumbre de idéa amorosa, nem resquicios da vaidade natural de outros tempos. . . Se André não tivesse estado presente, eu teria dado um geito á

conversa, de modo a penetrar bem no seu inteiro sentido, e livraria Maninha de um julgamento talvez injusto por parte de meu marido... Elle gosta de colher ridiculos alheios; faz uma especie de coleção dessas pequenas fraquezas humanas, de que talvez não haja uma só pessoa izenta; nem elle... nem eu. Mas quando os homens são mordazes, não perdôam a ninguem! Um descuido de uma palavra, e já aí estão elles apoderando-se de uma alma! André pegou-me este defeito de esquadrihar intenções e idéas através dos ditos mais simples ou das expressões mais banais... Chego a ter medo d'elle, e por isso estou sempre alerta em defeza de Maninha, cujo prestigio eu não quereria nunca ver diminuido! Mas, infelizmente, ella hoje saiu da sua moldura e não sei como a hei de encaixar outra vez lá dentro.

A verdade é que Maninha criou ainda agora dois dilemas na minha mente: ou mentiu quando relatou que um moço, e por sinal «muito bem parecido», a acompanhou através de todas as ruas da cidade por onde ella andou; ou, se esse fato quazi absurdo se deu, mentiu afirmando a sua grande contrariedade por uma coiza que não deixaria de a lisonjear, e, por conseguinte, de lhe dar uma pontinha de prazer. Concordo que durante o passeio a insistencia malcriada desse senhor devesse embaraçal-a terrivelmente, e mesmo vexal-a... mas depois da cena ex-

tinta, já dentro da nossa saleta, assegurada a sua tranquilidade, haveria muita razão para tão violentos dezabafos?

Cá estou eu refletindo com as minudencias do André! Ora, que maçada! A minha obrigação é acreditar em Maninha. Se ella disse que um moço muito «bem parecido» a acompanhou na rua, é porque sim! Mas. qual! demais a mais, com aquelle vestido verde e aquelle medonho chapéu ás tres pancadas?! Senhor, como hei de livral-a do ridiculo diante dos olhos mergulhadores do André?! Agora, por isso, elle é capaz de não me deixar sair sózinha! Entretanto, a mim ninguem me diz nada, justamente quando saio só! Naturalmente porque faço cara feia, muito carrancuda. . . muito sombria. . . Deve ser por isso, pois se vou pelo braço d'elle, rizonha e á vontade, não me faltam ditinhos zumbindo-me á orelha esquerda. . . Já no tempo de solteira era a mesma coiza! Quando saía de caza todo o rancho, era certo que ouvia por onde passava as graças mais melozas de toda a magna caterva dos meninos de esquina. Eu fingia que não ouvia e ia andando. . . Se elles tinham falta de educação e de espirito, eu tinha prudencia e as coizas ficavam ignoradas dentro desses dias que morriam.

Se Maninha tivesse feito o mesmo, André não teria olhado com uma expressão de tão sutil malignidade para os meus olhos, que nesse ins-

tante tão dezavizadamente procuraram os seus. Elle agora sabe tudo o que eu pensei, e o meu julgamento sobre as idéas de minha irmã. Se eu quizer defendel-a com palavras, ellas serão timidas e fracas, porque elle está de posse da minha confissão. Aí está como um minuto de irreflexão póde estragar uma vida. Maninha foi irrefletida, demonstrando com tamanha vivacidade uma indignação que não podia ser sincera, primeiro porque as mulheres perdoam o proprio mal, desde que elle lhes acaricie a vaidade; segundo porque o rapaz «bem parecido» não levava as coizas aos limites do escandalo, e não merecia, portanto, as recriminações que ella lhe atirava de cima do seu orgulho ofendido. Por que olhou ella para elle? Por que o notou, a ponto de o achar «bem parecido»? Maninha poderia ter omitido essa indicação, desnecessaria, na sua exposição. Bastaria o fato em si para justificar o seu alvoroço, se ella não quizesse fazer-nos sentir que os seus encantos não tinham impressionado um qualquer João Ninguem, mas sim um senhor «bem parecido»! Pobre Maninha! eu não sabia que no fundo da sua alma de quarentona ardesse ainda, como num velho facho varias vezes apagado e reacendido, essa chaminha de amor, que só a morte, parece, tem o poder de extinguir! Será então certo que emquanto dura a vida, dura na mulher o desejo de agradar? Sim... principalmente quando essa

mulher não tenha uma familia que dependa quazi exclusivamente do seu cuidado e do seu carinho. Maninha só me tinha a mim; eu fugi-lhe para os braços de André, e só agora noto que a abandonei um pouco, mais do que devia...

Os maridos exigem tantos cuidados! André chega a ser egoista. Se eu chamasse toda a atenção de Maninha para mim, ella não teria tempo de ver que um rapaz «bem parecido» a acompanhava na rua!... Uma idéa! Teria ella hoje levado os brincos de esmeraldas?... Sim... efetivamente. querem ver que... seria o tal sujeito um?!... com certeza! Ah! mas já agora, coitada! é melhor não lhe dizer nada... para não lhe desmanchar a iluzão! Nem a André, tampouco; nem a André!

---

## Não ha nada mais fastidioso

---

Não ha nada mais fastidioso do que ser bom marido. Ora, se não seria realmente muito mais divertido ir eu, agora, fumar o meu cigarro para o corredor ou para o vestibulo, em lugar de ficar na platéa durante todo o intervalo, só para acompanhar a minha cara metade.

E ainda ella me não agradece estes pequenos sacrificios. Tudo acha pouco; são incontentáveis, as mulheres. Pequenos sacrificios, disse eu? mas que diacho, são enormes! Todas as restrições impostas á liberdade de ação representam um suplicio difficil de suportar! Vão ver que ainda se queixa de que lhe volto as costas e não converso! Que lhe hei de dizer? Comentar a peça? é um pouco perigozo. Estes cães dos comedigraphos agora são todos feministas... Bom! ou antes: máu! lá tenho de lhe apanhar outra vez o leque! E' a segunda vez que me abaixo para levantar o leque do chão. Felizmente, não se quebrou...

Devo ter ficado com o colarinho amarrotado-

do. Um leque de cincoenta mil réis.. é ser muito distraída!... E' o seu maior defeito. Eu adoro minha mulher... mas..

Quando a gente vem com a mulher ao teatro, os espetaculos não deveriam ter intervalos. Tudo de um jato. E este intervalo, então, é interminavel. Ainda se viesse alguém conversar comosco... Nunca vi tantos desconhecidos. O isolamento no meio da multidão infunde pavor. Aqui está um tema magnífico para um deenvolvimento filozofico. Se eu fosse homem de letras procuraria aproveitá-lo. Felizmente não o sou. Não o sou porque não quero. Não me faltam habilitações. Ah! lá está o Benevides. Bravo! também está com a mulher; não vem cá. Nem elle vem cá, nem eu vou lá. Não convem aproximar a Ritinha da mulher delle... afinal, coitada, talvez seja uma vitima da maledicencia. mas, basta-me o «talvez» para eu dever defender minha mulher do seu contato. não é tanto por mim... mas o mundo não perdoe... Se, ao menos, Mme. Benevides me cedesse um sorriso... Tem uns dentes maravilhosos, a endiabrada! E' o que falta á minha mulher. Aquella obturação a ouro nos incizivos faz-lhe o sorriso amarelo. sempre detestei a obturação a ouro! O peor é que estou ficando com uma pontinha de dôr de cabeça. Ha de ser do perfume. Ella agora inunda-se em «OÉillet Fané». Ouviu dizer que é distinto o uzo con-

stante de uma unica essencia e obstina-se naquella. Verdade é que não a uza em caza, mas só quando sai. E' essa a grande falta de tino das mulheres. são mais elegantes na rua que no interior. E depois: ai! ai! que meu marido já me não ama... Eu adoro minha mulher, mas... Dezesete minutos. Já ha dezesete minutos que abaixou o pano e nem um muzico ainda na orquestra!...

Outra coiza em que acho graça: ella descortina pinturas em todas as caras bonitas, com uma sagacidade de artista e um julgamento de Catão feminino, que tem sempre redobrada severidade, e... e... e pinta-se. Sim. muito finamente, muito discretamente, mas minha mulher pinta-se. Para quem? para mim? não. Para os outros. Antes para os outros que para «o outro». Outros são seres indefinidos, compostos de elementos heterogeneos, representados em todos os seres da natureza. Em realidade ella pinta-se para si. Passeia a sua iluzão, quer vá para o seio da sociedade, quer para o das palmeiras do Jardim Botânico, e isso basta para a distrair.

Bom! lá tenho de me abaixar pela terceira vez nesta noite para apanhar o malfadado leque! Compra luvas muito apertadas, e depois é isto.. Uf! subiu-me o sangue á cabeça. Também é ser descuidada. E ainda se ri... A proposito de rizo: deixa-me olhar bem para a Be-



nevides, que está agora em pé... Bonita *toilette*. Quando era solteira vestia-se com tanta simplicidade. Espertalhona!. E' que ella sabe bem que os vestidos bonitos atraem os amantes e afastam os pretendentes a marido... Se eu fosse cumprimental-a.. rapidamente?... Não; já agora não deixarei a Ritinha só.. tanto mais que não ha outras senhoras nestas immedições... Não a conhecem.. podem julgála mal. haver por aí algum atrevido. nada é minha mulher! Vinte minutos! quazi vinte e um minutos, e o diabo do maestro ainda não aparece! E eu que estou morto pelo meu cigarrinho... Fumar... fumar sem preocupação, na largueza do vestibulo bem arejado, errando os passos distraidos por aqui. por acolá. revendo na neblina da fumaça as cenas já esbatidas do ato extinto, em que fica ainda de pé, mas já mal equilibrado, o fantasma de um amor conjugal, constituiria um desses minutos que, parecendo banais, são a melhor expressão da felicidade, porque representam atos de alheamento e de independencia...

Eu adoro minha mulher, mas... mas ha certas horas em que ella toma para mim uma significação mais aproximada de objeto material do que de criatura pensante. Eu, se fôr até ao amago do meu sentimento, descobrirei que não me sacrifico a esta attitude pasmada diante de um pano de boca mal pintado, por amor della, mas

por egoismo meu. Estou de guarda a um tesouro que me pertence, e do qual, com a minha presença, faço arredar todos os olhares de cobiça e todas as aproximações mal intencionadas. Estou concientemente representando um cartaz de aviso:— «Tem dono». Outra vez o leque?!... não... também se tornar a cair deixarei que ella o apanhe... embora quebre a barbatana do colete... Quero-lhe muito bem, estou disposto a todas as delicadezas, mas ás vezes não ha remedio senão sujeitar o nosso idolo a certas lições indispensaveis. afinal o movimento muito repetido de apanhar do chão um objeto nem é elegante nem comodo. De mais a mais, este colarinho enforca-me. Enforca-me, mas vai-me bem; preciso encomendar mais uma duzia delles... Para quem olhará minha mulher com tanta insistencia, para aquelle lado? Inspecciona vestidos. amanhã ao almoço descreverá á mãe todas as *toilettes* que estão no teatro. Está aí um genero de divertimento para os intervalos de espetaculo. Como são felizes as mulheres! Principalmente a minha! Sim, porque. mas ora aquillo não deixou consequencias, nem ella já se lembra... comtudo foi desde então que ella começou a carminar os beicinhos e a uzar essencias fortes. Toda ella rescende como uma flor. Para mim, esses aromas só agradam quando sentidos temporariamente. aspirados sem interrupção enjoam.. As espozias

deveriam ter uma certa finura psicologica... renovar de tempos a tempos as essencias de seu uzo, como meio de despertarem nos maridos uma tal ou qual curiozidade. A minha já me disse tudo. E' um livro lido. Quê?! também ella consulta o relógio?.. Disfarça um bocejo? Já sei, é esperar á saída pela queixa do costume: — Tu não conversavas comigo... Mas que lhe hei de eu dizer?! Ha certas horas em que cada um de nós fala uma lingua diferente do outro; então é preferivel não insistir, e esperar, esperar que o amor emurchecido como a roza de Jericó renaça em nossas almas... Aqui está uma comparação razoavel: a do amor com a celebre. Ora graças que aí vêm os muzicos... Se ao menos tocarem um minueto... mas vão vêr que os patifes dezatam a tocar a «Aida». Minha mulher gosta da «Aida». Eu adoro os minuetos... mas. Tive sorte: é um minueto!

---

## O inimigo

---

— Teu marido?

— Saiu, para tratar do divorcio.

— Hein?!

— E' o que te digo, mamãil... .

— Só com um ano de cazados? . . . é pouco.

Vejam se adiam isso para d'aqui a uns dez.

— Tu ris-te!

— Naturalmente. Sei o que isso é; são os primeiros arrufos. Não valem nada; tal e qual como os chuvisqueiros de primavera. Dá-me aquella almofada para o encosto e tira-me o chapéu. Estás com um lindo «peignoir», sabes? e esse já não é do enxoval.

— Não. mas não foi para isso que eu te mandei chamar.

— E' verdade. Para que foi mesmo que tu me mandaste chamar?

— Oh, mamãil! pois não te disse logo á queimadura, quando entraste, que meu marido tinha saído para tratar do divorcio?!

— Sim, sim, é verdade, disseste... mas não acreditei.

— Pois eu haveria de mentir-te. a ti. ?! E não bastará olhar-se para mim, para se perceber no meu abatimento uma grande, uma enorme comoção?!

— Efetivamente, estás com o nariz e os olhos vermelhos. Choraste?

— Como uma doida!

—!... ..

... ..

— E pela primeira vez tiveste saudades da tua vida de solteira...

— Como sabes?! Sim, tive uma saudade infinita, que desdobrou a minh'alma por todo o meu passado, até ao tempo em que, pequena ainda, eu adormecia no teu colo, sentindo que me beijavas ora as mãos, ora os pézinhos nús. oh! se a minha existencia se tivesse cristalizado num desses minutos suaves...

— Não evoques quadros que me enterneçam, que eu preciso muito do meu sorriso. conta-me antes o motivo da tal grande cena; vá!

— Oh! mamã, tu me parecerias cruel, se eu não estivesse percebendo através das tuas palavras, no brilho dos teus olhos sinceros, que tens o coração estrangulado pela dor de me veres sofrer

— Não sofres, não. Imaginas o sofrimento, o que ás vezes dá resultados identicos, porque

faz chorar. E's bem minha filha, na imaginação!

— Que! não acreditas na minha tortura?

— Nada.

— Oh! ... ..

. como as coizas mudaram! Antigamente, mal eu dava um suspiro, corrias logo para mim, perguntando-me com uma voz em que bailavam lagrimas:—Que tens, meu amor?! dezabafa no meu coração as tuas penas; eu estou aqui para salvar-te e para defender-te! Agora, na maior, na mais angustioza crize da minha vida, quando já não se trata de um sentimento de menina, pueril, mas de uma situação terrivel de mulher, clamo por ti para que me socorras e conservas-te impassivel diante de mim! Por que, por que?!

— Porque hoje és um ser independente do meu. A minha vigilancia seria tão indiscreta, quanto a minha curiosidade ofensiva. Somos duas mulheres que se amam, que se criticam, que se perdoam mutuamente e que se encontram sempre de braços abertos nas horas de angustia verdadeira. Nota bem: «angustia verdadeira». Desde o dia, porém, que saiste da caza paterna para a tua, os teus segredos tornaram-se inviolaveis para mim. Poderás confessar-m'os, se quizeres e se a isso te impelir uma necessidade de expansão. Eu é que já não tenho o direito de pedil-os.

— Queres dizer com isso que és agora para mim uma estranha!

— Pensa antes que eu dezejo empurrar-te para o teu lugar. . .

— Para a sepultura?!

— Eh! como tu vais depressa! escuta: quando recebi o teu recado estava lendo uma descrição curioza. Não faças gestos de impaciencia, que não roubarei á tua dor muitos minutos de voluptuosidade.

— Oh! mamãil.

— Lia eu que os passaros de rapina se escondem para beber, porque, obrigados a mergulhar a cabeça n'agua, ficam nesses momentos sem defeza.

— Que queres dizer com isso?!

— Que ha dores, que, semelhantemente aos passaros de rapina, devem de alterar-se nas lagrimas ás escondidas. O que o passaro faz por medo e precaução, a mulher faz por pudor e altivez. Tudo são instinctos.

— Mas. eu. . .

— Alarmaste a caza com exclamações e queixas. Desde a tua criada de quarto até á tua cozinheira, todos estão ao fato da tua situação. Exageraste a corda no mecanismo do teu sentimento. E' o que foi.

— Aconselhas-me assim a ser hipocrita?!

— Quem fala nisso? Aconselho-te sómente a não ser tão. tão francamente franca. Não sei

quem disse, com absoluta verdade, que a franqueza representa para nós uma especie de nudez que nos faz corar. . . Terias coragem de sair á rua, em pleno dia, decotada e sem capa?

— Que idéa!

— Pois, filha, a tua alma andou assim pela caza, desde o salão até á copa. esta manhã.

— Quem te disse?!

— Não abotões agora o teu «peignoir» até ao pescoço. felizmente elle ainda está longe de precisar dissimulações. . . tanto mais que estamos sós!

— Oh! mas tu não perdôas nada!

— Nada que possa prejudicar a tua felicidade. Pensarás que te estou combatendo a ti, e estou combatendo em ti um inimigo terrivel, que te comerá minuto a minuto aos bocadinhos, se a minha experiencia e o meu amor não o espantarem para longe!

— Não ha de ser com frases que o espantes!

— Mas, filha, se eu não posso matal-o a tiro!

— Ris-te! ris-te outra vez! mas que é então o amor materno?! Chamei-te para que me viesses buscar para caza, e para sempre, supondo que te desfizesses em lagrimas ao ver-me tão acabrunhada; vens, e desfias palavras e mais palavras, que me arrefecem, como se viessem sopradas por uma boca de gelo. . . e nem ao menos. . . por curiosidade, quando não fosse por



outro sentimento, indagas da verdadeira cauza da minha aflicção!

— Para que?!

— Estou então bem morta e já enterrada, no teu passado? Do que eu fui, do «terno cordeirinho», como tu me chamavas com tamanha doçura, já nada existe na tua lembrança? Será possível que só pelo simples fato de cazar, uma criatura passe a ser diferente do que foi desde o seu nascimento? Mas se me dissessem que eu teria de renunciar a tudo o que constituia a minha individualidade, eu não teria cazado!

— E o amor?

— O amor.

— Não levantes os hombros; elle é a sagração, a unica razão de ser da vida. Cazando, não perdeste a tua individualidade, mas adquiriste-a. Eras o meu «terno cordeirinho branco», a todo o momento acariciado, uma especie de animalzinho em que o protetor desvelo do meu pensamento teimava em ver um pouco de inconsciencia. Parecia-me que vivias para deixar-te amar; vivias para o meu gozo, para a compensação do meu cuidado incessante. Nada mais. Um dia surpreendi nos teus olhos uma chama de outra luz. Não me disseste nada, e eu adivinhei tudo! Amavas. Como o tal passaro de rapina, escondi-me para beber nas minhas lagrimas o meu desgosto inevitavel, esperado e, entretanto, recebido com uma surpresa horrivel!

— Mamã.

— Meu amor... não te ajoelhes, filha, que te magoas. pois sim... limpa-me os olhos com o teu lenço. afirmo-te que eu não esperava comover-me assim. sempre fizeste de mim o que quizeste! Até parece que estamos reprezendo uma cena!

— Póde parecer, mas.

— Mas?... acaba o teu pensamento.

— A dignidade que tu me impões, faz-me ter muitas saudades do tempo em que me acariciavas como a um animalzinho inconciente.

... ..

.. ...

— Sim. sim... é que a criança vive... para viver!... e a mulher vive. para sofrer! embora imaginariamente, como tu!

— Outra vez!

— Sim, outra vez! pois não atinaste, tontinha, com o motivo da minha, como tu lhe chamaste... frieza?

— Não.

— Julgarias possível que uma mãe zombasse de uma filha que chora?!

—?!

— E que chora por um ciúme sem cauza? Um ciúme inventado e absurdo?

— Quem te disse?! quem te disse?!

— Elle... Teu marido é quazi tão pateta como

tu... devo ter ainda este hombro molhado com as suas lagrimas..

Bem! agora beijas-me o hombro! Perfeito!

— Asseguras-me que elle me ama?

— Sim... muito.

— Asseguras-me que eu não tenho razão de ter ciumes?

— Asseguro-te que, de nós trez, a unica que tem razão de ter ciumes. sou eu!

## A vaidade das ruínas

---

«A vaidade das ruínas...» a vaidade... das... Eu já ouvi esta frase. aplicada a quê, senhor?... a quê?... espera... — a vaidade das... Ah! agora me lembro, era como mamãe chamava ao tio Fonseca. Como me fui eu agora lembrar disto?... têm graça os saltos que a memória dá, quando a gente está vadia...

Mas por que chamaria mamãe assim ao pobre homem? Pobre, não; elle era rico, não era nada feio e andava bem vestido, até com certo luxo... Se eu soubesse desenhar, seria capaz agora de fazer-lhe o retrato. lembro-me até de um anel de opala que elle uzava no dedo minimo. é verdade que as pedras preciosas produzem uma tal facinação nas crianças, que já mal me lembro das feições da minha defunta madrinha, mas recordo-me perfeitamente do seu colar de brilhantes. Tio Fonseca não morria de amores por mim... Afastava-me maciamente do seu caminho, e o pitoresco é que só agora, passados tantos anos, é que eu percebo isto!

Por que seria? Verdade, verdade, parece-me que elle não gostava muito de ninguem; e a prova é que se não cazou... Papai bem que o animava a isso; queria o irmão pai de familia. mas o tio Fonseca, sacudindo o lenço cheirozo, ou soprando o fumo do seu charuto, afirmava que se não cazaria nunca, porque um grande amor lhe tinha posto a alma em cacos e não lhe era possível recompô-la para uma segunda paixão. Devido a essa frazeologia extravagante, a que supunham em caza eu não prestasse atenção, acreditei longo tempo que alma fosse uma imagemzinha de vidro fragil, linda ou feia segundo as circumstancias, e que vivesse pendurada dentro do nosso peito, como um espelhinho num prego. O prego era representado por um osso.

Estalado o vidro, adeus vida! O que me aturdiava era como o tio Fonseca com a alma em cacos respirava, falava, vivia como os outros mortais vivem...

\* As minhas meditações filozoficas dos sete aos nove anos foram quazi sempre inspiradas pelo palavreado desse exquisitão, que á medida que o estou fixando vem surgindo do passado com uma nitidez admiravel. Se eu contar logo isto a meu marido, elle dirá que são fantazias; não me permite grandes qualidades intelektuais. Tio Fonseca parece que tambem não acreditava na intelligencia alheia; tinha um mochôcho de

duvida sempre pronto nos labios. Às vezes eu pensava que era um beijo, corria para elle, e elle, com o seu gesto macio, afastava o meu corpo de criança e ficava a olhar para o vacuo... Como a vaidade das crianças é quazi tão grande como a dos homens, eu não lhe perdoava aquellas decepções, embora o considerasse como uma criatura do maior prestigio na terra, especie de semi-deus que vivia com a alma em cacos sem se queixar de dores nem cuspir sangue! É verdade; eu ás vezes ficava até á escuta, quando elle andava, querendo ouvir o sacolejar dos vidros partidos, toda preocupada com essa alma dolorosa.

Como tio Fonseca era diferente de papai!... este era um expansivo. gostava de falar da sua familia, da sua felicidade. . de beijar-me, sacudir-me nos joelhos e fazer-me rir. Paizinho adorado! o irmão olhava para aquellas cenas alegres com olhos embaciados, olhos de pano, e afirmava com uma pontinha de desdem que a felicidade não existia e quando fingia existir era ridicula!

Ah, o grande mal de se dizerem coizas absurdas perto das crianças imaginozas! De mais a mais se eu ia atormentar mamãe com perguntas e explicações, ella mandava-me brincar com as bonecas!... era um meio de se desembaraçar sem responder. A curiosidade infantil importuna os adultos. e tanto me fizeram compreen-

der isso, que por fim eu procurava sózinha as minhas deduções. Foi assim com a religião. Lá em caza só mamãe rezava; meu pai não tinha tempo para pensar nisso e tio Fonseca, que fôra místico na adolescencia, tinha perdido de todo a fé. Elle não acreditava no amor, não acreditava na felicidade, não acreditava em Deus. Ouvindo tal, Maria mulata punha as mãos na cabeça e puxava-me para as profundezas da copa, chamando de hereje ao meu tio e afirmando-me que Deus o castigaria, que o tinha ouvido... que Deus estava em toda a parte! Oh! essa era a maior confusão da minha alma de sete anos. Jurei a mim mesma que haveria um dia de surpreender a Deus invizível, que entrava em nossa caza, em nossa consciencia, sem nem ao menos nos pedir licença. Desde então que meditações profundas eu tive e que voltas e reviravoltas rapidas dava pela caza, na esperança de surpreender o Deus que eu ardia por contemplar de face! E essa ancia era o meu segredo, uma facinação do meu espirito curioso. Ninguem percebia na criança o efeito de tantas palavras que deveriam estar bem longe do seu alcance. Bastava-me a minha boneca, supunham, sem perceberem que a minha boneca jazia inerte no meu colo durante as suas discussões... Se eu disser isto agora a meu marido, elle é capaz de afirmar que estas idéas são fabricadas por mim neste momento...

é que as mulheres, quer sejam crianças quer sejam grandes, nunca são tomadas pelos homens verdadeiramente a serio. deixal-os; o mais comodo ainda é a gente fingir que não se importa e ir andando assim mesmo.

Afinal, elles fazem tudo o que nós queremos... se não nos permitem a franqueza, que ao menos nos sofram a tatica.

Não me lembra se o tio Fonseca negava tambem ás mulheres essa qualidade tão fina, assim como negava grandes virtudes á esperança...

A esperança? sim. foi no terraço.. eu estava sentada nos degrãos do jardim com a pamonha da minha boneca no colo... Mamã cozia na grande cadeira de vime... não sei o que o tio lhe disse, que ella lhe falou em esperança... elle rugiu, negando a essa virtude todo o poder milagroso, dizendo que ella era a acoroçadora de inatividades e a mentira mais enganadora com que desde o seu inicio se deixava iludir a humanidade. estiolando vontades e energias, afirmava elle; a esperança fazia um grande numero de vitimas em cada hora que passava. Fiados nessas promessas vagas, que surgem nas almas como as ninfêas nos lagos, quantas vezes realmente deixamos de cumprir ações de que dependeria um grande beneficio para a nossa vida...

Percebo agora porque a mamã chamava ao tio Fonseca — a vaidade das ruinas — era por-



que elle tinha um certo orgulho em ter despeçado dentro do seu espirito, um por um, todos os idolos da sua mocidade. mas alguma coiza lhe havia de ter ficado no peito, além da alma em cacos, porque me lembro muito bem que dias depois da morte da mamãi... no terraço.. olhando para a sua cadeira vazia. elle. não me vendo no meu cantinho... beijou o espaldar de vime e... e chorou. é verdade! foi depois desse tempo que elle principiou a gostar de mim... Querem ver que.. qual!... sim... quem sabe?!

## Em conciencia

---

... Em conciencia, não posso negar á minha mulher certas qualidades superiores e essenciaes ao seu sexo, como a credulidade, por exemplo.

E' extraordinario como as mulheres, pela boca dos maridos, crêem nas coizas mais absurdas! E não se diga que a minha seja para aí qualquer mosca morta... realmente, talvez lhe falte um pouco de vivacidade e energia para rezistir ás explozões do meu genio. Ah! o ar de martir que ella assume, quando exponho as verdades, irrita-me mais do que se ella me respondesse aos berros; e, daí, póde ser que me engane; a comoção della é sincera, o excesso de sensibilidade embarga-lhe a voz!

Pobre Nêê! Agora, o que ella está é perdendo a linha...

Não sei... gasta tanto, e não brilha mais que as outras; não faz valer os trajés! A Mimi, por exemplo, com qualquer trapo é *chic*.

*Chic* a ponto de fazer perder o juizo a um

grande professor catedratico, como... E' justo lembrar-me de que os vestidos da Mimi são confeccionados numa modista franceza... e os de minha mulher, coitada, são feitos em caza; mas, que diabo! isso não quer dizer nada; o que falta á minha mulher não são os vestidos, é o *charme*; ella talvez seja até mais bonita que a Mimi, aquella endiabrada! Não ha duvida, é mais bonita, mais serena, uma fizionomia morta.

A minha mulher não tem expressão, e a expressão é tudo numa cara.

A meu vêr, o que a estragou foi o collegio francez todo artificial, impostor, mixto de sacristia e de salão de dança.

A nossa sociedade burgueza requer mulheres com outra orientação; afinal nestas nem arde a fé, já cansadas pelas missas das 5 horas, nem ellas trazem para o lar do pobre marido capacidades domesticas. Depois queixam-se se a gente censura e reclama! A religião! Ainda hontem á noite ella interrompeu as suas rezas para perguntar-me, bocejando, no momento mesmo em que eu pegava no sono, quando seria o aniversario do medico Mourão! Quer bordar-lhe uns chinelos. preocupou-se com a idéa, dir-se-ia que reza por obrigação, como de resto parece fazer tudo; todavia, é docil, é carinhoza. ama-me; tambem pudera! Se a tivessem dirigido desde a infancia com mais criterio e mais

cuidado, teria dado uma excelente esposa, menos banal e mais ativa. Mais ativa? mas afinal quando eu estou em caza, bem vejo que ella não pára! Está até ficando com uma pontinha de genio que eu não lhe conhecia.

Oh! as surpresas do casamento! Pobre Nêê!... do que ella carece não é de atividade, é de metodo... e um pouquinho mais de habilidade... Macacos me mordessem se eu, sendo mulher, comprasse nunca um chapéu!

Sessenta mil réis por um chapéu! Que é um chapéu de mulher? Um absurdo, um objeto desconexo, hibrido, e hispido. O preto novo (não digo nada para não desconsolal-a), fica-lhe mal. Aquellas plumas, caidas umas, arrepiadas outras, dão-lhe um ar de pequena furia medroza.

Está ahi: já na Mimi, como é alta, vão bem aquelles chapelões á Rubens... Não ha duvida, só o que me irrita na Nêê é a sensibilidade. Hontem de manhã — pensará ella que não percebi que foi chorando para o quarto, só porque me expandi com dois gritos, que, a bem dizer, nem foram gritos, contra a ordem em que achei o meu escritorio?! Eu já tinha adivinhado, desde o meu tempo de estudante, o odio que a mulher consagra aos papeis!

Minha mãe estragou-me muitas notas de estudos; mas o furor de minha mulher ultrapassou o de minha mãe. Depois, o que me amofina é isto: não percebe que é desses papezinhos es-

palhados, desses jornaes marcados, desses livros acumulados sobre a meza e as cadeiras que eu tiro o sustento, o suco desta miseravel vida que vivemos. Miseravel para mim, que faço brotar da idéa, do esforço, o pão, o servo, o vestido, que ella come, que a auxilia e que a veste; mas, para ella?!

Vamos! e ainda hontem ella clamou na sala diante de gente de fóra pelo feminismo! E' feminista, minha mulher! Coitadinha, ella só é feminista quando se resente de qualquer ato mais violento ou mais impensado da minha parte. Então o azul dos olhos enche-se-lhe d'agua. disfarça. sorri. tinge-se de vermelho. engole a sua decepção humildemente, como uma escravazinha submissa, e com um tomzinho de voz em que ainda bailam lagrimas, clama pelos direitos da mulher!

Que sabe ella disso! Afinal, enquanto eu lido, luto, suo e soffro, ella arruma a caza, friza o cabelo e pule as unhas.

Parece-me pouco. Mas, se lh'o dissesse, viria o mundo abaixo. Ha nada mais exaustivo do que o trabalho da mulher?! Sempre a mesma cantiga. Pobre Nêné!

Ella talvez ainda não tenha reparado numa coiza: está engordando.

E' um perigo. Se ao menos fosse alta, como a Mi. E agora, quando sai, já se não pendura no meu braço, naquelle antigo abandono, tão

amorozo e aconchegado. O seu braço é leve e foge às vezes ao meu, como se temesse a observação alheia... Que se passará naquella cabeça de andorinha, quando ella se retrai? Eu finjo que não percebo, para não lhe dar muita confiança. Sempre um marido precisa de certa serenidade, tanto mais que ella, coitadinha, é a fidelidade em pessoa. Também, a quem havia ella de... Tolices. Nem pensar nisso é bom. Pobre Nêê!

O meu rival é o espelho. Isso sim! O tempo que ella leva a empoar-se, a pentear-se, a perfumar-se! E' de fazer perder a paciencia a um santo! E ainda se zanga quando espera por mim! Tem graça: a verdade é que não sei como não consigo, quando saímos juntos, vestir-me antes que ella acabe de se vestir! E' que tenho de fazer tudo: tirar botões, pôr botões na camiza, nos punhos. examinar sapatos. tirar eu mesmo o cazaco do armario... Minha mãe era quem fazia essas coizas a meu pai. Meu pai talvez fosse um pouco ingrato.. Nêê não tem tanta paciencia; mas é arranjadinha. A roupa é cheiroza, bem tratada, a каза está limpinha... sómente as despezas. Oh! a economia devia ser a principal ciencia das mulheres. Não o é. Quem não sabe ganhar, não sabe gastar. Um abismo para o dinheiro, estes lares modestos! As nossas quizilias brotam sempre dessa raiz tenebroza — o desperdicio. Se ella olhasse para

tudo em caza com mais atenção, talvez que até eu não gastasse tanto lá fóra... e a nossa vida seria outra; assim nem sei onde iremos parar! Ah! não sei, tudo se esvai.

De que me serve trazer para o celeiro, se o celeiro deixa voar os cereais com o vento pela janela? E' a tal historia: falta de educação. Depois, toda se põe a tremer e enrubece e gagueja, se me exaspero, se vocifero, se clamo, se bato o pé! Quem nos visse diria que lhe torço a alma com a mão. Pobre Nêê. Não sei que fez das joias. Tenho a minha desconfiança de que as poz no prego, quando estive doente... Ella tem umas abnegações silenciozas, que me comoviam nos primeiros tempos.

Acostumei-me. Não posso attribuir senão ao costume certas indiferenças... No fundo, talvez a verdadeira cauza de tudo isto seja a Mimi...

Pobre Nêê!

---

## Só dois anos de cazados

---

Só dois anos de cazados, só dois, parece impossível, e já elle boceja ao pé de mim com tamanha frequencia e tal franqueza, que parece querer mostrar-me o estomago por dentro, como se isso me interessasse! Ah, os homens! O peor é que no fim de dois minutos, quer eu o queira evitar quer não, eis que principio a bocejar tambem, até me sair agua dos olhos. Quando um homem manifesta assim o seu aborrecimento ao pé de uma mulher, que quererá dizer?

Quer dizer que essa mulher já nada lhe oferece de interessante e, nesse cazo, posso afirmar que meu marido é o homem mais exigente deste mundo, porque onde iria elle encontrar outra criatura mais gentil e mais espirituozado que eu? Só se elle se cazasse com a Réjane ou com a Sarah Bernhardt, de quem fala com tanto exagero que até fico enfadada. Estou certa de que a seu lado elle seria de um tédio menos eloquente. O engraçado é que se me lamento da descortezia dos seus bocejos, elle diz



que é forçado a elles pela dispepsia, mas se digo aos amigos que elle boceja por dispepsia, atalha logo que só o faz quando está com sono!. E' claro que não quer passar por doente, assim como tambem é manifesto que as suas crizes de preguiça só o acometem quando estamos sós; se vem alguém, seja embora esse alguém o Dr. Silveirinha, que só fala em assuntos aborrecidos de electricidade ou de medicina, já meu marido parece outro homem.

Se ao menos elle gostasse de frequentar a sociedade; levar-me a toda a parte. mas não; e quando o faz não se arreda de ao pé de mim, sempre de ouvido á escuta, recomendando-me cuidado no modo de falar, como se eu fosse uma criancinha! Se por acazo tem um momento de distração e eu o aproveito para dizer alguma coiza — que, emfim, não sou muda nem idiota — elle é o primeiro a escarnecer de mim, como outro dia, que soltou a mais estrondoza gargalhada que tenho ouvido em toda a minha vida (de mais a mais ao pé do barão!), só porque eu disse accidentalmente que os cabelos da Venus de Milo eram cõr de vinhatico! Ora se isso é asneira não foi inventada por mim; se eu disse tal coiza, foi porque a ouvi de alguém; mas vá lá agora saber de quem, para attribuir-lhe a responsabilidade!

Quando chega a hora das responsabilidades ninguem aparece. Em todo o cazo não era as-

sunto para rir; é mais inocente entretermo-nos a falar da côr dos cabelos de deuzas consa-gradas e eternas, que nunca vimos nem veremos em nossa curta existencia, porque vivem empalhadas em muzeus a centenaes de leguas das nossas cazas, do que cochicharmos contra a vida alheia. Tudo isso indica que elle já não me ama, que se sente constrangido ao pé de mim, ou que dezeja aprizionar a minha alma no meu peito, para que eu morra sufocada, sem dezabafo.

Não foi para isso que eu aprendi francez e muzica.

Muzica eu sei e até muito melhor do que elle — que só de solfejo tive dois anos — e entretanto outro dia, quando eu disse na sala que o João Benedito é um émulo de Wagner, meu marido sussurrou-me ao ouvido rapidamente:

— Não digas asneiras; o João Benedito não é compositor! — Como se tambem não fosse um grande pianista! Terá elle ciumes do João Benedito? Quem sabe?... só o ciume explicaria alguns dos seus atos, como o de não gostar, quando se vê coagido a levar-me a certos banquetes, que eu fique perto de pessoas de mais consideração. Pensará elle, porventura, que eu não tivesse percebido que, sexta feira, no jantar do Souza, elle tanto andou e tanto fez que mudou o cartão com o meu nome para junto do

talher do conselheiro Braga, que é surdo como uma pôrta? Compreendi-lhe a manobra num relance e durante todo o tempo que estivemos á meza, meu marido, descansado e feliz, comeu como um nababo!

Foi a primeira vez que, numa festa, eu o vi com ar tranquilo. Era porque elle não podia imaginar que o Braga encontrasse entre os gelos dos seus oitenta anos a florzinha de um madrigal que me oferecesse para delicia de uma dessas curtas horas de *flirt* que toda a gente cultiva. Mal sabe meu marido que os velhos são os peores. Mas quando eu falo em zelos, ainda elle se ri. Que não, afirma, que não é ciumento; não se opõe a que eu uze as mais indiscretas fórm. de vestidos, que é sempre pela *toilette*, na sua opinião, que as mulheres procuram conquistar os homens e humilhar as outras mulheres, suas rivais. Na verdade, elle não conta o dinheiro que me dá — Compra as joias do Rezende, compra todos os chapéus e todos os vestidos modelo da Maison Pompadour. «Ir·radia, sê elegante, sê chic, mas não fales» — é o seu lema. Isto comigo, que sempre fui considerada como a mais tagarela da familia e a mais bem falante! Meu padrinho até me chamava — a menina dos ditos inéditos.

Se é bem verdade que cada homem inventa um martirio novo para uzo domestico, convenhamos que o deste é bem singular.

Quando estamos sós, boceja, não acha que dizer: esgotou os assuntos nas palestras do escritório, da confeitaria, ou do bonde; pergunta-me sempre as mesmas coizas, mal responde ao que eu pergunto, arrasta-se da meza para a cadeira de balanço, da cadeira de balanço para a sua secretária, enche-me a каза de papelada e de revistas sem graça, cheias de maquinas, e quando vem por acaso alguém de mais espirito vizitar-me põe-se de sentinela, não aos meus olhos, mas á minha lingua, para que eu não fale demais!. Se eu lhe dissesse que hontem, em каза de mamã, conversando eu com meu tio ministro sobre coizas sérias, meu tio riu-se até ás lagrimas, sem se poder conter não sei por que idéa associada ou por que exquiritice, meu marido ficaria logo afogueado e opresso, como quem vai ter uma congestão. O melhor é não lhe dizer nada e seguir os conselhos da tia Joanninha que mil vezes me preveniu: «menina, o sistema de contar tudo que se passa aos maridos, é muito prejudicial para as mulheres. Os homens afligem-se por muito pouco; quer moral, quer fizicamente são uns fracos; pois não lhes basta ás vezes uma simples dôr de dentes para os fazer gritar? Qualquer febrinha torna-os impacientes e nervozos, qualquer reumatismo obriga-os a gemer. Será a sua carne mais sensivel á dôr do que a nossa? Qual! o que lhes falta é a paciencia, a educação do so-

frimento, com que nós nos fortalecemos para as lutas da vida e do matrimonio, principalmente as do matrimonio.» Tia Joanninha tinha o direito de falar e de conhecer bem os homens, porque se cazou quatro vezes. Quatro maridos, quatro sentimentos, quatro tumultos, e sempre a falar mal do cazamento, a tia Joanninha! Entretanto nenhum dos seus defuntos a mandou calar, como o meu marido me mandou a mim hontem na sala, só porque eu disse ao Azambuja que o maior poeta da França no seculo dezenove foi Gambetta. Meu marido apressou-se logo, muito aflito, como se disso viesse mal ao mundo: — «Ella quer dizer Victor Hugo» — Chega a ser dezaforo elle afirmar que eu quero dizer coizas diferentes das que digo! Meu pai, que era um homem muito ilustrado, tinha grande admiração por Gambetta e falava nelle frequentes vezes, para que eu o possa ter esquecido. Quererá meu marido, simples engenheiro mecanico sempre enfrornado em algarismos, saber mais do que meu pai, advogado e politico de fama? E ainda o estúpido do Azambuja, por adulação ou não sei o que, exclamou logo com arzinho de desculpa, todo lampeiro: «Percebi que foi lapsol!» — Oh, suave, oh, encantador Azambuja!

Aposto em como elle não percebeu coiza nenhuma. . . Eu, se quizesse teimar, ninguem me venceria; mas não quero; fico com a minha ra-

zão e deixo os outros com a sua indelicadeza. Nas lutas do casamento as mulheres são sempre as mais generosas.

Umás sacrificam a sua beleza, outras o seu orgulho; eu terei de sacrificar o meu espirito. Serei a mais abnegada.

---

## A curiosidade e a razão

---

ELLA, procurando a assinatura de uma carta que acabou de abrir: — Bonito! uma carta anônima.

A RAZÃO — E' melhor queimal-a antes mesmo de a leres...

ELLA — Sim.

A CURIOSIDADE — Lê ao menos a primeira linha.

ELLA, hesitante: — Não sei se deva.

A RAZÃO — Não debes!

A CURIOSIDADE, com voz intensivamente suplice: — Lê!

ELLA — Só a primeira linha...

A CURIOSIDADE — E' letra de mulher... quem será?

A RAZÃO — Uma inimiga!

ELLA — Quem sabe! (lê):

«Como boa amiga avizo-te de que...

A RAZÃO — Suspende essa leitura, antes de lhe aspirares todo o veneno. Vais ler uma men-

tira, que se cravará no teu peito como uma verdade dolorosa.

A CURIOSIDADE — E se não for mentira?

A RAZÃO — Mentira ou verdade, é sempre melhor ignorar..

ELLA — Isso não!

A CURIOSIDADE — Lê para diante!

ELLA, a tremer, devorando as letras com olhos de espanto:

«teu marido enganou-te quando te disse que te amava...

A RAZÃO, interrompendo a leitura — Não creias! E' uma falsidade! Lembra-te bem do fulgor dos seus olhos, do tremor das suas mãos geladas, da sinceridade da sua voz comovida e tímida na noite em que te confessou o seu amor. Não ha dissimulação que crie aquelle embaraço. Elle disse a verdade; tu o adivinhaste, tu o sentiste; o amor vê-se. Essa mulher inveja essa hora da tua vida e quer perturbar-te a felicidade de hoje com o seu bafo imundo. Vê que ella não póde saber o que se passa no coração dos outros. Não póde, não póde!

A CURIOSIDADE — Quem sabe?. Lê mais!

ELLA, toda agitada:

«e engana ainda, porque escarnece da tua paixão eterna com.

A RAZÃO — Deixa cair das tuas mãos honestas esse papel nojento.

ELLA, alvoroçada, branca como o linho:



— Deus de Misericórdia, esclarecei a minha alma!

A RAZÃO — Não faças cazo. São palavras escritas pela mão da perfidia. Não deveras ter aberto essa carta; mas, já que a abriste, sê forte e esquece-a.

ELLA — Não posso..

A CURIOSIDADE, com impeto — Continúa, continúa!

ELLA, com o rosto em braza, lê: «uma de tuas amigas. . . que te beija na boca.»

A CURIOSIDADE — Qual das amigas será?

A RAZÃO — Nenhuma.

ELLA, torcendo as mãos, num desespero: — Elle escarnece do meu amor eterno e conta á outra as palavras que lhe digo, os olhares que lhe lanço, a alegria com que o recebo e a saudade que me deixa ao afastar-se de mim! «Elles» riem-se deste afeto tão profundo e tão simples. o meu pobre nome salta de um para o outro como velha péteca já sem forças para subir muito alto. muito alto. E' o que me dóe, que ambos escarneçam de mim... mas porque?

A RAZÃO — Não creias. Elle adora-te. Fica certa de que, embora amasse outra, não se riria nunca de ti em sua companhia!

A CURIOSIDADE, com olhar indagador — Será a Amelia? será a...

ELLA — Ha de ser talvez alguma intima, que

venha deitar-se em meus divans para me ouvir falar d'elle. ou que se empape nos meus perfumes, emquanto me visto, provocando-me confidencias sobre os seus habitos e os seus gostos... Assim, pela minha boca ella terá conhecido a sua alma. sem que eu tivesse ao menos presentido o ardil... Agora pelo seu nome eu daria tudo!

A RAZÃO — Pois aqui o tens: Intriga!

ELLA nervozamente — Não, não é intriga, é a verdade; eu sei, eu sinto, é a verdade. Elle ama outra, toda a gente o sabe, só eu o ignoraria sempre, se não m'o dissesse esta carta. Cega e estúpida que tenho sido! Que sou eu agora para elle? o passado, a sombra de um sonho dezinteressado e extinto; nada mais!

A RAZÃO — Será um devaneio talvez... mas o grande amor da sua vida és tu!

ELLA, chorando — Qual! elle já se cansou da côr dos meus olhos e do sabor do meu beijo... Tudo acabou..

A RAZÃO — Um grande amor não morre nunca... adormece, mas renace mais bello apóz cada sofrimento.

A CURIOSIDADE — Será a Carlota? será a...

ELLA, indignada — A Carlota é elegante, mas eu sou mais bonita!...

A CURIOSIDADE — Quem sabe? os homens ás vezes têm caprichos.

ELLA, com os olhos perdidos numa neblina de lagrimas — Sim, os homens têm caprichos ex-

traordinarios. gostam da mobilidade; a fixidez de uma paixão unica aterra-os.. talvez que elle não tivesse deixado de amar-me se temesse perder-me. mas viu que a minha alma vive prostrada a seus pés, numa submissão extatica e enfadonha. oh! o amor conjugal deve ser, para um homem moço e de temperamento nervozo, de uma monotonia atroz. A absoluta certeza, a absoluta confiança na fidelidade da mulher tornam-n'a dezinteressante aos seus olhos; é o que me forçam a ver nesta hora terrivel da minha mocidade! que hei de fazer agora, que hei de fazer?!

A RAZÃO — Conserva-te impassivel, não abras os teus ouvidos á intriga torpe; envolve-te no teu orgulho e fica no teu lugar. O tempo ha de provar-te que o amor do teu marido por ti é um grande amor.

A CURIOSIDADE — Será?

ELLA — Como hei de eu olhar para elle. falar-lhe, sem trair este segredo que me consome? De mais a mais, habituei-o a fazer-lhe todas as minhas confidencias. Sou transparente aos seus olhos; e uma mulher sem misterio, percebo-o agora, não vale nada. nada!

A RAZÃO — Enganas-te; justamente pelo motivo da tua franqueza elle tem por ti uma grande estima e um grande respeito!

ELLA — Eu prefiro o amor, só o amor, mas muito amor!

A RAZÃO — O amor cristaliza-se com o tempo numa grande amizade ou evapora-se completamente. O que elle tem por ti é rezistente como a rocha..

A CURIOSIDADE, vagueando o olhar incerto, buscando um ponto para fixar-se — Será? \*

ELLA, chorando — São hoje os funerais do meu amor. Está tudo morto.. elle ama outra... devo fingir que o ignoro. e entraremos assim no tremendo periodo em que marido e mulher se toleram apenas. Não era assim o casamento com que eu sonhava!

A CURIOSIDADE, já muito impaciente — Lê para diante! acaba com isso!

ELLA, abrindo o papel, que amarrotara com os dedos tremulos e nervosos:

«procurando ferir-te no coração; tu...»

A RAZÃO — Não voltes a folha!

A CURIOSIDADE — Vira-a depressa.

ELLA, febril, enxugando o pranto que lhe empana a vista:

«és uma vítima da tua iluzão; acorda e salva-te.»

ELLA, num soluço — Salvar-me como, se não sei defender-me!

A RAZÃO — Ainda é cedo para acreditares. Não sabes se foi a mão da Verdade ou a mão da Mentira que te escreveu essas palavras. Finge-te impassivel e espera!

ELLA, alucinadamente — Terei eu forças para

conservar-me inerte, quando me sinto sacudida por tão violentos empuxões? Oh! eu daria tudo por saber tudo, já!

A CURIOSIDADE — Espia...

ELLA — Não... como?

A RAZÃO — Levanta o teu espirito e escuta: se essas palavras tiverem fundamento, será que teu marido ande buscando novas sensações, mas voltará arrependido para a doçura do teu amor. Espera-o.

ELLA, transfigurada pelo desespero — Mas quando elle voltar, eu serei outra!

... ..

A CURIOSIDADE, examinando as letrinhas da carta anonima — Quem teria escrito esta carta? a Jessy?... a Eulina? a.

## Males do Estio

---

«Amigo! Escrevo-te sob uma temperatura de trinta e tres graus á sombra, já de sobrecazaca e de cartola, pronto para ir acompanhar ao cemiterio o enterro do comendador Baptista. O sol racha as pedras. E' meio dia e o suor inunda-me. Como não tenho mulher nem filhos, faço-te a ti esta recomendação: se eu morrer no estio, não convides ninguem para o meu enterro e aos poucos amigos que me quizerem acompanhar á ultima morada permite-lhes que o façam de Panamá e flanelas claras. Aconselha-lhes tambem ventarolas. — Thomaz.»

Quando recebi este bilhete do meu amigo, vestia-se minha mulher para uma vizita de certa cerimonia. Estava exatamente pondo em frente ao espelho o seu chapéu novo, em que se balançam sobre tufos de tule fino uma consideravel quantidade de cachos de lilaz feitos em escomilha ou não sei quê; emfim, flores de uma composição muito cara e muito complicada, tanto que só por cauza dellas nos custou esse chapéu noventa

e cinco mil réis. Era de cem. A modista foi extremamente amavel dando-o por noventa e cinco, na opinião da minha mulher. Como um traste desses não é para andar em caza nem mesmo para sair todos os dias, mas para as grandes exceções de luxo, apesar de pobre e um pouco desfalcado na ocasião, comprei-o.

Li alto o bilhete do meu amigo, enquanto minha mulher observava no espelho o efeito do seu chapéu e corrigia o véuzinho.

Rimo-nos muito e saímos bem humorados, apesar do calor. Tinhamos andado ai uns dez ou doze metros quando ella objetou:

— O sol está muito forte. E' capaz de desbotar as flores do meu chapéu...

— Abre a sombrinha.

— Não basta.

— O bond não tarda.

— Sim. Mas do ponto terminal do bond á caza das nossas amigas ainda é um estirão e com este sol.

— Que se ha de fazer?

— Alugar um carro. Antes gastar dez mil réis em um carro do que estragar um chapéu de cem mil réis!

— Noventa e cinco.

— Grande diferença!

— Realmente. eu bem disse que essa côr era muito delicada...

Em rezumo. Para não estragar as flores do

chapéu da minha mulherzinha aluguei um carro que nos levou ao nosso destino; e como a vizita tinha de ser demorada, despedi economicamente o carro á porta. Voltariamos á hora da sombra aproveitando o bond.

Assim fizemos; mas ao chegar de volta á Avenida deencadeia-se tal tempestade, que em vez de corrermos a tomar o outro bond do largo de S. Francisco, que nos levasse directamente a casa, embarafustámos por um cinematografo, com o fim, não de nos resguardar a nós, que somos moços e estavamos de perfeita saude, mas para livrar de ruina certa os lilazes do chapéu de minha mulher.

Por infelicidade, nós tinhamos justamente visto na vespera á noite, naquelle mesmo cinematografo, aquelle mesmissimo programa!

O acazo fôra mais uma vez estúpido! Mas que fazer? Emquanto aturassemos lá dentro aquella maçada, talvez cá fóra o tempo melhorasse...

Foram mais dois mil réis lançados assim á conta do chapéu de flores. Dois e dez — doze. A sessão foi comprida.

Pelo menos sete fitas! Saímos derreitados. Chovia ainda, chovia mais, muito mais, e eram horas de jantar.

— Vamos assim mesmo? perguntei. Por unica resposta, minha pobre mulher levantou os olhos para a larga aba do seu chapéu de noventa e cinco... não, de cento e sete mil réis. Compreendi.



Encostei-me ao humbral e puz-me a esperar rezignadamente, olhando para as pedras alagadas da rua. O fragor da agua em vez de diminuir aumentava, aumentava atordoadamente. Vendo que minha mulher se encolhia toda e parecia vexada, propuz que, para disfarçar, entrassemos de novo e assistissemos a uma outra sessão. Seria ridiculo ficarmos ali á espera eternamente! Para isso foi preciso comprar mais duas entradas e despender, portanto, mais dois mil réis por causa do chapéu.

O peor é que tivemos de vêr pela terceira vez as mesmas cenas sentimentaes, o que constituiu um suplicio inarravel.

Quem se deveria estar regalando com aquella chavinha havia de ser o meu amigo, tão queixo horas antes. Esse já com certeza teria voltado do cemiterio, mudado de trajés e estaria agora jantando no seu restaurante, folgadoamente, regaladamente.

Quando, acabada a sessão, saímos para a sala de espera, verificámos que a chuva só tinha feito uma coisa: — aumentar.

— E agora? perguntei eu.

— Só um automovel.

— Um automovel?! mas, filha, com este tempo elle não nos leva á caza por menos de uns vinte mil réis!

— E' preferivel gastar vinte mil réis a estragar um chapéu que custou noventa e cinco!

— Não! o chapéu já nos está em cento e nove mil réis: contando as quatro entradas do cinematografo e dez mil réis do carro...

— Paciencia. Que se ha de fazer? Por que não trouxeste guarda-chuva? Esta mania de andar só de bengala!

— E tu, por que o não trouxeste tambem?

— Havia de ser muito bonito; eu de vestido claro e chapéu de tule e de flores com um guarda-chuva preto na mão!

— Parece impossivel como vocês, mulheres, se sujeitam a esses caprichos da moda!

— Ah! somos só nós? Já te esqueceste da carta do teu amigo? Quem sabe até se elle não apanhou uma congestão cerebral por causa da sobrecazaca e do chapéu!

— Qual!

— Talvez aquelle automovel que está ali parado nos levasse por um preço razoavel..

Enfzado chamei o automovel e meti-me nelle com a minha mulher, sem mais discussões.

— Se não fosse o chapéu, dizia ella pelo caminho, eu não me importaria. Até gosto de apanhar chuva, de improvizo, quando estou com vestido de lavar e chapéu simples... e afinal ir da Avenida ao largo de São Francisco não é uma distancia assim tamanha!...

— Certamente que não...

— E á minha saude nunca fez mal a chuva.

— Nem á minha.

— Até parece que estimula o sangue. Obriga a andar depressa.

— Por força... Se em vez de estarmos sentados naquellas duas estafadissimas sessões do cinematografo tivéssemos corrido para o nosso *bond*, estaríamos já em casa, jantando com apetite.

— Sim. Mas comprehendes. Em que estado teria chegado o meu chapéu!...

Quando fui pagar ao *chauffeur* já á porta de caza, elle exigiu a soma de trinta mil réis e uma gratificação ainda por cima. Paguei, despedi-o e entrei casmurro para o quarto de *toilette*, onde encontrei minha mulher já de chapéu na mão, observando as flores com um arzinho melancolico: afinal, apesar das precauções, sempre alguns lilazes tinham pendido, humedecidos, para a copa de palha de arroz e de tule branco, manchando-a levemente de verde e de roxo! «Será precizo, dizia ella, mandar substituir, ao menos estes tres cachos por outras flores. .»

— Ora, filha, isso não valerá a pena...

— Como não?! um chapéu modelo, novo, de noventa...

— Perdão! o teu chapéu mesmo sem a tal substituição que projetas, não nos custou noventa e cinco mil réis, mas cento e quarenta! Para um ricaço isso não é nada, bem sei, mas para nós que mal começamos a nossa vida, confessa que é terrivelmente caro!

— Que se ha de fazer... Uma senhora não póde deixar de sair de chapéu!

— Mas nesta estação de sol ardente e chuvas inesperadas sai de vestido de linho e chapéu dezafiador de tempestades!

— Dizes isso porque és homem.

Calei-me e, como a visse amuada, desprezando a sopa do jantar e o vinho que lhe puz no copo, mandei no dia seguinte substituir-lhe os tres cachinhos estragados do chapéu, por outras tres flores iguaes.

A modista, por ser para nós, fez essa rapida e insignificante substituição só pela quantia de trinta e cinco mil réis. Para outro qualquer seria quarenta, disse ella. No fim de tudo fiquei ao menos com essa consolação; mas, contando com fretes, gorgetas, etc., perdi a noção exata do preço do chapéu. E é melhor assim!

---

## Final de ato

---

- Queres que eu te diga uma coisa absurda?
- Se tens muita vontade, permitil-o-ei.
- Estou apaixonada por meu marido.
- Estás louca!
- Parece-me que sim.
- Talvez te enganes, como da primeira vez!
- Não.
- Mas repara, minha querida, que isso seria ridículo.
- Medonhamente ridículo.
- Senta-te. Estás palida. E basta olhar para ti para se perceber que choraste. Não rasgues o lenço, que não te fez mal nenhum, e conta-me o caso extranho, a historia dessa paixão intempestiva!
- E' isso mesmo. Intempestiva.
- Com que então amas teu marido!
- Sim..
- Desde quando?
- Não sei. Deixa-me respirar. Sufoco, abre

a janela e deita fóra esse ramo de jasmins. Como eu soffro!

— Sempre pensei que tivesses mais juizo.

— Juizo é coisa temporaria. Tem-se hoje, póde não se ter amanhã.

— E' uma alusão?

— Não. Tens pena das flores?

— Tenho. Custa-me sempre sacrificar seja o que fôr.

— E's muito sentimental!

— Vais vêr. Lá se foram as flores. Agora fala.

— Não. Agora respiro.

— Pois emquanto o fazes, eu sempre te direi que ando tambem um tanto ou quanto apaixonada..

— Por quem?!

— Por teu marido.

— Estás louca!

— Parece-me que sim.

— E elle?!

— Elle...

— Que faz?!

— Por emquanto nada.

— Isso é uma loucura!

— Não fazer nada? De acordo.

— E ouzas dizer-m'o!

— Porque não? Não és por ventura a minha melhor amiga?

— Mentas-me.

— Dizes isso quando exatamente te dou a maior prova de sinceridade?

— O que dizes é uma monstruosidade inacreditavel. Tu, apaixonada por meu marido? Não é possível.

— Ora essa; não desfaças no Henrique. Porque não haveria elle de merecer o meu amor? Não mereceu o teu? E hoje ainda com certeza está mais sedutor do que no tempo em que o namoraste. Aquelles cabelinhos brancos nas fontes dão-lhe tanta distinção.

— Oh!

— Não te parece?

— Estás louca.

— De amor.

— Cala-te.

— Porque?

— Porque eu não te quero ouvir.

— Pois eu até pensei que o assunto te interessasse.

— Meu marido ama-te? E' só isso que eu quero saber. Responde. Dize-me tudo, tudo, tudo.

— E's forte?

— Sou forte.

— Nesse caso, aí vai: parece-me que sim.

— Ah! ainda não tens a certeza!

— Que alivio, hein?! mas tudo me induz a acreditar que me ama...

— Que manifestações te dá elle da sua simpatia?

— Várias.

— Especifica.

— Especificarei, mas não me apertes assim tanto o braço!. Os olhos de Henrique.

— Que novidade: os olhos! Mas os olhos de Henrique parecem morrer de amor por todas as mulheres. São de uma languidez natural.

— Quando lhe aperto as mãos sinto-as frias...

— Sempre as teve assim. E' de nacença. Isso não quer dizer nada.

— E o sorrizo? Tambem será de nacença, aquelle sorrizo que elle faz quando me encontra?

— Não. Isso deve ser por efeito de uma recomendação minha. Sempre lhe pedi que fosse amavel para com as minhas amigas.

— E's cruel. Tentas tirar-me todas as iluzões.

— Tu é que és má.

— Eu?!

- Não; ali o meu vizinho!

— Não fui má, fui sincera. Eis o meu grande pecado. Como eu sei que ha cerca de trez mezes não trocas um unico beijo com teu marido, e que te mostras enfadada, julguei agradar-te fornecendo-te um meio para justificar o teu pedido de divorcio.

— Pois se eu agora mesmo te confessei que estou de novo apaixonada por Henrique. Não podes alegar ignorancia desse fato.

-- Agora, não. Mas quando eu me apaixonei



por teu marido julgava-te para sempre enfiada delle. Uma tarde, não sei se te lembras, confessaste-me ter-lhe perdido o amor...

— Era despeito.

— Nunca o supuz. Comecei a observar teu marido com maior atenção e o resultado aí vês! Como sou muito sincera, muito leal..

— Muito!

— Sim, muito; saí hoje de caça com o proposito de te vir fazer esta confidencia, custasse o que custasse. Não quero enganar-te: amo o Henrique, o Henrique ama-me, é preciso que o saibas. Não arregales assim os olhos; aceita a coiza naturalmente, como pessoa de espirito e instrue-me sobre pequenas circumstancias que me interessam para o meu futuro governo: — qual é o prato preferido pelo Henrique?

— Feijão. Feijoada!

— Que máu humor!... E flores?

— As de papel!

— Não te irrites. Uzarei flores de papel. E agora dize-me: a côr?

— Amarelo!

— De acordo. Eu tambem gosto extraordinariamente do amarelo. Vou mandar bordar girasões de oiro no meu vestido para o baile do Itamaraty.. Teu marido valsa admiravelmente.

— Duvido que possa fazel-o agora. Anda sofrendo de um calo.

— Como sabes disso?!

- Por informações do criado de quarto.
- Será por isso que o Henrique tem agora o andar tão cadenciado e bonito?
- Achas?!
- Acho... E eu que sou perita na extração de calos. Vou oferecer-me para tratá-lo.
- Estás doida!
- Porque? Não ha tantas mulheres pedicuras?
- Ha. E essas são realmente muito distintas e interessantes!
- Porque não?
- Estás a caçoar de mim!
- Jámais.
- Dizes coizas estupidas com ar tão sério e convencido!
- Parecem-te estupidas porque estás com ciumes.
- Ciumes de ti? Estás louca!
- Sim.
- Ah, ah, ah!
- Se te ris agora, talvez chores daqui a pouco...
- Cessa essa brincadeira, pelo amor de Deus!
- Escuta. Eu não gracejo. O cazo é este: Henrique pensa em se divorciar de ti para se cazar comigo. Tenho aqui a prova dentro desta bolsa.
- Então já não são unicamente apertos de mãos frias e olhadelas!...
- Não. Estamos mais adiantados. Perdôa a minha franqueza, mas é a verdade...

— Que infamia... que.

— Ouve: combinámos, Henrique e eu, fazer uma viagem á Europa e passar pelo menos um ano de repouzo e de felicidade numa povoação da Suissa, á beira de um lago azul. Eu gosto muito de azul!

— A mim nunca elle pensou em levar-me á Suissa! Cão!

— Não o insultes!

— Elle é meu marido.

— Foi. Vae ser o meu!

— Foi, não; — é.

— Mas se Henrique nunca te levou á Suissa foi porque nunca lh'o pediste. No tempo em que te amava conseguirias delle o que quizesse...

— No tempo em que elle me amava!

— E em que tu o amavas. Lembra-te que foste tu a primeira a abandonal-o... descuidaste-te da tua felicidade. Os homens vingam-se.

— Não o abandonei tal!

— Tinhas impaciencias. Quando o vias no escritorio com os seus livros, ou enchias a sala de gente tumultuoza, que o atrapalhava ou saías para a rua sem mais nem menos...

— Ia vizitar as amigas. Nunca tive nem um simples *flirt!*

— Mas não apreciavas a sua companhia. Elle advertiu-te. Tu te irritaste; e por tal modo te irritaste que fugiste para casa de tua mãe, onde

estiveste dois mezes; e se não fosse a intervenção de teu pai ainda lá estarias!

— Antes estivesse!

— Porque?!

— Henrique, nem sequer foi á porta receber-me quando eu voltei. No escritorio estava, no escritorio ficou.

— Talvez estivesse a escrever-me...

— Hein?!

— Nada. Porque não o procuraste tu?

— Porque sou muito orgulhoza.

— Elle ter-te-ia aberto os braços.

— Competia a elle vir procurar-me.

— Fechaste-te no teu quarto!

— Só com o trinco. ..

— E elle?

— Nem um passo. Como para demonstrar que se tinha acostumado á separação. Não lhe fiz falta. A verdade é que já de ha muito elle se dezinteressara da minha companhia. A prova é que me deixava sair sózinha quando a sua obrigação seria acompanhar-me.

— Então elle tinha necessidade de estudar muito para o seu concurso...

— E eu não tinha necessidade de morrer de aborrecimento, sózinha em casa!

— Ao lado delle!

— Elle era dos livros. Mas afinal o concurso acabou.

— E teu marido, teu *ex-marido*, fez uma figura

brilhante. Mandei-lhe por essa ocasião uma carta de felicitações e uma pequena lembrança. O meu retrato.

— O teu retrato!..

— Entretanto, tu nesse dia não vieste jantar em casa.

— Eu não me lembrava... e andava tão nervosa! O teu retrato!

— Henrique soffreu uma decepção enorme com a tua indiferença.

— Estás bem certa disso?!

— Certissima. Mas não faças beicinho. Chora á vontade.

— Choro de raiva.

— Deves ter paciencia. A situação foi preparada por ti. Henrique amava-te. Tu não o comprehendeste. Demonstraste um espirito muito acanhadinho. As espozas amantes interessam-se pelos triunfos dos maridos. Henrique é um homem de ciencia. Terá um nome universal. E eu terei, confesso-te, um grande orgulho em ser a sua mulher, a sua companheira. Elle pretende fazer conferencias na Suissa. Naturalmente, todos que o ouvirem olharão para mim com certa curiosidade. A admiração que sempre inspira á turba a mulher de um homem superior

— Cala-te!.. Dá-me a tua bolsa.

— Prefiro dar-te a vida.

— Quero ler a carta de meu marido.

— Sofrerias muito..

— Não importa. Mostra-me a carta, ou não acreditarei uma só palavra do que me disseste!

— Estás gelada. livida. Procura dominar os teus nervos. Precizas de toda a tua coragem.

— Dá-me esse papel.

— Para que, se não amas Henrique?

— Adoro-o!

— Iludes-te, como da primeira vez...

— Adoro-o, adoro-o como nunca, e por nada desta vida consentirei em divorciar-me delle! Entendes?!

— Que remedio terás!

— Oh! que inferno!

— Então lê; mas lê alto. Quero gozar o teu tormento.

... ..  
 ... ..

«Convença minha mulher e sua amiga a partir no sabado comigo para a Suissa. Tenho passagens compradas e deveremos partir do caes Pharoux ás tres horas da tarde; se ella não quizer, irei só. Espero no meu escritorio, entre os meus livros, que ella mesma me vá dar, com a sua resposta, o abraço da reconciliação. Não posso mais!»

... ..

— E agora?!

— Ah! Comediante!.. ah! Anjo!... Como eu te amo!

— Não me abrace tanto... Olha que me amarrotas o vestido...

— Mas como os homens são vaidozos! Vês? Quer que seja eu a primeira a ir ao escritório...

— Para te reconciliares também com os seus livros. Se eu fosse a ti, depois de o abraçar a elle. iria muito respeitosamente cumprimentar o Larousse!

— Não seria melhor que a reconciliação se fizesse em alto mar?

— E dizes que o amas!

— Tens razão. O meu amor é mais forte que o meu orgulho. Não hezito; vou beijar o Larousse!

## Ninguém poderá dizer

---

Ninguém poderá dizer que eu não ame o meu marido. ao contrario, acham-me talvez exagerada na minha ternura por elle... eu mesma, refletindo bem, sinto que a sua companhia me é absolutamente cara. basta-me pensar que em tantos anos de cazada eu ainda não me habituei a sair sem elle e, quando o faço, tenho a sensação exquizita de ser um ente incompleto, como alguém a quem tivessem amputado um membro sem dor, nem sangue, e saisse logo para a rua, levando a saudade desse pedaço de si mesmo... dir-se-ia então que meu marido é a melhor parte de mim, a parte pensante, dirigente, apta para a compreensão e a analize dos fatos que exigem a minha apreciação...

Mas se isto é assim, e é assim, porque não me agrada e me atrapalha tanto a sua presença em caza, desde que ella exceda a das horas costumadas?

Porque me é doce a companhia de meu ma-



rido nos domingos e dias santificados e me é quazi intoleravel nos outros?

Não ouzo interrogar ninguem sobre este cazo complicado, tanto receio que elle seja o symptoma de alguma incuravel doença d'alma... Raciocinando sózinha, em frente ao espelho cristalino da minha consciencia, percebo isto: quando nos dias de trabalho meu marido tarda meia hora. um quarto de hora mais que a hora habitual de voltar para caza, a tonta da minha cabeça começa logo a imaginar dezastres ou certas distrações que o seu carater não autoriza, mas que me fazem chegar muito tola-mente as lagrimas aos olhos... Nesses instantes de ciumes. ciumes sem corpo, incertos, de que elle nem suspeita a existencia, eu peço fervorosamente a Deus de mãos postas, que inspire ao senhor meu marido um outro meio de vida que o obrigue a permanecer dia e noite debaixo das mesmas telhas que me cobrem a mim! No entanto, se no outro dia, quer seja por sugestão do meu dezejo ou por outra qualquer cauza inesperada, elle delibera, como hoje, ficar em cazá desde que se levanta até que se deita, não sei como esse mesmo espelho que dentro de mim tão fielmente reproduz imagens amorozas, não estala de indignação diante da minha impaciencia!...

Oh! um marido que não sai! um marido que não sai póde ser comparado ás coizas mais

contraditorias e extravagantes : elle é um ladrão das horas indispensaveis á mulher para o seu trabalho ou a sua reflexão ; elle é uma esponja em que se absorvem todas as atenções da caza ; elle é, sobretudo, uma acuzação viva, ininterrupta, a todas as nossas imperfeições... Acostumados a agir largamente lá fóra, parece impossível que esses senhores, quando se metem na gaiola domestica, entendam que se devem imiscuir em tudo, examinar miudamente tudo, saber o porquê de tudo !

Se uma porta se abre : — Porque se abriu aquella porta ? Não ha necessidade de abrir aquella porta... fechem aquella porta, ou eu trago molas para aquella porta ! E quanto mais os maridos censuram, mais a gente se atrapalha ; pelo menos, eu, quando Lulú está em caza, não faço nada com geito ; começo a andar á roda delle, como se eu não tivesse vindo ao mundo senão para o amar, e deixo tudo mais andar á revelia. elle finge não comprehender estas coizas e não poupa as suas observações ! Olhem ainda agora :

— Como esta criada varre mal a caza ! Parece impossível que tu consintas que ella levante tanto pó. isto estraga tudo e asfixia a gente ! Eu estou asfixiado ! Uma dona de caza intelligente não tolera tal ! Hoje ninguem varre a caza ! Passa-se um pano molhado no assoalho !

Não parou nisto a impertinencia.

Os trastes, vistos á luz crua do meio-dia, pareceram-lhe naturalmente mal polidos, porque olhou para elles com olhos descontentes... As crianças inquietaram-no... Tambem, parece de proposito. quando o pai fica em caza, ellas, pela novidade ou não sei por que, começam a rodeal-o e não estudam nada! já se sabe que depois lá vem a pilheria: «precisariam ser dirigidas de um outro modo, com tabella regimental para horas de labor e de recriação». Teorias não faltam aos homens; eu queria vel-os praticando tudo que preconizam! Lulú ainda hoje se zangou, porque o almoço foi muito demorado... elle tinha que fazer! pois bem, depois do almoço deixou-se ficar sentado na mesma cadeira, mais de meia hora, olhando para as moscas! Dizem que os homens morrem mais cedo do que as mulheres; não creio; mas se assim for, é porque se fazem máu sangue com as suas exigencias... As mulheres têm muito mais filosofia. O que o meu Lulú hoje se consumiu, só porque o carteiro veio dez minutos mais tarde O peor é que a cada uma das suas impertinencias, eu me entolho assustada dentro da pele e o efeito deste retraimento abala-me por todo o resto do dia. A's vezes dou-lhe razão e julgo-me uma incompetente para dirigir qualquer coiza, como ainda hoje, quando elle exclamou com tão sincera entoação de desespero, ao ver o jarro novo do lavatorio já rachado no fundo:

— Senhor, só em minha caza acontecem destas barbaridades!

Não juro, mas desconfio que foi elle mesmo quem, sem o perceber, rachou o jarro, deixando cair dentro delle a navalha de barba. mas, fosse ou não fosse, a verdade é que para meu marido não ha caza no mundo tão destruidora como a nossa! E' verdade que já meu pai, quando perdia algum papel, ou via quebrar louça, punha as mãos na cabeça e dezencajava do peito a mesma fraze acuzadora:

— Que caza esta! Não ha em toda a terra outra em que semelhantes descuidos se possam dar!

Elle dizia aquillo com tamanha convicção, que supuz sempre que pudesse ter disso uma certeza absoluta! Os homens sabem fazer-se acreditados até quando nos falam, a nós, mal de nós mesmas!

E' celebre! quando meu marido não sai durante um dia inteiro, como hoje, tenho a impressão, realmente muito exquizita, de que a minha caza diminue! Salas, quartos, corredores, tudo me parece mais acanhado, como se as paredes se quizessem juntar para comprimir-me... Não é porque Lulú tome muito espaço, coitado, elle está bem magrinho. mas é talvez porque elle não pára, está, como Deus, em toda a parte, a ponto de que, sabendo-o na sala e estando eu na cozinha, sinto a sua presença na cozinha, de

tal modo elle se faz o centro de todas as atenções! E' essa exigencia inconciente da sua vontade que me quebra os braços e me alheia da minha individualidade, impondo-me uma subordinação que me inquieta e que tira á minha vida as unicas horas de independencia. relativa.

Será falta de amor, o que me faz pensar assim?! Não... eu amo Lulú. amo-o até ao enternecimento! Mas se não é falta de amor, qué especie de sentimento será este, que produz tão singulares efeitos? Não sei... qualquer coisa de que eu nunca atinarei com o nome e que já fazia dizer á minha querida avózinha:

-- Os homens não foram feitos para estar em caza!

E ahí está: vovô não saía nunca! Vá uma pobre mulher ignorante entender essas subtilidades.

---

## O que eu admiro

---

.. O que eu admiro ainda mais nas mulheres é a honestidade. a natureza foi acertada fazendo-me rapaz, porque, positivamente, se eu fosse do outro sexo creio que não haveria nem razões de familia nem de qualquer especie que me pudessem obrigar á attitude impecavel de mulher virtuozza. oh, deve ser uma attitude absolutamente incomoda.. absoluta... mente.

Homem! parece-me que estou abuzando um nadinha dos adverbios! É como minha mulher com o — sabe — Ella intromete aquelle maldito «sabe» em todas as frases afirmativas, negativas, interrogativas. quer imponha, quer suplique... é um horror! Coitada, quando eu volto para caza, como hontem, depois da hora regimental de correr o trinco e a encontro no silencio adormecido da sala de jantar disfarçando cochilos entre bocejos, a vigiar que o chá não arrefeça, toda encolhida dentro das roupas dezatadas, a folhear um romance de que

nem leu o nome do autor, a par de uma certa piedade sinto, irrezistivelmente, um vago desejo de rir, ao mesmo tempo que me enfureço, ralho e lamento aquella pertinacia, aquella tolice de sacrificar doces horas de sono para esperar-me até tarde da noite, sem utilidade alguma...

Pobre alma! vem sempre com aquella cantilena dos cuidados... apreensões, não sei que mais, como se eu fosse uma criancinha.. é boa! Eu é que não sou tão tolo que não saiba ler direito por linhas tortas... O que ella quer, pelo sacrificio patente do seu repouzo e talvez mesmo da sua saude, é obrigar-me a recolher mais cedo! Sacrificio por sacrificio, basta-me ás vezes o de ingerir o chá morno e que me sabe a agua chóca, quando ainda sinto na garganta o saborzinho do chocolate da Anysia, ou da cerveja do Pinho. Ahi está a Anysia, essa é que leva a vida como eu suponho a levaria se fosse mulher sem escandalos, mas tambem sem preocupações da sociedade. E' que ella tem imaginação.

... Sempre é bom desconfiar das caras onde fulgurem dois olhinhos espertos... A virtude nesse cazo é uma mulher de mantilha, que só gosta de habitar em cazas feias... Bonito!

Que seria de mim se minha mulher pudesse penetrar nestas minhas idéas, heim? Ficaria horrorizada, coitadinha, e seria capaz, quem

sabe? de fazer alguma tolice. não!. isso não!... blazonaria. ameaçaria... mas conter-se-ia no seu lugar, que ella é o proprio pudor vestido de saias. Não são muito bonitas as saias de minha mulher, mas em compensação são caras.

Pois é assim. eu nunca me cazaria com mulher que pensasse como eu. está claro! e eu sou um dos homens mais pacatos que cobre este lindo céu do Rio de Janeiro!. porque, afinal, as minhas extravagancias são tão raras, tão diluidas, tão discretas, que não constituem, a bem dizer, extravagancias: são pequenas anormalidades, que só têm o merito de dar tom á vida. E é por isso que eu me embasbaco ante a constancia na virtude tão rigidamente mantida pelas mulheres honestas. Dir-se-iam de páu. Cá por dentro posso confessar que as outras são mais interessantes...

É como o amor. O conjugal tem expressão de mascara de arame; as feições regulares, mas nenhum traço que salte aos olhos como um indicio provocador de curiosidade. Entretanto ha muito quem, como disse Oscar Wilde, dê essa especie de sentimento em espectáculo aos outros, como se elle constituísse o mais facinador de todos os pecados! *They plaint theyr conjugal felicity in one's face as if it was the most facinating of sins*, talvez por imaginarem que nestes tempos que vão correndo, um casal que se gabe de



feicidade sem restrições, de ventura absoluta, deve ser considerado como um fenomeno curiozissimo! Por mim desconfio sempre dos cazais muito demonstrativos. A taboleta no sentimento desperta a ideia da falsificação.

Eu daria alguma coiza para poder penetrar no cerebro de uma mulher rigorosa e de reputação intata. E' impossivel que ao menos em imaginação ellas não cometam alguns delitos, porque afinal são seres humanos e não monstros de especie diferente da nossa.

E' incrivel o que se tem coragem de pensar e não se tem coragem de dizer! Como eu escandalizaria as familias burguezas se lhes dissesse estas barbaridades que estou pensando. Deus me livre. Ao contrario; em voz alta as ideias devem vestir os trajes da convenção, para parecerem outras... Alguem teria coragem de sair nú, para a rua? Só estando doido. Assim um pensamento, para ser bem admitido na sociedade deve envergar a cazaca que, ou de algum modo, ou completamente o transfigure. Em publico eu não compreendo que uma senhora que tem o dever de ser honesta seja dezhonesta; mas no meu fóro intimo não compreendo por que milagre as honestas conseguem dominar a besta e conservarem-se dentro do apertado circulo que forçozamente as constringe e de onde governam o mundo. E' extraordinario, é quazi inacreditavel; mesmo porque, afinal, pensando

bem, os proveitos auferidos de tão grandes renúncias só felicitam os outros.

Afigura-se-me a mim, que a honestidade da mulher é um capital empregado a favor da família, com largos juros futuros... As inocentes imolam o seu coração a bem da felicidade alheia... o que as não impede de terem ás vezes os seus despeitos... Ainda quinta-feira, achei muita graça no baile do barão: minha mulher arrenegou-se porque ninguém, mas positivamente ninguém, a tirou para par, ao passo que a mal afamada mulher do Alboim se sara-coteou em todas as valsas e contradansas... A sua má reputação, na sã opinião de minha mulher, deveria afastar-lhe a concorrência dos pares. Santa e dulcíssima ingenuidade! Estive vai não vai a esclarecê-la, a afirmar-lhe que essa própria má reputação que a arrepiava e lhe franze a boquinha numa careta de nojo, é que dá á outra a pimenta, o sal, todo o tempero de salada apetitosa. Contive-me prudentemente e dezan-dei, ao contrario, a consolar a pobre alma com todas as chapas do costume. Nem me atrevi a dizer, como uma justificação natural, que a mulher do Alboim é uma flor e dança como um pião; nada; ataquei-lhe com força a ducha da malignidade e da censura e louvei as outras que resplandecem como um exemplo e são os melhores sustentáculos da sociedade. Mas minha mulher não se mostrou convencida. Parece que

nem sempre a auréola da virtude consola as mãis de familia. A experiencia tem-me demonstrado que nessas occaziões o melhor é disfarçar e mudar de conversa, antes que ellas caiam em si e lamentem os dias perdidos numa severidade que é como um areal do dezerto... O que nos vale a nós, é que isso vem sempre tarde, quando já não ha tempo para recuperações...

Apezar de que, geralmente, as mulheres não se dão por vencidas senão quando, cansadas da terrivel luta, a vaidade se lhes despega da alma como a casca de um tronco murcho, resequido pela completa falta de seiva. pobres almas, defendem como umas heroínas os seus encantos... tambem, não vivem para outra coisa... a minha vai fazer os seus trinta e e? e seis... é isso!... Ainda está bonitona. um tanto compacta... prefiro vel-a em vestes cazeiras do que espartilhada quando sai. não sei como é aquillo: as gorduras sobem-lhe, arredondando-lhe as costas... Quando eu dezejaria mesmo que minha mulher fosse uma perfeição, é quando sai comigo e por acazo encontramos a Anysia. Outro dia, no bond, a Anysia não tirava os olhos das costas de minha mulher. aquillo estava-me incomodando!. Emfim, ainda a gordura se póde combater com exercicios... regimen... mas do que ella nem sequer suspeita é de que já se lhe vëem a certa

distancia alguns cabelos brancos... por uma exquzitive, são sempre os que parecem mais grossos... E agora por isto: se eu descobrisse um preparado bem fino, bem discreto, com que pudesse disfarçar estes malditos fios que começam a alvejar no meu bigode... é positivamente só por medo do ridículo que eu não tinjo o bigode.. que diabo! toda a gente que me vê hoje assim, perceberia se amanhã eu. é verdade que para a tranzição tenho ainda um recurso: rapo a cara.. esplendido! rapo a cara, e depois, quando o meu rico bigode, que é bem bonito, tornar a nacer, quem se lembrará de que elle tinha antes, entre tantos cabelos pretos, meia duzia de fiapinhos de algodão? Ninguem, ninguém, ninguem! Do que eu careço agora é de um pretexto serio para a mudança de fizio-nomia. Bom... isso tambem se arranja... uma erupção! O conselho de um medico meu amigo que encontrei onde não fui, salvará tudo! Que embaraços haverá no mundo que a sagacidade e a inteligencia de um homem de valor não consigam vencer?!

---

## Não posso ter uma abstração.

---

Não posso ter uma abstração, um alheamento, que meu marido não procure insistentemente penetrar até ao recondito da minha alma, com a autoridade de seu poder absoluto e inimigo de misterios.

Perto delle começo a ter a preocupação de dissimular até as inercias da minha imaginação. Elle entende que, falando ou calada, eu não me devo ocupar senão da sua pessoa, sem dar licença ao desafogo de uma unica idéa em que a sua imagem se não reflita. Dir-se-ia que, com o direito da posse do meu corpo, elle adquiriu o de todos os pensamentos que dezabrochem ou atravessem fugazmente o meu cerebro, espantando-se de certos devaneios, como um lavrador se indigna de ver dentre os cereais plantados pela sua mão, em terra sua, dezabrocharem florinhas agrestes, com que não contava, e de que o vento misterioso trouxe e por ali espalhou as sementes.

Quando nos fugitivos segundos de abstracção acordo á voz d'elle, que me pergunta:

— Em que estás pensando?! — e lhe vejo as pupilas verdes traspassadas de uma curiosidade inquieta fixarem-se tão soberanamente nas minhas, estremeço, como se tivesse sido colhida em flagrante delito de uma feia culpa, de que ignoro o nome!

Cada idade tem as suas vizões... Quem o mandou cazar-se com mulher bonita e muito mais moça do que elle?! Se eu fosse feia. ou se tivesse mais 15 anos, que seria a sua idade justa, elle rebuscaria assim na minha alma com tão desesperada anciedade?... Quem me responderá? Joanninha e Custodio têm a mesma idade.. uma e outro trinta e cinco anos. e é cada cena! Ah, mas isso é diferente; elles querelam-se por fatos vividos e não por fantasmas imaginarios.. Realmente, não sei como hei de convencer o meu rico maridinho de que em dados momentos me é quasi impossivel dizer com exatidão em que ponto do mundo irreal paira o meu pensamento! Se a minha cabeça é divagadora, não é, por certo, por culpa minha.. Creio que a imaginação dos homens, pelo menos dos homens cazados, é mais positiva do que a nossa e não viaja nunca para o desconhecido sem estudos previos, que os orientem sobre os gráus, minutos e segundos das latitudes a percorrer.

Dentro ou fóra do nosso radiante planeta, não ha, com certeza, nada tão positivo como um marido... quando debaixo das telhas conjugais. A sua existencia exterior, lembra certas paizagens vistas do alto da serra: têm pontos limpidos, outros encobertos por delicadas brumas misteriozas, que, em vão, a nossa vista procura penetrar; quizessemos, embora, e nunca os nossos dedos tateariam esse véu movediço e impalpavel, tecido pela habilidade delles e a nossa desconfiança, e erradio como as nuvens.

Quando eu pergunto a meu marido:

— Por que vieste hoje mais tarde?

Ou:

— Para onde vais?

Elle sorri, attribuindo uma pontinha de ciume à minha naturalissima curiosidade; e sinto que nem sempre é sincero na resposta. A's vezes, creio mesmo que chegue a tingir com leves tons malignos e rastilhos de reticencias intenções que não têm nada de perfidas, feitas só com o intuito de estudar-me; outras vezes, essas meias confissões, murmuradas em ar de chalaça, são absolutamente verdadeiras.

Elle realizou ou vai realizar tudo quanto confessa, simulandø brincadeira... Então, a cõr do meu sorriso não deve ser bem definivel, porque á percepção da verdade não deixa de mesclar-se um fiozinho de duvida... Seja como fõr, sempre é mais facil dizer uma criatura de

onde veio ou para onde vai, cazos que representam atos materiais, do que descrever, ás vezes, o que está pensando!

Mas os maridos não entendem assim: elles, que são lá fóra de uma maleabilidade de cêra, são dentro do lar de uma logica de ferro. Insistem pelo «porque» de todas as coizas realizadas ou a realizar, sem desprezar detalhes, dissecando os fatos, exigindo informações miudas e positivas. Tudo se subordina á sua vontade poderosa e á sua sabia determinação..

Dentro das paredes da minha caza ou da caixa do meu cerebro, não ocorre incidente sem que o senhor meu espozo não exija contas escrupulozas... Não lh'as negaria eu tantas vezes, se ellas não fossem de tão difficil verificação.. Mas como lhe hei de responder com verdade e clareza, se eu propria não sei, muitas vezes, o traçado tenuissimo por onde caminham, em curvas de labirinto, as minhas pobres idéas!

Quando os lindos olhos de meu marido, — porque não posso deixar de confessar que elle tem um maravilhoso par de olhos —, traspassam com aquella luz verde, de esmeraldas fluidas, as minhas pupilas, em busca do sonho, do dezejo ou da fantazia que me perpasse pela imaginação, adivinho por uma intuição subita que elle se procura a si proprio, não tolerando que outra imagem habite, embora passageiramente, o meu



espírito! Recolho de chofre a aza inquieta do pensamento que me agita ou me refrigera, e fico perplexa, muda, pelo assombro daquella curiosidade egoista, sem atinar com uma resposta segura, deciziva e pronta. Se, por acazo, no silencio da costura, sorrio á memoria de qualquer insignificancia graciosa, as rutilantes esmeraldas desviam-se das paginas do livro e perseguem no ar a sombra do meu rizo. Em que direção? Não sabem, e é o que ellas procuram, chamejantes e caladas, voltando-se da solidão da saleta para a luz livre da janela aberta. Torno-me seria e surgem logo outros cuidados. As esmeraldas turbam-se, como se uma grande sombra se interpuzesse entre ellas e a felicidade luminosoza. Suspeitam talvez de que essa seriedade indique um esforço moral, procurando subjugar um sentimento culpozo... Tenho procurado ensaiar ao espelho uma fizionomia muda; mas, por outra infelicidade de que me não posso arredar, sempre que estou em frente ao espelho, não consigo deixar de sorrir e nem pensar noutra coiza que não seja em mim!

Precizo realmente sujeitar o meu espirito a uma disciplina rigorosa, que me habilite a negar ao rosto a mais subtil ou menos discreta expressão.

A mulher que não sabe dissimular, nunca parece sincera, porque se trai até pelo que não

existe. Dir-se-ia que, quando o marido tira a mascara, é preciso que a mulher a ponha em si, para que flutue sempre entre ambos uma nevoazinha de misterio e de curiozidade. Os homens só se interessam pelo que não conhecem. Nos primeiros anos do casamento as mulheres precipitam-se inteiras na alma dos maridos. É um mergulho em que se vai até ao fundo; contamos-lhes tudo: segredos nossos e alheios, cazos originais e cazos banalissimos, o que dissemos, o que ouvimos, o que adivinhámos, numa expansão ilimitada! Elles ouvem sorrindo, do alto do seu prestigio, erguendo-se sobre essas almas simples que se lhes estendem aos pés, como tapetes.

Eu fui assim... Mamã foi assim... quazi todas são assim. Mas. chega uma hora em que a gente adivinha que o marido não nos disse tudo.. Enquanto nós nos faziamos de cristal, elle permanecia de carne e osso...

Estremecemos; chegou o instante com que não contavamos, que nos abre a porta a certas divagações... em que o marido toma varias fórmas, desde as de um heroi até as de um carrasco; ou não toma fórma nenhuma. e..

E é então que a mulher que dezeja manter a paz no lar, deve fazer um estudo de dissimulação, cazo não seja repentista. É o meu defeito, não ser repentista. Se o fosse, quando «elle» hontem me perguntou, com um raio de tão an-

cioza curiozidade a traspassar-lhe as pupilas de esmeralda:

— Em que estás pensando?!

Não me teria sido tão facil responder-lhe logo, em vez de embaraçar-me, qualquer banalidade pacificadora, como, por exemplo:

— Estava pensando que nos meus cabelos louros deveria ir magnificamente um grande ramo de violetas escuras?!»

## Caza-te

---

- Caza-te.
- Mas tu estás doido!
- Nunca o estive menos.
- Deus me livre!
- Porquê?
- Por tudo.
- Explica-te.
- Havia de ser muito engraçado que ainda fosses tu quem me quizesse fazer a apologia do cazamento.
- E por que não?
- Ora, meu velho, já te esqueceste que enquanto cazado vivias continuamente querelando com tua mulher?
- Continuamente, não; frequentemente, sim. E disso bem me arrependo.
- Agora.
- Sim, agora, porque nunca amei tanto minha mulher como depois que a perdi.
- E's fantastico.
- Sou sincero. Na verdade, nós discutiamos ás vezes com certa vivacidade...

— E arrufavam-sê outras, como crianças mal-criadas...

— Mas nunca nos desrespeitámos, nem as nossas rúsgas duravam mais que a roza de Malherbe...

— Em todo cazo, não era um espetaculo para animar um celibatario como eu a cazar-se.

— Exageras, tanto mais que as nossas discussões nunca serviram de espetaculo a ninguem, a não ser a ti, meu cunhado e meu intimo.

— Vocês sempre se esquecem de uma entidade perigoza, embora humilde — o criado!

— Lá me tardava. ora, os criados estão acostumados a tudo, porque essas pequenas infelicidades dos felizes são comuns a todos os cazais, acredita.

— Acredito; e é precisamente por isso que eu não me cazo.

— Fazes mal. Afinal de contas, o casamento ainda é o que ha de melhor na vida.

— Oh! lá, lá!

— E' o que te digo. O homem não nasceu para a solidão, e a alma, como o corpo, precisa de um espelho bem intimo em que reflita as suas esperanças e os seus dezasocegos.. Ora, desse espelho só o matrimonio tem o segredo da fabricação, visto que não ha intimidade como a que existe entre marido e mulher.

— Palavras. Como se alguém ignorasse que

exatamente entre marido e mulher é que muitas vezes o interesse da ilusão é maior.

— Como assim?

— Não te faças nem me faças de ingenuo, porque jámais me convencerás de teres confiado a tua mulher qualquer das tuas infidelidades conjugais..

— Bom; isso é outra coiza.

— E' a mesma; nem ella tão pouco me convenceria de te ter comunicado todos, mas absolutamente todos os seus pensamentos...

— Ella não tinha segredos para mim.

— Sabes lá! Todos nós, homens e mulheres, temos segredos até para nós mesmos.. *Ninguém se conhece* — é a unica certeza conhecida a esse respeito. Na verdade, ha tanta coiza obscura em nós e que fica para sempre de nós mesmos ignorada!

— De acordo. Ha tambem de vez em quando uma ou outra coiza que dezejamos que os demais, ou pelo menos *alguem* entre os demais, ignore. Mas para isso, que diabo, resta-nos a faculdade de só procurar o *auxilio* do nosso espelho, quando elle nos seja necessario. *Ninguém* vive perenemente no seu quarto de *toilette*.

— Compreendo: na tua idéa mulher e marido representam o papel de utilidade momentanea.

— Constante. Mas deixemos as imagens e falemos claro. A verdade é esta: em geral,

mesmo os bem cazados lá têm um dia ou outro em que divergem de opiniões e discutem e se alteram. E' natural. Até seria ridiculo que por mera formalidade um delles subscrevesse todas as opiniões do outro...

— Está claro. Para deante.

— Então cada qual tem o seu dezabafo e a sua teimozia. Um quer ir para a direita enquanto o outro o puxa para a esquerda; ha um afinal que cede, mas que por isso mesmo se queixa, outro que vence mas que se irrita; as nuvens acastelam-se e escurecem-se, parece que vem o mundo abaixo com trovoadas e fuzilarias, até que, de repente, do fundo da consciencia sopra uma doce aragem, que dissipa a tempestade e faz voltar o bom tempo.

— Bonito!

— Escuta ainda: a bem dizer, no casamento ha trez fazes: a primeira é a da ebriedade; a segunda a da inquietação e a terceira a da amizade amoroza e profunda, que é a mais nobre e a mais doce das trez.

Na primeira, mulher e marido olham um para o outro atravez de lunetas côr de roza, estando dentro do periodo a que chamam da *lua de mel*.

— Sempre achei o mel uma coiza intoleravel...

— Na segunda faze do casamento olham-se marido e mulher, não já atravéz de cristais

otimistas, mas de verdadeiras lentes de aumento, buscando cada um descobrir na alma do outro misterios que o ciume inventa, intenções perversas, deslealdades, ou a verdade absoluta, a verdade nua, a verdade inteiriça de um amor sem macula.

O amor arroga-se então ares de direito. A menor suspeita o melindra, uma palavra menos prudente desnorteia-o.

— Deve ser horrível.

— Só na terceira fase do casamento mulher e marido se contemplam a olho nú. Conhecem-se então, e contam um com o outro para a travessia do mais doloroso passo da vida — o que transpõe os humbrais da velhice.

Quem logrou passar de mãos juntas a segunda fase do casamento, pode ter a certeza de encontrar na vida a mais perfeita felicidade que é dado ao homem gozar neste planeta errante e, como nós, sujeito ás ignotas leis da natureza...

Se, como disse o poeta, é verdade que:

*Il faut beaucoup souffrir  
pour beaucoup etre heureux,*

os cazais que mais dores tenham tido em comum, mais habilitados estão para um fim de vida feliz. Atribuições de pensamento, perdas de posição ou perdas de filhos, ciumes, justificados ou não,



perdões, arrufos, reconciliações, tudo as aguas da Vida que corre levam consigo, e os que rezistem ao seu impeto triunfam das suas lutas na pacificação de um sentimento superior.

— Na tua enxurrada de palavras falaste ahi em *perdão*, como de assunto facil. A mim bastaria a idéa de me ver um dia na contingencia moral de perdoar a *alguem*, para fugir desse *alguem* a sete pés. Eu não sei perdoar, como não posso esquecer, — e não compreendo *perdão* sem esquecimento.

— És um selvagem egoista; reflete uma hora e verás que não sendo deste mundo a perfeição, nenhum homem tem o direito de exigir da sua mulher a perfeição, como tambem ella não tem o direito de a exigir do seu marido. A humanidade é fraca, e se o erro é uma das suas contingencias, não exijamos para nós o impossivel.

— Na questão do casamento sempre o marido exige impossiveis... na opinião das mulheres, que eu aliáz respeito e considero. Ellas sim, coitadas, é que sabem perdoar...

— O que te asseguro, barbaro — e abre bem os ouvidos a esta minha afirmativa — é que numa hora de provação, a espoza com que menos se conta assume quazi sempre um alto poder moral, que melhor do que nenhum outro consola e reanima o homem abatido. Então, os seus erros ou defeitos, se ella acazo os teve,

desfazem-se ante a magestade da sua resignação e do seu bom conselho. A mulher reziste ao sofrimento com espantosa heroicidade. Nós, filho, é que somos uns vaidozos, mas infelizmente só percebemos isto... depois de viuvos. Ouve o que te digo: caza-te.

— Quem sabe?...

— Caza-te e sê feliz!

# INDICE

---

|                                  | Pag. |
|----------------------------------|------|
| Os vícios delles.....            | 7    |
| Se por um cataclismo.....        | 15   |
| Cada vez que.....                | 21   |
| O rosto triangular.....          | 29   |
| E' exquizado.....                | 37   |
| Sena de comedia.....             | 44   |
| Foi muito bom.....               | 55   |
| Se eu fosse outra.....           | 61   |
| Ah os-senhores feministas!.....  | 69   |
| Os serões familiares.....        | 75   |
| Reparaste?.....                  | 82   |
| Quem diria.....                  | 89   |
| Estou bem aviado.....            | 95   |
| Ha de ter muita graça.....       | 101  |
| Que diabol.....                  | 106  |
| Quando me lembro.....            | 112  |
| Sonhar é viver!.....             | 121  |
| Já dezanimei.....                | 128  |
| Não sei porque será.....         | 134  |
| Falta de ordem.....              | 140  |
| As mulheres pensam.....          | 147  |
| Mas se é assim.....              | 154  |
| Nessa mesma tarde.....           | 163  |
| Não posso mais.....              | 169  |
| Maninha veio hoje.....           | 175  |
| Não ha nada mais fastidioso..... | 180  |

|                                   | Pag. |
|-----------------------------------|------|
| O inimigo.....                    | 186  |
| A vaidade das ruínas .....        | 194  |
| Em consciencia .....              | 200  |
| Só dois anos de casados.....      | 206  |
| A curiosidade e a Razão.....      | 213  |
| Males do Estio.. ..               | 220  |
| Final de ato .....                | 227  |
| Ninguém poderá dizer.....         | 238  |
| O que eu admiro.....              | 244  |
| Não posso ter uma abstracção..... | 251  |
| Caza-te.....                      | 258  |



120: